

CATHERINE DE HUECK DOHERTY

ALMA DA MINHA VIDA

Título original: *Soul of My Soul*
Catherine de Hueck Doherty
(antes de casar-se: Kolyschkine)
Ave Maria Press, Notre Dame, Indiana, USA
1985

Alma da Minha Vida
Edições Loyola, São Paulo, SP, Brasil
1987

Tradução: Héber Salvador de Lima, S.J.

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

www.madonnahouse.org
www.catherinedoherty.org
<http://writings.catherinedoherty.org>

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

SUMÁRIO

Apresentando a Autora	4
Introdução	15
1. APAIXONAR-SE POR DEUS.....	17
<i>Oração não-ouvida?</i>	22
2. REZAR É ARRISCAR-SE	23
<i>O preço das almas</i>	26
3. SEGURA NA MÃO DE DEUS	27
<i>Oração de louvor</i>	32
4. REZAR É TRANSFORMAR-SE EM ORAÇÃO	33
<i>Como é que eu rezo?</i>	41
5. A MÚSICA DO PASTOR.....	42
<i>Oração: silêncio e canto</i>	52
6. FOGO E LÁGRIMAS.....	53
<i>Contra a falsa paz</i>	58
7. O ESPÍRITO DE ORAÇÃO	59
<i>E esse fogo do céu?</i>	71
8. ORAÇÃO E VONTADE DIVINA	72
<i>Entrega</i>	79
<i>Interlúdio pelo tradutor: CANTO DE ACEITAÇÃO</i>	80
9. RESPOSTA À FOME DOS JOVENS	82
<i>Os jovens perguntam</i>	90
10. CRISTO NOS MEUS IRMÃOS.....	91
<i>Oração que procura</i>	95
11. NADA PODEIS SEM MIM	96
<i>Fogo negro</i>	102
12. A ORAÇÃO DE "BACIA E TOALHA NA MÃO"	103
<i>O cristo solitário</i>	108
13. QUANDO A PALAVRA É PÃO E VINHO	110
<i>O eterno amante</i>	114
14. REZAR EM NOME DE JESUS	115
<i>No meio da névoa</i>	118
15. O GRANDE POÇO DO SILÊNCIO	122
<i>Oração do contraste</i>	129
16. QUANDO SE VAI A UM POUSTINIA	130
<i>Em busca de repouso</i>	135
17. ORAÇÃO E SOLIDÃO	137
<i>O amor solitário</i>	141
18. O ESTRANHO PAÍS DA SOLIDÃO.....	142
<i>A semente</i>	146
<i>Apêndice: JORNADA PARA DENTRO</i>	147

Apresentando a Autora

Catarina de Hueck Doherty é já um nome bastante conhecido no Brasil, desde a publicação de *Apresento-lhes a baronesa*, de autoria deste tradutor, por Edições Paulinas. O livro marcou profundamente alguns milhares de leitores brasileiros, muitos dos quais chegaram a viajar até o Canadá, a fim de conhecer pessoalmente essa mulher extraordinária. Entre esses visitantes, figuram bispos, sacerdotes, religiosas e uma centena de leigos.

Catarina faleceu no dia 14 de dezembro de 1985, aos oitenta e nove anos de idade; de onde se vê que ela nasceu pouco antes do nosso tumultuado século XX. Viveu intensamente a Primeira Guerra Mundial, dela participando ativamente como enfermeira de frente avançada, apesar de contar apenas 18 anos, sem quase ter tido tempo de fazer sua "lua-de-mel" com o marido, barão Boris de Hueck, capitão e engenheiro do exército russo. Catarina foi condecorada com a Cruz de São Jorge, nunca antes concedida a uma mulher, por ter desempenhado uma missão heróica, para além dos seus deveres de enfermeira e para a qual se oferecera espontaneamente. Nessa ocasião, porém, seu cavalo a derrubou sobre a neve e a pisoteou, rompendo-lhe uma das pleuras. Isto representou sua retirada dos campos de batalha.

Com a revolução bolchevista de 1917, veio o tremendo terremoto social que sacudiu e transformou a Rússia. O sangue tingiu a neve. Sendo de família aristocrata, a jovem baronesa sabia o que a esperava... Juntou-se a um grupo de fugitivos a

caminho de Petrogrado. Quando chegou à sua casa, teve a imensa tristeza de saber que vários membros de sua parentela tinham sido assassinados pela revolução. Viveu meses de ansiedade e de terror, escondida nos fundos da sua residência, esperando, a cada momento, a chegada dos soldados vermelhos que a prenderiam ou a matariam. Finalmente, seu marido, Boris, voltou da guerra e os dois resolveram deixar a Rússia, através da Finlândia, onde possuíam uma pequena fazenda. A viagem teve lances cinematográficos e trágicos; mas seu relato alongaria demais esta introdução. Os interessados poderão lê-lo no livro acima mencionado.

Depois de inúmeras peripécias e sofrimentos, o jovem casal conseguiu fugir para Murmansk e, daí, para a Inglaterra. Catarina viveu nesse país algum tempo, aproveitando a estada para aperfeiçoar o inglês, que será sua segunda língua, na qual escreverá todos os seus belos livros de espiritualidade.

Viajou para o Canadá em 1921, grávida do seu primeiro filho, que nasceu em Toronto nesse mesmo ano. Seguiram-se anos difíceis, durante os quais a *baronesa* virou empregada doméstica, balconista, garçonete etc.. . A experiência pessoal da pobreza fê-la valorizar mais os pobres e, pouco a pouco, um pensamento foi-se esboçando em seu coração: dedicar sua vida aos pobres. Este desejo irá encontrar sua primeira modalidade e execução numa *presença* entre os pobres, sendo pobre ela também.

A luta pela vida levou Catarina a Nova Iorque, na esperança de conseguir um pouco mais de dinheiro para sustentar o filho e o marido — que não podia

trabalhar ainda, devido aos ferimentos de guerra. Os poucos dólares que conseguia na metrópole americana iam para Toronto, porque, além do marido enfermo e do filho, ela tinha de pagar uma babá russa, também refugiada de guerra. No fim das contas, ela acaba perdendo o marido, que se envolveu sentimentalmente com outra mulher... E o sofrimento e a fome continuavam, em Nova Iorque.

Em meio a tudo isso, seu sentido de Igreja era fabuloso: sempre encontrava tempo para falar de Deus a soldados desiludidos, a prostitutas e a empregadinhas que eram exploradas, como ela própria, no seu trabalho. Descreve tudo isso numas cartas que começa a mandar ao Bispo Sheil de Chicago e que, mais tarde, serão publicadas com o título de *Dear Bishop (Cartas a meu bispo)*.

Depois de ter chegado às bordas do suicídio, o vento mudou e ela foi "descoberta", quando trabalhava de balconista numa loja de Nova Iorque. Convidam-na a fazer palestras sobre a revolução russa e suas experiências pessoais. Em pouco tempo, já estava percorrendo os Estados Unidos de costa a costa, sendo muito bem remunerada, porque falava com verdadeira maestria, apesar do carregado acento russo que nunca perdeu, até o fim da vida. Mas isso era bom: tornava-a autenticamente russa e as palestras ficavam mais atraentes. Depois de alguns meses, torna-se uma sócia dessa organização de conferencistas ambulantes. Já estava novamente rica!

Aí é que a voz do evangelho começa a soar cada vez mais forte em seu coração: "Vai, vende o que tens e dá-lo aos pobres"! E foi o que ela fez, ao pé da letra,

conservando apenas um depósito para garantir o futuro do filho, Jorge!

Volta-se inteiramente para os pobres. Trabalha com os negros no Harlem e sofre horrores por parte dos brancos racistas que a chamavam de comunista. Entre esses que assim a tratavam havia padres e freiras. Entretanto, Catarina nunca teve mágoa alguma contra ninguém; pelo contrário, teve sempre um profundo amor por todos os sacerdotes. Sempre foram seus prediletos na vinha do Senhor.

Funda as famosas Casas da Amizade para atendimento de pessoas necessitadas, tanto material como espiritualmente. Apesar de ter sido a fundadora dessas casas que logo se espalharam pelos Estados Unidos, Catarina teve o grande dissabor de ver-se rejeitada pela equipe que ela mesma tinha formado. Queriam dirigir a obra em outros moldes que não os dela. Afastou-se, então, da instituição, com o coração sangrando.

Em 1943, casa-se, em segundas núpcias, com o jornalista americano Eddie Doherty e, quatro anos mais tarde, partem para o Canadá, onde lançam os fundamentos da grande obra de Catarina: Madonna House. Trata-se de uma organização de apostolado leigo. Os membros, de ambos os sexos, vivem em comunidade e fazem os três votos religiosos de pobreza, castidade e obediência. A ênfase da fundação é posta na vida de oração e no trabalho, tanto para a própria sustentação como em benefício dos outros, sobretudo dos pobres.

Um grande novidade que Catarina trouxe para esse recanto do Canadá, conhecido como *Combermere*,

foi a introdução do retiro no estilo cristão russo, em que a pessoa se recolhe a uma cabana feita de troncos, no meio de um bosque de pinheiros e aí passa um, dois ou mais dias, em solidão total, toda entregue à meditação baseada na leitura da Bíblia. São esses os famosos *poustinias* que se tornaram conhecidos no mundo inteiro através do seu livro *Poustinia*, traduzido em doze línguas, inclusive em português, sob o título de *Deserto vivo* (Edições Paulinas).

Somam mais de trinta os livros escritos por Catarina e todos têm como assunto principal a oração e a união com Deus. Ela tem um estilo muito pessoal ao falar de Deus. Eu diria um estilo "apaixonado" e apaixonante. Catarina infunde em seus escritos, sobre coisas divinas, uma intensidade e uma vibratibilidade muito femininas, o que torna seus livros diferentes de muita coisa escrita sobre os mesmos assuntos.

É importante sublinhar, principalmente, que ela não escreve sobre oração como algum "mestre de vida espiritual" que se especializasse em traçar regras e normas, mais ou menos frias, numa espécie de geometria da espiritualidade. Ela não escreve livros: ela os vive. Aliás, sabe-se que não *escrevia* seus livros; simplesmente falava a sua comunidade diante do microfone de um gravador. Foi este o artifício a que recorreu seu diretor espiritual para recolher toda a riqueza espiritual da fundadora de Madonna House. As secretárias passavam os cassetes para o papel e um dos redatores distribuía o assunto em capítulos.

Fica muito bem, portanto, o subtítulo deste livro: "Reflexões de uma vida de oração". Se Catarina não

tivesse vivido uma experiência contínua de oração, teria sucumbido ao desespero, porque sua vida foi um martírio contínuo desde os 16 anos. Só o sofrimento aprofunda o sentido e a realidade da oração numa existência. Quando ela venceu a tentação de se atirar nas águas do rio Hudson, só duas conclusões são possíveis para quem a conheceu de perto: *ela sofreu demais e rezou mais ainda!* É importante que o leitor tenha isto presente ao ler estas páginas.

Para nós, brasileiros, que vivemos num clima difícil em que, freqüentemente, bispos e padres são chamados de comunistas por defenderem os pobres, é interessante e curioso notar que com Catarina aconteceu exatamente o contrário: o maior sofrimento de sua vida foi ver-se atacada, durante muito tempo, por padres e freiras que a acusavam de comunista. Sabem por quê? Por defender os negros e outros marginalizados, tanto nos Estados Unidos como no Canadá. Vale a pena citar estas linhas traduzidas da sua autobiografia, *Fragments Of My Life*:

A maioria dos padres me ameaçava constantemente e, cada vez que um deles entrava em nossa Casa da Amizade (em Toronto, cerca de 1936), eu sentia medo. Eles me acusavam. Quando eu era convidada a fazer alguma palestra, lá estavam eles no auditório e, com freqüência se levantavam para fazer apertes em forma de acusação e de desafio. O resultado de tudo isso era uma desconfiança crescente, por parte dos leigos, de que o meu trabalho com os pobres era algo

errado e suspeito. Foi assim que começou a crescer a idéia de que eu era uma comunista. A fofoca avançava como uma neblina fria. Os padres eram os que mais me acusavam e isso me feria muito, porque sempre os amei demais...

...Depois de um ano ou dois nessa angústia, eu me vi mergulhada, até os olhos, no doloroso mar da paixão de Cristo... O problema só fazia aumentar. Uma freira espalhou a notícia de que eu não era apenas uma comunista qualquer: era uma agente comunista, com missão especial! As mentiras diabólicas foram-se espalhando. Vi-me completamente desacreditada e arruinada. Foi o fim daquela Casa da Amizade, em Toronto. Tivemos de fechá-la.

Isso tudo foi em 1936. Mas Deus glorificou sua filha. Quarenta e cinco anos mais tarde, nessa mesma cidade, em novembro de 1981, Catarina de Hueck Doherty recebeu o título de doutora, *honoris causa*, em teologia, conferido pela Universidade de São Miguel, dirigida pelos padres basilianos! Quando ela recebeu o diploma, o comentário que fez foi tipicamente *seu*: "Quando se trata de Deus, não há como saber esperar!"

Todo o sentido desta apresentação da Autora visa simplesmente assegurar ao leitor que ele não está diante de um livrinho meramente teórico, de um compilado de regrinhas que ensinem a rezar. Catarina se extravasa toda inteira em cada linha desta obra, e com ela se derrama, em jorro torrencial, todo o seu imenso amor a Deus, amor

este que teve sua prova candente e definitiva em quase noventa anos de vida inteiramente dedicada ao serviço dos pobres.

Uma outra coisa que o leitor notará no decorrer deste livro é a poesia que se entrelaça à visão que Catarina tem da oração.

Isso a aproxima muito do místico-poeta que ela tanto admirava, São João da Cruz, em cuja festa ela morreu (14 de dezembro). Eis como ela nos descreve sua união com Deus através do sofrimento:

"Eu sabia, de modo nebuloso, o que hoje vejo com maior clareza: foi este o momento em que Deus me tomou em seus braços e me disse: *'Agora estou te oferecendo a união que procuras. O outro lado da minha cruz está vazio, atrás de mim. Vem e crucifica-te comigo. Este será o nosso leito nupcial!'*" (grifo nosso).

Casada duas vezes, profundamente feminina, deixou que sua feminilidade desabrochasse plenamente em sua vida de oração e em sua espiritualidade falada e escrita. Eis por que explora de mil maneiras, sobretudo no fim da sua vida, a frase candente do Cântico dos Cânticos: "Que o meu Amado me beije com o ósculo de sua boca" (1,1).

Pelo caráter poético das orações que a Autora intercala entre os capítulos, resolvi traduzir as passagens mais inspiradas em ritmo decassílabo, apesar de estarem em prosa no original. Isto vale, por exemplo, para o trecho que segue, completamente inédito, no qual não sabemos onde acaba a poesia e começa a oração:

*Eu sou uma canção, solta no espaço,
que o vento apanha e leva a grande altura!
Uma canção de Graça e de Mistério;
sim, tão cheia de Graça e de Mistério,
que nós nos escutamos uma à outra.*

*Mesmo que ande no chão, filha da terra,
fechada nesta carne do meu corpo,
eu sou canção sugada pelo vento
e colhida por Deus, na eternidade,
a fim de crepitar em Sua chama.*

*O que posso fazer ou que dizer
aos que ficam atrás e não conseguem
ser um canto, como eu, uma canção
que o vento colhe e leva em suas asas?
Eu sou uma bailarina — pés em ponta —
tocando, levemente, a eternidade,
dançando sobre as águas do infinito!*

*O que posso fazer ou que dizer
aos que ficam atrás, frios, inertes...
e, parados no tempo, não conseguem
dançar assim como eu — leveza e pluma —
pairando sobre as ondas do Infinito?*

*Eu sou uma mulher — fogo e paixão —
apaixonada, sim, pelo meu Deus!
Vivo aqui neste mundo, mas no céu
é que tenho morada permanente.
Eu oscilo, em perfeita liberdade,
pendulando entre o mundo e a eternidade,
indo da terra a Deus, de Deus à terra,
sempre no ritmo desta eterna dança!*

*Há quem fale de mim como estrangeira
e há, também, quem me julgue néscia e tola...*

*Não sabem, esses pobres que assim pensam,
que sou uma bailarina, uma canção
e uma mulher de fogo, apaixonada
pelo meu Deus, meu Rei, meu Salvador!*

*Toda a minha tragédia, neste mundo,
consiste em não poder dizer aos homens
que venham todos eles ser também
uma existência transformada em canto,
uma vida dançando rumo ao céu,
apaixonados sempre por seu Deus.*

*Mas todos eles são mudos e surdos;
não cantam nem escutam o meu canto;
tampouco vêem a Deus porque são cegos.*

*Ah, meu Amado, dai-lhes a visão,
dai-lhes a voz e dai-lhes audição;
assim eu poderei levá-los todos
rumo aos ventos do céu e ao Teu Amor!*

Esse trecho não está no presente livro; foi lido por um dos padres de Madonna House, durante as exéquias de Catarina, como sendo sua mensagem mais autêntica e mais candente!

Só me resta desejar que estas páginas tenham boa acolhida entre os leitores do Brasil que se interessam pelas coisas de Deus, de modo especial pelos que já conhecem Catarina por terem lido *Apresento-lhes a baronesa* e alguns dos outros livros da Autora por nós traduzidos.

Nesta hora de tanto consumismo, violências e erotismos, quando os homens se transformam em águas inúteis e dispersas, somente a oração pode ajudá-los a refluir sobre suas torrentes derramadas, como energias perdidas, para voltarem à Fonte da

Paz, a esse Deus que só fala no silêncio e na pureza das almas. Catarina bebeu longamente nessa fonte e agora, neste livro, transborda para todos nós em águas de salvação, hauridas no seu grande amor a Deus.

Goiânia, 28 de agosto de 1986
Pé. Héber Salvador de Lima, S.J.
O Tradutor

Introdução

Já foram escritos milhares de livros sobre a oração. Não creio que Deus se preocupe muito com livros; o que sei é que devemos ser para ele — e este é seu grande desejo — um livro aberto de oração. Ele quer que *sejamos* a palavra, a Sua palavra. Quer que sejamos um reflexo da Sua Face. Como chegaremos a isto? Muito fácil: rezando!

A oração é algo tão simples! Não sei por que muitas pessoas vêem nela uma espécie de atividade esotérica ou alguma coisa que só se aprende depois de ter-se estudado teologia, ascética e mística, com todos os seus diferentes métodos de oração, desde santa Teresa de Ávila até a meditação transcendental. Acho que se Jesus tivesse desejado que todos os seus representantes e nossos orientadores religiosos fossem doutores em filosofia, teologia e espiritualidade, ele não teria começado sua Igreja com doze pescadores. Além disso, teria dirigido sua palavra aos sábios e eruditos do seu tempo, em vez de passar três anos falando ao povo simples e analfabeto. Essa gente assimilou seus ensinamentos e suas diretrizes religiosas em pequenas estórias que qualquer criança entende, não em grandes e profundas dissertações!

Se quisermos saber o que é oração, basta olhar para as crianças, observando como elas agem ao sentir necessidades e ao pedir alguma coisa. Duas pessoas enamoradas não complicam seu relacionamento com fórmulas feitas e expressam seu amor com palavras e, mais freqüentemente, sem elas, procurando, sobretudo, aprofundar-se cada vez mais no conhecimento mútuo. Se agirmos com Deus de

maneira semelhante, isto será oração. Na vida matrimonial, a plenitude sacramental do amor se expressa em dimensão total e insuperável pelo tremendo e maravilhoso silêncio de uma união que é quase unidade, tanto física como espiritual. Pois a oração é feita de um silêncio assim.

Também a solidão pode ser prece e isso é importante saber, porque todo homem e toda mulher, mais cedo ou mais tarde, experimentarão breves ou longos estágios de solidão em sua vida. Quando se abate sobre nós essa terrível solidão, sobe do coração um grito abafado, como o grito dos mudos. . . Esse clamor chega até Deus em forma de oração. Esse grito é oração!

Não se pode definir a oração de outra forma a não ser dizendo que ela é Amor. Amor expresso em palavras. Amor expresso no silêncio. Tentando explicar melhor: a oração é o ponto de encontro de dois Amores: o de Deus e o nosso.

Tudo isso é oração.

1. APAIXONAR-SE POR DEUS

A linguagem do amor humano transferida para o plano do amor divino é tão velha como o cântico dos cânticos de Salomão e outras partes da Bíblia. Nem podia ser de outra forma, uma vez que o amor humano nada mais é do que um reflexo do amor de Deus neste mundo.

A linguagem do Antigo Testamento é realista e forte: Deus se queixa da infidelidade humana como de uma infidelidade conjugal e, mais ainda, como uma prostituição: "Pois em cada colina elevada e sob todas as árvores frondosas tu te deitavas qual meretriz". (Jr 2,20). Porque Deus é o esposo, e sua noiva é Israel. O próprio Jesus Cristo, na parábola das dez virgens, deixa bem-sugerido que ele é o noivo, e a humanidade é a noiva que o espera. Esperá-lo com lâmpadas apagadas é aguardá-lo sem o preparo da oração.

Mas, é de modo especial, no Cântico dos Cânticos que toda a força do amor humano é recolhida em suas expressões mais veementes e em sua mais profunda ternura, a fim de traduzir a beleza do amor de Deus para conosco: "Que ele me beije com os beijos de sua boca" (Ct 1,2). "Tu me embriagas o coração, minha irmã, minha noiva; tu me embriagas o coração com um só dos teus olhares" (Ct 4,9).

Se a tradição cristã sempre viu nessas expressões a tentativa da Bíblia para transmitir-nos, de maneira humana, uma pálida noção do amor divino, então já não tem sentido que se façam pesquisas sobre como deva ser nossa oração ou que se pergunte como se deve rezar. Talvez, ao perguntarem isso, as pessoas

estejam perguntando é como se deve amar! Sim, porque, afinal, a oração não é nem mais nem menos que a expressão do nosso amor para com Deus.

Quando o amor esfria em toda parte, no mundo atual, nossa oração deveria ser esta: "Senhor, eu vos amo por todos os que não vos amam"... E isto repetido sem cessar, sem preocupações de variar a fórmula, de apresentar novidades de conteúdo ou de expressão.

No Zenbudismo a pessoa que deseja rezar deve sentar-se na posição "flor-de-lótus" e aí ficar imersa em profunda meditação até o esvaziamento total da sua mente: esqueça o ontem e o amanhã e, do hoje, procure reter apenas o momento presente e concentre-se nele. Não louvo nem condeno, mas acho que o cristianismo tem coisa melhor.

Meditação, para nós, é a contemplação de uma pessoa. Contemplamos a Deus como dois namorados olham um para o outro no banco de um parque ou jardim, ou quando estão a sós em qualquer outra parte.

O silêncio pode ser também uma grande e eficaz expressão do Amor. Mas tem de ser um silêncio profundo, insondável, sem fim; um silêncio que já traga em si uma boa carga de eternidade. Um tal silêncio toca a face de Deus como uma carícia, chega até ele como um gesto do nosso espírito, mais eloqüente do que mãos estendidas ou braços abertos. Mas este silêncio pode ser também um par de braços com que envolvemos Jesus Cristo e, através dele, o Pai e o Espírito Santo.

A princípio, esse silêncio da nossa oração, ou essa

oração do nosso silêncio, é trêmulo como a face de um lago, arrepiada ao toque de alguma brisa... A brisa são os inúmeros pensamentos estranhos à oração, que não conseguimos eliminar logo no princípio. Pouco a pouco, porém, esse silêncio interior se intensifica, a brisa cessa e a face do nosso lago se torna espelho refletindo o céu azul, nuvens, montanhas, o infinito: Deus. Então, a pessoa, com os braços estendidos ou sem gesto algum externo, vai assimilando esse reflexo do infinito e vai-se perdendo e se esquecendo em Deus. Assim... bem lentamente... pouco a pouco.

Ou, talvez, expressando as coisas de outra forma: é Deus quem vai sugando a gente para si até que tudo fique calmo e sereno em seu eterno abraço. Aí é que percebemos que ele está realmente presente. E, por causa da sua Presença, o nosso silêncio se torna o Reino de Deus no meio de nós, dentro de nós: "O Reino de Deus está dentro de vocês" (Lc 17,21). E é aí, na escuridão do mistério, que Deus nos ensina e nos fala de si mesmo.

Nossa oração deve ser simples. Muitas religiões orientais ensinam a rezar repetindo muitas vezes a mesma palavra. Conosco não é diferente. Existe a oração da "Presença de Deus" que se faz simplesmente repetindo uma e muitas vezes o nome santíssimo de Jesus. Fechamos todas as janelas da inteligência e abrimos apenas a porta do coração... Depois mergulhamos nas profundezas do silêncio, de onde voltamos com o nome de Deus nos lábios e na alma. Daí partimos para o mundo e o percorremos, repetindo sempre o nome sagrado... E nos tornamos, dessa forma, uma oração viva. É uma alegria muito

intensa para qualquer pessoa a constatação de que sua vida está se transformando em oração: onde quer que ela esteja, estará continuamente irradiando Jesus Cristo.

Portanto, a oração só será atingida por nós quando nos apaixonarmos por Deus e só nos apaixonamos por ele quando nos pomos de joelhos, pelo menos internamente, porque a posição do corpo pouco importa. Entretanto, tudo em nós se transforma em resistência e oposição, quando se percebe que Deus começa a atrair-nos e a cativar-nos. Quem deseja apaixonar-se por um Crucificado? Quem vai querer subir, com ele, o Calvário que estará eternamente presente na vida de quem o ama? Quem deseja ser pregado do outro lado da cruz de Jesus Cristo, como uma consumação do amor? Estranho leito nupcial!

Mas a partir do momento em que nos enamoramos de um Crucificado, há uma outra coisa que aprendemos e conquistamos: entramos na posse da verdadeira alegria que supera todo conhecimento humano. Conquistamos a paz, a paz que ele prometeu. Somos capazes de tomar nas mãos todas as coisas do mundo e elevá-las ante sua Face e torná-las consagradas! Aprendemos a complementar, em nossas vidas, o que falta à paixão de Cristo, como diz São Paulo, porque ele continua sofrendo no seu corpo, que é a Igreja.

Se atingirmos esse ponto, a oração jorrará de dentro de nós como uma canção vinda do coração. E o amor vai colhê-la e sustentá-la. Se conseguirmos apaixonar-nos por Deus, então iremos amar os feios, os cansados, os doentes, os que não nos inspiram confiança, os viciados em tóxicos, os assassinos e

todos os marginalizados. Amá-los-emos, sim, mesmo que nossa parte sentimental não goste disso! Quando nos apaixonamos por Deus, recebemos dele o dom da compaixão e da ternura, porque Deus é compaixão e ternura. Enriquecidos com tais dons, tornar-nos-emos "pessoas de bacia e toalha na mão", prontas para servir, como Cristo; prontas para lavar os pés dos outros como se fossem outros cristos.

No Cântico dos Cânticos, a esposa diz que se levanta à noite, e sai à procura do seu amado... Pois bem, esse amado aparece de repente, e eis o encontro: lá está ele! Ali; exatamente ali, naquela pessoa, naquele pobre, naquele operário, naquele motorista de ônibus, naquele irmão de minha comunidade ou família que me irrita... Lá está ele, porque, depois que me apaixono, todo mundo se transforma em Cristo; todo mundo é meu amado! A essa altura, o amor para mim se torna fácil e, juntamente com o amor, torna-se fácil a oração. E ela me sai do coração e da vida com marulhos de águas claras, alimentando raízes e levando vida por onde passa. É assim, bem assim, que a oração se define: um jorro de amor subindo em direção ao Bem-Amado!

PAUSA PARA REFLEXÃO

ORAÇÃO NÃO-OUVIDA?...

Pedi a Deus os cantos da alegria,
mas ele deu-me pranto em vez de canto.
Pedi-lhe vida em vales verdejantes,
recobertos de flores e de frutos,
mas ele conduziu-me aos seus desertos
e às áridas alturas onde existem
somente neve e vento enregelado.

Pedi-lhe a generosa luz do sol
e rios de águas fartas e brilhantes
sobre os quais eu pudesse velejar;
ele mandou-me a noite sem estrelas
e uma tremenda sede para guiar-me
enquanto assim caminho em seus desertos...

Mas eis que agora eu seu quão tola fui
nos pedidos que fiz em minha prece,
porque ele deu-me mais do que pedi.

O meu Deus me fez noiva do seu Filho
e a voz desse seu Filho é uma canção
que vale mais que vales verdejantes.
Sua presença é como um lago imenso
em cujas águas puras eu navego,
abrindo e desfraldando as velas d'alma.

Meu espírito agora pula e dança
numa expressão serena de alegria
porque ele é um Deus-partilha que povoa
a minha grande noite sem estrelas.

2. REZAR É ARRISCAR-SE

Eis o que escreve o arcebispo Anthony Bloom no seu maravilhoso livro *Beginning to Pray*: "A experiência da oração é algo que se sente muito dentro de nós e nunca pode ser tomada como passatempo". Eis uma afirmação muito sensata. Há certos livros que nos convidam a rezar como se fosse para participar de uma aventura de muito suspense.... É a impressão que se tem. Apresentam-nos a oração como a descoberta de um mundo novo onde nos encontramos com Deus e achamos o caminho da vida espiritual. Sem querer negar a parte de verdade que existe nessa apresentação, convém acrescentar que as implicações da oração vão muito mais longe e mais fundo do que simplesmente isso. A oração é, de fato, uma aventura; mas uma aventura perigosa na qual ninguém entra sem correr um risco. São Paulo o explica a seu modo: "É terrível cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10,31).

A nossa experiência de Madona House, tanto com o poustinia¹ como com as milhares de perguntas que nos fazem, mostrou-nos que não se pode falar de oração como se fosse uma nova "moda" que todos deveriam provar. A oração deve levar-nos à entrega total ou, então, não nos levará a parte alguma, a não ser, talvez, de volta a nós mesmos, com todas

¹ *Poustinia* é uma palavra russa que significa deserto, solidão. Catarina introduziu em Combermere, para os membros da sua comunidade de Madonna House, este método de retiro em que a pessoa se recolhe a uma choupana, isolada no bosque, a fim de aí passar um ou vários dias no jejum e na meditação. Pouco a pouco, a novidade espalhou-se e as cabanas multiplicaram-se. Gente de fora começou a fazer a experiência, nem sempre, porém, com a devida preparação... Ela se refere aqui a essa corrida à novidade ao modismo. Este perigo não existe mais hoje (Nota do T.).

as nossas misérias e problemas.

Essa é a entrega que nós tememos tanto e é também ela que faz da oração essa aventura cheia de risco e de perigo para nossa natureza que gosta mesmo de instalar-se. O seguimento de Cristo torna-se, desta forma, nas palavras dele mesmo, um empreendimento arriscado e violento. Jesus nos convida para tomar parte numa revolução, muito mais poderosa e difícil do que essas revoluções socio-políticas. Trata-se de uma revolução que se desenvolve dentro de nós, através da luta e da violência que empregamos *contra nós mesmos* para arrebatarmos o Reino.

A oração é parte desta revolução e desta aventura "violenta" de que nos fala o evangelho. Não se iluda! A partir do momento em que você encontra seu Deus, já não pode continuar a ser a mesma pessoa que era antes. Nesse esforço de transformação é que está a violência, a revolução. E é exatamente essa a atmosfera natural da oração.

Mesmo depois de dois mil anos de evangelho ouvido e pregado, ainda não existe cristianismo vivo nos nossos corações que, entretanto, se dizem cristãos. Por quê? Por que razão o mundo não se volta para Jesus Cristo? Simplesmente porque os cristãos não estão *vivendo* o evangelho, não estão *seguindo* Jesus Cristo. Nalgum ponto da nossa longa caminhada, contemporizamos com o outro lado ou com os outros lados, tentando servir a dois ou três senhores. . . E continuamos a contemporizar, a estender as mãos em alianças impossíveis, acendendo velas a Deus e sabe Deus a quem mais... Se tivéssemos seguido o evangelho de Cristo e o

Cristo do evangelho, não teria havido uma revolução comunista, nem tantas guerras, nem tanta violência.

De que maneira vamos a Deus na oração? A resposta se encontra no evangelho de Mateus. Aí se descreve como devemos caminhar para o Cristo. Os magos viram a estrela. Viram e acreditaram que era uma luz de Deus. Acreditando, puseram-se a caminho, sem olhar os riscos nem os incômodos da longa jornada pelo deserto. Quando a estrela desapareceu, eles continuaram procurando: foram a quem podia orientá-los. Finalmente encontraram o Rei! E o adoraram! E apresentaram-lhe seus presentes. Aí está a oração: um olhar para o céu buscando a estrela; pé na estrada seguindo a estrela; luta para reencontrá-la quando ela parece esconder-se; adoração no encontro; oferta de si como dom total. É só pôr em prática.

PAUSA PARA REFLEXÃO

O PREÇO DAS ALMAS

Então, é este o preço, meu Senhor,
que devemos pagar nós, neste mundo,
por todas as ovelhas desgarradas
que deixam o redil da redenção,
perdendo-se em caminhos de pecado?

É esta, então, a moeda do resgate,
distribuída assim, peça por peça,
como gotas de sangue sobre a rocha
(essa implacável rocha do Calvário)
cada uma caindo num gemido
que sai deste teu peito agonizante?

Pois bem, se for assim, meu Bem-Amado,
toma-me toda inteira — vida e morte —
a fim de resgatar uma só alma!
E eu ficarei de pé, como uma ovelha,
tão mansa como tu e preparada
para unir-se ao sacrifício redentor.

3. SEGURA NA MÃO DE DEUS

Quando penso em oração, a frase que logo me vem à mente é sempre esta: segura na mão de Deus e fale com ele, em qualquer tempo, a qualquer hora.

Não existem um tempo próprio e um tempo impróprio para rezar. O evangelho nos manda rezar continuamente, "sem parar" (Lc 18,1). As pessoas, às vezes, admiram-se e perguntam como isto pode ser possível. . . É simples. Comece por segurar a grande mão paterna de Deus. Algumas vezes você falará com ele, mas não é preciso fazê-lo sempre; o importante é não largar aquela mão! Porque enquanto a segura, está unido a ele o tempo todo. Esta é a visão fundamental que se deve ter da oração.

Há quem pense que precisa pôr de lado, no seu dia-a-dia, um tempo determinado para rezar. "Preciso de duas ou três horas", disse-me alguém. Com tanta coisa para fazer ao seu redor, como seria isso possível para uma pobre mãe de família, para um homem de negócios, para o diretor de um colégio, para o bispo de uma grande diocese? Rezar não é um tempo que se põe de *lado*; é um tempo que se põe *dentro*. Sim, dentro das atividades diárias, dentro do corre-corre, dentro do tráfego de uma grande cidade, sobretudo dentro do trabalho que é feito a serviço dos outros. Só dessa maneira podemos rezar sem parar: com a mente em Deus e com a reta intenção das nossas ações oferecidas a ele, para que venha a nós o seu Reino. Um trabalho assim realizado é um trabalho que se transforma em hóstia: eleva-se e consagra-se! Transforma-se em oração. E tudo isso pode ser oferecido pelo bem dos

outros, unindo-nos, desta forma admirável e fácil, a todo o mundo, através do Corpo místico de Cristo e da comunhão dos santos. "Creio na comunhão dos santos", dizemos todos os dias e, talvez, pouca gente saiba o que é esta comunhão dos santos! Pois é isto que acabo de dizer: fazer nossas ações de cada hora enquanto seguramos a mão de Deus e pensamos no bem dos outros!

Obviamente, há momentos e horas, em nossa vida, especificamente designados para a oração. Entre essas horas destaca-se a hora da missa que é, para os católicos, a principal oração, a oração maior, a oração "por excelência". Aí, mais do que em qualquer outro tempo, você se encontra com o Senhor que vem a você com gosto e alegria. Já procurou sentir, alguma vez, a alegria que Jesus sente quando vem ao seu coração? Tente pensar na felicidade que ele experimenta ao ver que *você está lá!* Imagine alguém dando uma festa e circulando por entre os diversos convidados, soltando gritinhos de alegria: "Que bom! Você veio!" Há pessoas que dizem: "Posso rezar em qualquer lugar; não preciso ir à igreja nem aos domingos!" Que pena! Não entendem nada do sentido e da importância da missa, que é o nosso encontro especial com Deus e com o seu povo!

A missa não é propriamente para ser rezada; ela é para ser vivenciada, experimentada, degustada. Envolve todo o nosso ser de maneira inefável e absoluta. De uma certa maneira, muito bonita e muito profunda, sobretudo muito real, você se transforma em missa: em ofertório, em consagração e em comunhão. Já pensou nisso alguma vez?

Entre uma missa e outra, a gente pode passar o tempo recordando os bons momentos da convivência com Deus, da mesma forma como dois namorados, depois que se separam, rememoram seus momentos de amor e de ternura.

Há também a liturgia das horas, de manhã, ao meio-dia e à tarde. Aí somos alimentados pelas orações mais lindas que existem: os salmos de Davi. Fica também sempre aberta a possibilidade de uns momentos diante do Santíssimo Sacramento, esta adorável e amorosa presença de Cristo entre nós. As palavras de Cristo "entra no teu quarto e fecha a porta" (Mt 6,6) são também uma ótima sugestão para quem, vez ou outra, deseja um pouco de paz na união com Deus. É uma maneira fácil de transformar o próprio quarto numa espécie de *poustinia*.

Em tudo isso, porém, é preciso que fique bem claro que a verdadeira oração é, mais que tudo, esse diálogo e comunicação entre Deus e nós; essa conversa entre duas pessoas que se amam e que não exige tempo nem lugar especial. Muitas pessoas se preocupam com o "modo" dessa comunicação... Quem ama não pensa em maneiras especiais de expressão. Deus nos dá sua atenção infinita sem olhar para o jeito com que nos dirigimos a ele. E é sempre bom observar que ele aprecia, de maneira muito carinhosa, o nosso *silêncio* diante dele; um silêncio de escuta atenciosa e ávida.

Deus quer que a nossa oração seja simples. Vejam, por exemplo, o recado de Marta para Jesus, a respeito da doença de seu irmão Lázaro: "Senhor, aquele que amas está doente!" (Jo 11,3). Quanta fé,

quanto amor e quanta confiança nestas poucas palavras! Da mesma forma agiu Maria, nas bodas de Cana, quando o vinho faltou: "Eles não têm mais vinho" (Jo 2,3). Ela sabia o Filho que tinha. Não perdeu tempo em longos discursos e rodeios verbais. A exposição simples e humilde das nossas necessidades é o que espera de nós quem está disposto a ajudar-nos. Acho que Deus deve ficar cansado do interminável palavreado com que muitas pessoas se dirigem a ele.

A oração torna-se mais bela quando unida ao amor e à caridade. Suponha, por exemplo, que você está viajando e, de repente, vê, pela janela do ônibus, um aleijado, um deficiente físico arrastando-se com dificuldade... É o momento de se voltar para Deus numa prece: "Senhor, ajudai, de alguma forma, aquele pobre aleijado". Dessa maneira, a oração nos põe em contato com inúmeras pessoas e suas múltiplas necessidades, físicas ou morais. E aqui atingimos outro ponto importante: a oração é tanto mais bela e mais eficaz quanto mais se esquece de si para concentrar-se nas necessidades dos outros, sobretudo dos que sofrem. Deixe que Deus pense nas suas necessidades e nos seus problemas e concentre-se nos dos outros. Acho horrível a oração que eu chamaria de *oração eu-me-mim*: eu quero... dá-me... para mim!

Como eu gostaria de pegar na mão de cada um de vocês e dizer-lhes: "Venha comigo. Vamos todos segurar a mão do Senhor e rezar a ele pelos outros na simplicidade e no amor". É pena que poucas pessoas pensem nessa modalidade de oração. A maioria de nós não está acostumada a jogar sua

oração no próprio fluxo da vida. Estamos mais acostumados a tirar um tempo especial para rezar, em vez de rezar o tempo todo. O tempo em que se reza não se "tira" da vida, e vida feita oração não precisa de tempo. Ela é a eternidade já no meio de nós, com a mão de Deus pendendo do céu e nós segurando-a!

PAUSA PARA REFLEXÃO

ORAÇÃO DE LOUVOR

Jesus, meu Deus,
Senhor de todo o mundo,
desejo sejam amado
com o amor mais profundo,
sincero e apaixonado
por toda essa multidão
dos homens que remiste;
porém, de modo especial,
por todos nós os cristãos
que aceitamos tua cruz.

És e serás, meu Senhor,
eternamente o mais belo
de todos quantos nasceram
neste grandioso universo
que teu Pai fez para nós!

Que os homens todos, portanto,
reconheçam teu poder
e amem tua beleza
unida à tua bondade!
E ao mesmo tempo te adorem
como Rei que és e serás
da criação toda inteira!

4. REZAR É TRANSFORMAR-SE EM ORAÇÃO

Há pessoas que me perguntam como é que eu rezo, e não é fácil responder a esse tipo de pergunta. Faço o melhor que posso. Geralmente recorro às palavras de Pé. Edward Farrel: "A oração é uma fome".

Procuro então dizer que, simplesmente, sinto fome de Deus e, deste modo, a oração sai espontânea. O mesmo acontece com todos os meus irmãos e irmãs de Madonna House.

Acho que me apaixonei por Deus quando tinha seis anos, mesmo que isso possa parecer exagerado para alguns... Na verdade, não existe exagero algum. Deus estava perto de mim como uma criança está perto de outra criança. Assim, bem natural. Então a gente brincava um com o outro. Como eu tinha uma imaginação muito viva, imaginava todos os tipos e variedades de brinquedos com Deus. Até bola nós jogávamos juntos. Chegava mesmo a querer que ele participasse das minhas refeições. Só pouco a pouco percebi que isso não podia acontecer.

Dessa oração vivencial e infantil, fui passando, quase penosamente, para a oração vocal. . . Mas também essa ficou para trás. Quando? Eu mesma não sei dizer. Foi algo assim repentino. E me vi numa terra nova: a *meditação*.

Sempre gostei de comparar essa meditação com um baile a que se vai e onde a gente encontra um rapaz maravilhoso que exerce forte atração sobre nós. Você volta para casa "relembrando"... saboreando cada palavra que ele disse. No caso, o meu "rapaz" era Jesus Cristo e eu o ouvia avidamente no evangelho. Depois ficava "relembrando"...

saboreando cada palavra que ele me tinha dito. O evangelho tornou-se minha oração definitiva, essencial e a mais querida.

Mas também essa Terra Prometida da Meditação foi um "país" de transição. Esse tipo de oração acabou por cair-me dos ombros, como roupa velha e, de repente, eu me vi vestida com a bela roupagem da contemplação. Minha vida ficou diferente. Era como se o Senhor, em pessoa, estivesse a meu lado, explicando-me as coisas divinas. Ele próprio me esclarecia essa ou aquela passagem da Bíblia. Eram dias em que eu me sentia "perdida em Deus".

Aonde se vai quando se está "perdido em Deus"? A resposta a essa pergunta é um tanto estranha e difícil de entender. Não se pode compreendê-la com a mente; somente com o coração. O que me aconteceu foi que eu me transformei em oração.

Uma pessoa que se identifica com a oração é alguém profundamente apaixonado pela Palavra, pelo Verbo de Deus. Portanto, profundamente apaixonado por uma pessoa: Deus. Nesse estágio, dá-se um fenômeno curioso: sua mente mergulha no seu coração. É o tempo mais feliz da nossa vida. Claro que continuamos usando nossa mente para as necessidades práticas da vida diária: a limpeza da casa e as demais providências que o dever de cada hora reclama de nós. O fato de você "se tornar oração" em nada interfere na sua vida normal; pelo contrário, quem se transforma em oração torna-se mais metódico e exato no cumprimento de cada dever, na realização de cada ação externa, porque tem a convicção de estar fazendo cada coisa por amor de Deus e como expressão de sua vontade.

Aquela parte do seu cérebro que analisa, estuda e disseca motivos e razões em assuntos relativos à fé, essa parte passa para dentro do coração. É isso que significa "transformar-se em oração".

Oração é sofrimento; é com-paixão. De repente, todo o sofrimento da humanidade encontra o caminho para dentro de você. Aí é que começa a agonia, igual à de Cristo no horto. Se você está ouvindo o telejornal, a notícia dolorosa o atinge como um projétil que sai do vídeo: você se torna a pessoa que morreu ou que perdeu um filho no assalto dos terroristas; você é a moça que foi seqüestrada, ou a criança, ou sua mãe e seu pai! Você, de repente, está morrendo de câncer, está sendo atropelado. A dor do mundo todo cai sobre nós. Em momentos assim, a gente não reza: simplesmente partilha todo esse sofrimento. Eis o que significa *ser oração*.

Mas pode acontecer também que o telejornal lhe traga uma notícia alegre, de qualquer parte do mundo, longe ou perto. Então você também entra na festa e participa da alegria que se torna sua. E, de repente, olhe você dançando no meio da noite! E o melhor é que pode até chegar a sentir que Deus está dançando com você! Sim, quando tais coisas acontecem, você está mesmo se transformando em oração.

Haverá momentos em que você se sentirá vazio, e uma pergunta soará dentro de você: "Afinal, que estou fazendo aqui?"... Experimentará a sensação da inutilidade total de sua vida, cheia só de tentações, de dúvidas que o assediam como línguas de fogo... Pois é exatamente em momentos assim que você se

transforma em oração para todos aqueles que hesitam na caminhada e duvidam na fé.

Por vezes você mergulhará nas profundezas do inferno... Um inferno de fabricação humana, ateu... Mas é uma descida livre e motivada pelo amor, em benefício de todos aqueles que não crêem. Sua identificação com eles o transforma em oração.

A oração é um movimento, um impulso do coração. Durante três quartas partes de sua vida talvez você tenha a impressão de que não consegue rezar. Naturalmente não consegue, de fato, rezar do modo como deseja! Porque deseja imitar os anjos do céu que passam a eternidade inteira, ante a Face Eterna de Deus, repetindo sempre: "Glória, Glória, Glória!" Só os anjos são capazes de realizar essa façanha, nós não! Nem sempre a oração se faz da maneira como pensamos que *deveria* ser feita!

Rezar é estar constantemente na presença de Deus. Nós somos sempre conduzidos para essa Presença inefável. A experiência de um retiro nos leva a ela mais depressa. E o bom desses retiros e dessas solidões consagradas à oração é que você descobre que Deus estava lá dentro de você o tempo todo. Você é que não o via! Agora, se você sabe que ele está lá e, mesmo assim, não consegue rezar, não se preocupe. Ele não se incomoda com isso e terá prazer em ficar sentado no íntimo do seu coração. Ele reze em seu lugar! (Rm 8,26).

Depois que você se transforma em oração, está preparado para identificar-se com Cristo, conforme a expressão de São Paulo. A força que torna possível uma tal identificação não pode nunca vir de nós

mesmos, mas unicamente de Deus, que a concede somente àqueles que vestem o evangelho com sua vida e com suas boas ações, isto é, àqueles que transformam o evangelho em vida: sua própria vida palpitando no mundo e, assim fazendo, transformam-se em oração diante de Deus.

Aqui tocamos a fímbria de um mistério mais insondável do que qualquer coisa que possamos entender. É o mistério da encarnação. E o mais paradoxal deste assunto é que se trata do mistério do ordinário, do comum, do óbvio, do que está acontecendo todos os dias bem à nossa frente: *o mistério do amor!*

Que é mais comum e natural do que o nascimento de uma criança, nalgum recanto da Palestina, mesmo que seja numa gruta? Afinal, mesmo naquele tempo, havia certamente centenas de pessoas que viviam em grutas e cavernas, dentro ou fora da Palestina! Era também mais do que natural que José e Maria procurassem uma gruta, ao notar que as pensões estavam lotadas. Fizeram simplesmente o óbvio! Mas tente aprofundar esse óbvio e verá como atinge logo o âmago do mistério.

A gente pode acompanhar a encarnação de Cristo passo a passo pela meditação. Verificamos, então, que caminhamos lado a lado, com o "humano" no seu caminho batido de todos os dias e de todas as horas. Entretanto, quanto mais persistimos nesse "trilho batido" do comum e do óbvio, mais percebemos a presença envolvente do mistério: o Mistério do Amor Infinito. Cristo tomou sobre si a nossa vida com tudo o que ela tem de ordinário e, ao mesmo tempo, com todas as suas dimensões

interiores, profundas, nebulosas, misteriosas. Ele assumiu também o nosso mistério de aspirações sobrenaturais enjauladas na carne cheia de desejos e de instintos. O homem já era um ser difícil de entender-se por ser imagem de Deus na carne perecível; mas, com a vinda de Cristo, o mistério aumentou porque cada passo dessa carne perecível, cada passo desse ser precário que somos nós, foi, de certo modo, divinizado pela encarnação de Jesus Cristo.

É esse duplo aspecto do mistério de Deus que se faz homem e da humanidade participando do divino que refulge na oração. Diríamos que esses dois mistérios se encontram na prece: a oração do Filho para o Pai e a nossa oração dirigida ao nosso Irmão. Nessa altura das considerações, o mistério de "ser oração" se revela mais plenamente. Pela sua encarnação, Deus-feito-homem pode rezar a Deus Pai; pela nossa participação na divindade de Cristo (homem-Deus), através desse mesmo Cristo, nós também podemos chegar ao Pai. Dessa forma, Deus e o homem se unem e se entrelaçam na oração; o divino e o humano se abraçam numa só oração que é a de Jesus Cristo. E é nele que nós nos transformamos em oração.

Qual a chave para abrir esse estupendo mistério que somos todos e cada um de nós? É a aceitação do ordinário, do comum e do óbvio das ações de cada dia. Depois da ressurreição de Cristo, a mais insignificante das ações se torna "radio-ativa", irradiando a glória de Deus.

Olhe, por exemplo, os sacramentos. Tome o batismo, essa cerimônia tão simples e tão ordinária

na vida cristã de cada dia... Que há no batismo? Uma criança, água, um pouco de óleo, um sacerdote, pais e padrinhos... Tudo muito humano, muito visível, muito comum, óbvio e tangível. Entretanto, quem jamais conseguiu trazer à tona a profunda e misteriosa realidade divina que se esconde nesses "sinais sensíveis" e eficazes, através dos quais nos tornamos *filhos de Deus*? Quem já conseguiu compreender a fabulosa frase de São Paulo segundo a qual todos somos batizados na morte e na Ressurreição de Cristo?

Que coisa é a confirmação ou crisma? É a bela realidade de ser possuídos pelo Espírito de Deus. Entramos nessa realidade como jovens filhos de Deus já batizados. Cristo prometeu que mandaria o Espírito Santo a seus apóstolos, como uma espécie de força nova e uma nova ciência que lhes ensinaria toda a verdade. E vejam a transformação que aconteceu. A vida dos apóstolos se divide em duas fases: antes da confirmação do Pentecostes e depois! De medrosos passaram a ser fortes, desafiando as autoridades humanas que lhes proibiam falar sobre Jesus Cristo!

Uma tal transformação não acontece apenas com os apóstolos. Ela tem lugar também na sua e na minha vida, cristão de hoje. Esta *confirmação* aprofunda em nós o mistério da força de Deus na fraqueza humana, desde que atinja a nossa vida inteira em todos os seus aspectos e realidades, sobretudo as mais comuns do nosso dia-a-dia.

Somente a fé nos possibilita descobrir a dimensão infinita da nossa vida comum ou, em outras palavras, a bela verticalidade latente no horizontal

do óbvio e do ordinário de cada minuto. Somente a fé, unida, naturalmente, à lei do amor de Deus que nos ensina a aceitar a vida como expressão da sua vontade.

E não basta uma aceitação meramente mental nem verbal de tudo isto. Essa fé e esse amor devem passar por uma encarnação. Temos de vesti-los com a nossa carne e apregoá-los com a nossa vida. Só assim haverá em nós uma nova encarnação do Verbo e nos transformaremos em oração viva. Porque a oração nasce no momento em que se encontra o mistério de Deus com o mistério do homem. Esse poder e essa transformação nos são dados para que nos tornemos mais semelhantes a Cristo e, conseqüentemente, mais caminho para o Pai. Esse poder e essa glória nos são concedidos para que compreendamos sempre melhor que somos irmãos e irmãs em Jesus Cristo, enviados todos para fazer a vontade do Pai e levar todas as pessoas a ele!

Participamos da força e beleza deste mistério para poder dizer também como são Paulo: "Já não sou eu quem vive; é Cristo que vive em mim".

Sim, eis o nosso poder! Eis a nossa glória! Eis o nosso mistério!

PAUSA PARA REFLEXÃO

COMO É QUE EU REZO?

Às vezes me perguntam como rezo...
Que posso eu responder-lhes, meu Senhor,
eu que sou tua serva mais inútil?

Vale a pena contar-lhes quantas vezes
eu estive caída nas estradas
pelas quais me fizestes caminhar?

Mas onde encontraria eu palavras
para descrever a pedra, o espinho, o pó,
a lama e a solidão dessas estradas?

Como falar-lhes sobre os nevoeiros
que mudavam em noites os meus dias?

Tudo o que eu via, ao longo dos caminhos,
eram árvores toscas, retorcidas
e, em cada uma delas, o teu corpo
sempre pregado e sempre agonizante...

Depois, tu me apanhaste dessas trilhas
e me enviaste às ruas das cidades...
Como contar o pranto que chorei
pela dor, pela fome que passei,
pela fome maior dos meus irmãos?

Prefiro que me ajudes, meu Senhor,
a descrever-lhes tudo quanto sei
e que aprendi contigo nas estradas
da dor, da solidão e do abandono.

Eu lhe digo que te amo e que te louvo
por todos os caminhos dolorosos
em que te vi sofrendo por nós todos,
em que aprendi que a via dolorosa
é a trilha da oração que nos leva
ao Coração de Deus e ao amor dos homens.

5. A MÚSICA DO PASTOR

Já ouviu o som da flauta de um pastor nas colinas da Escócia ou entre as oliveiras de Jerusalém? É um som que fascina e que atrai com força irresistível, tão irresistível que você acaba seguindo-o, de onde quer que ele venha.

O Bom Pastor tem uma flauta assim, sempre emitindo uma suave melodia. De certo modo, nossa fé é o seguimento dessa música e de seu compasso divino. A palavra de Cristo, no evangelho, é a música que sai da Flauta do Pastor. Toda e qualquer outra música, clássica ou moderna, não é senão um eco longínquo dessa melodia divina. Se fecharmos os ouvidos para o som dessa flauta, seremos as criaturas mais infelizes do mundo.

A história de Madonna House, aqui em Combermere, está toda pontuada em compasso de música: uma música de oração. Tudo quanto nos acontece aqui; tudo quanto foi feito para chegar ao ponto onde hoje estamos envolve oração. Nossa história pode ser contada em duas palavras: *Amém* e *Aleluia*. *Amém* quer dizer SIM, assim seja, aceito, seja feita a vossa vontade. *Aleluia* quer dizer exultação: a alegria que vem dessa aceitação e desse *Amém*, mesmo quando ele é doloroso!

Ninguém pode viver a realidade e o sentido profundo dessas duas palavras se não tiver espírito de oração. A grande tentação do homem, em todos os tempos da sua história, foi a de não querer dizer "Amém", partindo para seus próprios caminhos que, às vezes, chegam a desafiar os rumos da Vontade eterna de Deus. Foi o caso da torre de Babel e de outras torres

que, até hoje, continuam sendo construídas sobre as bases da vontade humana desligada da Vontade soberana de Deus. Cada dia e a cada hora nós vivemos acariciando a mesma velha maçã que nos fará ser "como Deus" e levantando a mesma velha torre de Babel do orgulho humano. Numa situação dessas, que não muda enquanto não mudar a natureza do homem, é imperativo que acreditemos essas palavras de Cristo: "Sem mim nada podeis fazer!"

Essas palavras já têm dois mil anos e ainda não penetraram a fundo o coração da humanidade e isto quer dizer: o nosso! De uma maneira ou de outra, através de toda a sua história, o homem persiste em querer demonstrar que pode sim! Que pode se virar sozinho! Que pode chegar lá, com sua técnica, com sua inteligência, com suas conferências de paz, com seus sociólogos, com suas psicologias e até com suas teologias. E vai levantando suas torres. E a Babel da confusão, da incompreensão, dos ódios, das diferenças — ou indiferenças! — sociais só faz aumentar a cada dia.

Não é errado que o homem queira colaborar com Deus e oferecer a sua contribuição na obra da salvação, tanto própria como dos outros. Aliás o próprio Deus quer assim, como diz santo Agostinho: "Aquele que te criou sem ti não te salvará sem ti!" Mas é imprescindível que ele tenha a convicção inabalável de que a salvação é, em última análise, obra de Deus.

Uma vez posto este fundamento de humildade, então sim, podemos oferecer-lhe nosso esforço que será multiplicado e supervalorizado pela sua Graça!

Esse esforço representa aquilo que diz são Paulo: "Complemento em mim o que falta à Paixão de Cristo" (Cl 1,24). Nós podemos servir a Deus, o que representa uma imensa felicidade. Enquanto lhe prestamos o *serviço* que ele merece como supremo Senhor e Rei, deixaremos que a idéia de uma dependência total vá penetrando e se dissolvendo em nossa vida, como açúcar dentro d'água, até ficarmos docemente inseparáveis.

A oração é minha fé total em Deus meu Criador. Nela eu me contemplo como sua imagem: enquanto rezo, estou olhando num espelho e vendo meu reflexo como imagem de Deus. Sou um pecador que está sendo salvo, mas que continua sendo capaz de cortar os laços, de quebrar a amizade que tem com Deus, a qualquer momento de sua vida. Quando esta convicção, de fato, estala dentro de mim, ela me assusta! É nesse momento que a oração se transforma numa *necessidade básica* da minha vida!

Existe uma estranha e inexplicável inquietude que todos nós já teremos experimentado alguma vez na vida. Inquietude de pés em caminhos inseguros ou incertos, mas, sobretudo, inquietude de corações que desejam amar e são rejeitados, que procuram e não encontram o que buscam e por isso se sentem perturbados e irritados. Deus seja louvado quando, nessa contingência, continuamos ainda a caminhar na busca do Senhor... Infelizmente, porém, acontece muitas vezes que nos contentamos com muito menos do que o exige a fabulosa capacidade de desejos e aspirações que levamos dentro de nós.

Que coisa buscamos nós fundamentalmente? Alguns pensam que a união conjugal os levará a Deus. Isto

é bem possível, desde que seja mesmo essa a expressão da vontade de Deus, manifestada numa verdadeira vocação para o matrimônio. Mas o fato de alguém se casar não quer dizer que entrou numa escada rolante que o levará automaticamente a Deus. Também o casamento exige as mesmas lutas, o mesmo esforço de despojamento e morte do egoísmo que estão sempre presentes na vida de qualquer cristão solteiro, seja ele leigo, sacerdote ou freira.

Não existe nenhuma "cortada" ou atalho no caminho que nos leva a Deus. Às vezes, ele próprio decide simplificar esse caminho para algumas almas, por razões que só ele sabe. Houve santos que Deus levantou do chão e tomou nos braços do jeito como a mãe faz com o filho... Mas o normal é a longa subida do Calvário, que Cristo resumiu naquela famosa frase: "Tome sua cruz cada dia e siga-me!" (Mt 16,24).

Oração é simplesmente este desejo-paixão que sente o ser humano de se unir ao seu Deus. Oração é também a descoberta progressiva e luminosa que vamos fazendo no sentido de que esta união só se consegue através do generoso e total despojamento de nós mesmos. Há, em tudo isso, um profundo mistério, e eu não sou muito boa nesta questão de aprofundar mistérios. Prefiro esperar que Deus os esclareça, se ele assim o desejar ou, então, aceitá-los sem explicação alguma. Nesse caso, a paciência é que resolve: "Quem perseverar até o fim é que será salvo" (Mt 10,22).

Existe, pois, lealmente, o desejo intenso de união com Deus, e, a cada dia e hora que passam, nós

vamos descobrindo o preço dessa união. E como é alto! As imagens tiradas do amor humano e do casamento, encontradas freqüentemente na Bíblia, não devem dar-nos uma idéia errada dessa união, fazendo-nos pensar que a vida espiritual é uma espécie de "lua-de-mel" sem sofrimentos. Acho que a própria comparação do amor e do casamento deve-nos prevenir de que esta união com Deus é custosa e exige sofrimento, porque não existe amor humano nem casamento sem muita cruz. Que o digam os casados. Que o digam as esposas que vivem sofrendo, quando o marido sai de carro e sobrevém uma tempestade de neve, quando seus negócios vão mal... Adeus sono, adeus paz e tranqüilidade da vida de solteira!

E o caso da maternidade? Estava tudo tão bem e agora aí está a jovem esposa com seus enjôos matutinos, com seus vômitos. Toda a "máquina" do seu organismo parece que, de repente, começa a falhar. É pressão alta, é pressão baixa, é tontura, é náusea. Santo Deus, que vida miserável a nossa nesses dias e meses. O próprio Jesus Cristo observou o sofrimento materno, se bem que ele focalizou mais os incômodos e dores do parto (Jo 16,21). Mas e os incômodos que seguem? As noites sem sono, os dias sem descanso? Entretanto, tudo isso, em vez de diminuir, aumenta o amor da mãe para com seu filho.

Não há dúvida; a experiência humana, confirmada até nas literaturas pagas antigas, confirma a grande afirmação que tem já foros de axioma: "Onde há amor há sempre sofrimento!" Em qualquer ramo de vida que estejamos, esse sofrimento vai aparecer e

podemos ver nele a maneira escolhida por Deus para ensinar-nos a rezar, a voltar-nos para ele! Tudo quanto nos aconteça, material ou espiritualmente, tudo quanto nos ajude a crescer há de levar-nos para mais perto de Deus, desde que saibamos aceitar e dizer "sim".

Crescimento espiritual é isso aí. Ele não vem necessariamente das nossas boas ações e boas obras praticadas ou de qualquer coisa que façamos nos caminhos do dia-a-dia. Às vezes, esse crescimento pode vir de uma simples aceitação do nosso fracasso, da nossa incapacidade de realizar tudo quanto propomos ou tentamos. Enquanto ficamos sentados, contemplando humilde e resignadamente, sem revolta, os escombros do trabalho que tínhamos começado, estamos crescendo espiritualmente.

Até mesmo quando pensamos que o trabalho de Deus a nós confiado foi por água abaixo, podemos estar lançando os fundamentos de uma obra de Deus definitiva dentro de nós. Há momentos assim na vida quando tudo cai, tudo vira ruínas. E você não pode fazer nada. Só pode ficar olhando como quando o pai de família contempla as ruínas da sua casa derrubada pela enchente! Foi exatamente o que aconteceu comigo mais de uma vez.² Nessas ocasiões de fracasso eu sabia, de um modo vago, e hoje sei de maneira clara e indubitável, que foi aí que Deus me tomou nos braços e me disse: "Agora

² A primeira grande obra social de Catarina foram as "*Friendship Houses*", Casas da Amizade, que ela fundou e dirigiu durante vários anos. Seu grande sofrimento, sua maior cruz foi ter de deixar a direção destas casas, porque seus colaboradores não aceitavam sua orientação (N. do T.).

estou te oferecendo aquela união comigo que há tanto tempo vens procurando. O outro lado da minha cruz está vago... Vem, crucifica-te aí! Será este o nosso leito nupcial!"

Quando Deus nos faz um convite assim, só existe uma palavra que podemos dizer-lhe: "Ajuda-me, Senhor! Não tenho força nem coragem para tanto; para subir espontaneamente a essa cruz e crucificar-me contigo, mesmo sabendo que estás aí, bem atrás de mim!"

A essa altura, começamos a compreender que a oração tem um duplo aspecto. Por um lado, Deus nos concede o dom da fé e a graça de poder pedir-lhe ajuda; mas, além disso, ele próprio nos atrai para si com uma força muito mais intensa do que possamos até mesmo imaginar. Seu desejo infinito de possuir-nos ativa o nosso desejo humano, até que esses dois desejos se encontrem. Nossa oração se une com o desejo de Deus num rápido momento e isto só faz aumentar ainda mais a intensidade de nosso próprio desejo de chegar ainda mais perto dele.

É como "provar" um doce e sentir vontade de comer mais. Esta "prova", mesmo sendo em pequena quantidade, dá-nos uma força tremenda para enfrentar a próxima situação difícil que se possa apresentar em nossa vida; deixa-nos uma coragem decidida para dizer "sim" a todas as exigências desse Deus que procuramos. Tudo isso representa também — é preciso que o digamos — um degrau a mais na subida do calvário ou na escada que nos vai colocar na cruz inevitável.

A oração é, pois, esta fome de união que nunca nos deixa e nunca é saciada plenamente aqui neste mundo. É uma fome que pulsa no nosso sangue ao ritmo das batidas cardíacas. É também uma sede que só pode ser saciada por Deus. Eu imaginaria alguém em oração como um homem ou mulher, assim, nas pontas dos pés, cabeça e braços bem para cima, tentando atingir o céu. O ato de rezar, como o amor, envolve movimento e esforço. Não existe amor nem oração de robôs. Oração é movimento para cima; é um ser em "tensão"; são olhos e cabeças erguidos; são braços que se estendem, procuram, agarram, seguram e, depois, procuram mais e querem mais. Rezar é encontrar sem achar tudo, a fim de que se volte a procurar. É o que transparece no Cântico dos Cânticos:

"Meu bem-amado passou a mão
pelo buraco da porta;
o meu coração estremeceu,
minha alma desfaleceu à sua voz...
Levantei-me para abrir a meu bem-amado,
mas ele desapareceu e partiu..." (Ct 5,4...).

Rezar é como olhar para um abismo e procurar, inutilmente, descobrir lá embaixo um fundo que não existe. É aí que entra a fé! Você passa anos caminhando nas bordas desse abismo... às vezes com vontade de pular, outras vezes recuando... De repente, a fome se torna irresistível, e a sede, ardente demais. E vem uma espécie de vertigem indescritível e você pula! Pula no abismo! Mas logo depois de pular, verifica que não existe abismo algum: existe apenas Deus com seu amor infinito por você! Este amor parece um abismo porque não tem

fundo nem medida. Há um momento de êxtase quando você se vê em seus braços... De repente, onde está ele? Desapareceu como o amante do Cântico dos Cânticos, no seu eterno jogo de esconde-esconde, só para que você recomece a busca e se prepare para um novo pulo!

A oração é um movimento constante para dentro de nós mesmos, porque aí encontramos a Trindade que em nós habita desde o dia do nosso batismo. Eis por que todo despojamento deve vir de dentro para fora, no esforço de jogar para longe tudo aquilo que impede o alojamento de Deus dentro de nós. Sim, porque os obstáculos que impedem nossa união com Deus não estão fora, como muita gente pensa. Por pior que seja o mundo com suas corrupções e tentações, é sempre dentro de nós que se encontram as maiores muralhas erguidas contra a entrada de Deus. "Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro... é o que sai da boca!" (Mt 15,11). O despojamento interior é como uma vassoura que varre para fora do coração tudo quanto impeça a nossa união com Deus. Se me perguntassem o que penso do paraíso, responderia que é essa tomada de consciência da presença de Cristo dentro de mim. A morte representará apenas a queda do último tijolo na barreira que me separava de Deus dentro de mim mesma. Então saberei que sempre estive unida a ele e que a Trindade sempre esteve dentro de mim.

Mas, evidentemente, não preciso esperar a morte. Desde agora posso ter fé na presença de Deus em mim. Não estou tentando alcançar uma estrela longínqua e inatingível. Como está escrito no livro do Deuteronômio: "Porque este mandamento que hoje

te ordeno não é muito difícil para ti, nem fora do teu alcance. Não está no céu; para que não digas: 'Quem subirá ao céu para no-lo tomar e no-lo fazer ouvir a fim de o praticarmos?' Nem está além do mar... Não; bem perto de ti está a Palavra, na tua boca e no teu coração!" (Dt 30,11-14).

O que importa, pois, é que Deus está em mim e eu estou seguindo a sua palavra, o som da Flauta do Pastor!

PAUSA PARA REFLEXÃO

ORAÇÃO: SILÊNCIO E CANTO

Meu espírito esbarrou contra as portas fechadas dos corações humanos até fazer sangrar meu coração. Então tu me levaste às tuas adegas, ó Senhor, e me deste a beber os teus preciosos vinhos. Tive a impressão de estar no côncavo dos teus braços, descansando a cabeça sobre o teu coração. Cantavas-me canções que me diziam que o Amor chegara à nossa terra...

Depois me disseste: "Levanta-te e vai à procura dos teus irmãos! Foi para isso que te dei a provar meu vinho mais precioso. Para isso deixei que sentisses a batida do meu coração!"

E aqui estou eu agora, abrasada em tua chama, mas exilada de ti e da nossa terra. No entanto, sei que me mandaste a este exílio porque me amas. Dá-me, então, forças para que eu não olhe o que ficou atrás e corra sempre avante, com passos de gigante, forte na fé e na esperança, que hão de levar-me até os confins da terra.

Eu vivo e existo dentro do silêncio sonoro que é a voz do meu Senhor. Sinto-me toda envolvida pela música desta voz e, ao mesmo tempo, sinto que me vou tornando um eco de todas as canções do Amor Divino.

Sinto que sou um trovador antigo ou menestrel, lira em punho, vagando pelo mundo, cantando sons sem som para todos os que vêm de longe, a fim de ouvir a canção do meu silêncio cheio de oração. Como posso ser um eco de todo um mar de música e, entretanto, viver no silêncio?

6. FOGO E LÁGRIMAS

Faço, com freqüência, a minha oração contemplando imagens sacras e mesmo esses postais que mostram flores, paisagens, com uma mensagem. Ontem encontrei um desses que falam da oração como um misto de "sangue e lágrimas". Parece-me, de fato, que esses dois elementos são inseparáveis da prece. Sim, porque ela surge do coração, e este, geralmente, vive aceso. Por outro lado, é também no coração que caem as lágrimas que choramos na angústia e no sofrimento. Nós choramos mais por dentro do que por fora.

Eu, realmente, rezo com fogo e lágrimas e acho que essas duas coisas ficam muito bem uma ao lado da outra. Primeiro vem a chama do amor de Deus; depois, as lágrimas do arrependimento e da gratidão. Essas formam um rio dentro de nós. Desse tipo de lágrimas nasce o único rio sobre cujas águas as chamas podem crepitar.

Para descobrir essa modalidade de oração, temos de olhar bem no fundo de nós mesmos. Nunca chegaremos lá se ficarmos na periferia de nossa vida. É imprescindível atingir aquele nível do coração, bem lá embaixo, onde oração e entrega vão de mãos dadas.

A oração de fogo e lágrimas se processa na solidão. Como todas as coisas do coração, essa prece se faz muito tranqüilamente e no silêncio. Aí conversamos com Deus na simplicidade, balbuciando as coisas como podemos, do jeito como fazem criancinhas que ainda não sabem falar. Através desses balbucios, tentamos dizer ao Senhor que o amamos e que o

nosso coração está abrasado de amor por ele e que muitas vezes choramos de alegria pelo fato de ele ter vindo a este mundo visitar-nos e salvar-nos.

Enquanto assim "balbuciamos", Deus ouve e escuta! E continua ouvindo. Ninguém sabe ouvir como Deus. Ele passa a eternidade ouvindo-nos. Nós, seres humanos, não gostamos muito de ouvir os outros, sobretudo quando nos trazem seus problemas. Mas Deus gosta de ouvir porque nos ama!

Algumas vezes nossa oração não chega até ele! Ela cai como água de repuxo porque não tem raízes na realidade. Foi Deus quem criou a realidade. Ele é *real*; por isso, a oração que espera de nós é uma que seja também *real*. Podemos pedir-lhe milhões de coisas; mas se nossos pedidos não se fundamentarem na verdade ou realidade da vida, Deus não pode ouvir-nos. Dom Bloom explica-nos isto muito bem: "A partir do momento em que tentamos ser algo que realmente não somos, já não há mais nada para dizer ou para ter; tornamo-nos uma personalidade fictícia, uma presença irreal. Ora, evidentemente, Deus não pode aproximar-se de uma presença irreal!" (Do livro *Beginning to Pray*).

A verdade é amor. Nós rezamos sem amar-nos uns aos outros e até mesmo sem amar a nós mesmos! Nossos inimigos então, a esses é que não amamos mesmo! Certamente não estamos dispostos a entregar nossas vidas, como fizeram os mártires e como o preconiza Jesus Cristo: "Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida por quem ama" (Jo 15,13). Nós falamos e falamos e falamos de tudo isso, sem nunca pôr nada em prática. É um eterno blábláblá! Por essa razão, nossas orações podem sair

molhadas de lágrima (de crocodilo) e com alguma chamazinha de sentimentalismo... Mas não é esse tipo de oração que chega até Deus.

Para que nossa oração seja enraizada no amor, devemos estar dispostos a enfrentar os conflitos e diferenças de opinião com abertura e sinceridade. É aquela história do evangelho: "Se teu irmão tem alguma coisa contra ti, vai primeiro ajeitar as coisas com ele e só depois volta para fazer a tua oferta a Deus" (Mt 5,23). Não podemos rezar a Deus com o coração intumescido de rancores e desconfianças. Abertura e diálogo são duas coisas muito importantes para que se possa ter espírito e vida de oração. O diálogo pode ser muito franco, chegando até a dizer ao outro alguma verdade custosa de ouvir. Se, porém, essa verdade for dita com humildade e com amor, será bem-recebida pelo outro, desde que ele ou ela tenha também uma base de humildade e de amor. Contrariamente, tudo acaba em fogo e lágrimas de revolta e frustração. Dizer a verdade para os outros pode ser um belo ato de religião, contanto que seja dita *com amor* e que se esteja disposto também a ouvir a verdade que os outros têm a dizer-nos!

Durante toda a nossa vida, teremos de enfrentar coisas e situações com um grande senso de realismo, paciência e amor. Temos de fazê-lo com maridos, esposas, amigos, irmãos de comunidade religiosa, colegas de trabalho etc. Nunca seremos felizes se procurarmos esconder nossos sentimentos, que podem ser até mesmo de irritação e raiva. O importante é estudar a maneira cristã de abrir essas "válvulas" e confiar nos outros que, com a ajuda de

Deus, saberão aceitar nosso desabafo e auxiliar-nos com as explicações ou desculpas necessárias, se for o caso. É claro que devemos estar também preparados para receber da mesma forma os desabafos de nossos irmãos. Sem isso, a vida se transforma numa tremenda confusão, falta de confiança e de verdade no nosso relacionamento com as pessoas e com Deus na oração.

Não há dúvida nenhuma de que podemos ferir os outros terrivelmente em nosso relacionamento diário, consciente ou inconscientemente. Se assim não fosse, Deus não nos mandaria amar nossos inimigos. O meu pior inimigo pode não ser um comunista ateu e terrorista. .. Pode ser você! É sim! Pode haver momentos em sua vida quando sentirá uma vontade tremenda de me dar uns bons tapas! Quem acha que isso não acontece consigo é porque não se examina suficientemente ou, então, não é humano. Nessas situações, somos sempre convidados a admitir a verdade e perdoar. Mas essa mesma verdade nos dirá que muitas vezes nós é que somos a cruz em que nosso irmão está sendo crucificado. Neste ponto é importante que sejamos honestos conosco mesmos e saibamos pedir perdão.

"Confiar no nosso irmão é roubar a Graça de Deus para si", leio num desses postais de fotomensagem. Lindo. Precisamos confiar uns nos outros, em vez de sair por aí resmungando pelas esquinas. Esse tipo de "resmungo" é como uma faca nas costas do outro. Tais resmungos e murmurações gelam a oração da gente; acabam com ela! Não é fácil dizer a verdade e não é fácil confiar; mas é o que devemos fazer. O próprio Deus confia em nós, que não merecemos sua

confiança. Ele não nos deu seu Filho?

A verdade, às vezes, queima como fogo e outras vezes faz chorar. Na oração, esse fogo nos purifica e estas lágrimas nos lavam.

PAUSA PARA REFLEXÃO

CONTRA A FALSA PAZ

A fé está decadente, e a esperança, morrendo;
a caridade está sendo sufocada
pelo frenesi de compra e venda consumista.
Não é hora para a paz indolente e suas manhas!
É hora de corações ao alto
e de uma ação que ponha termo
às acomodações!

Peça a Deus o perigo e sua glória,
o medo como passatempo,
para que a vida transcorra
como uma história exposta ao vento e ao sol.

Manda-nos, Senhor, um despertar urgente,
uma raiva que nos sacuda até as raízes!
Precisamos ser aguilhoados
porque nossos espíritos se enferrujam.

Sim, manda-nos, Senhor, uma boa espada
e põe um pouco de combate em nossa vida.
Envia-nos perigo em grandes doses
e a morte como um história
contada pelo vento e pelo sol.

7. O ESPÍRITO DE ORAÇÃO

Jesus disse que ele e o Pai virão habitar em nós, morar conosco... Poucos são os que compreendem toda a beleza do sentido dessas palavras. Além da presença de Deus em nós pelo batismo, além da sua presença eucarística, que nos alimenta ao longo da caminhada, além da segurança psicológica que sentimos pela presença da fé e pela realidade consoladora do perdão, que é uma presença de amor divino no sacramento da reconciliação, além de tudo isso, que mais podem significar essas palavras?

Jesus nos assegura que a Trindade habita em nós. Para o cristão oriental é aí que está a essência da fé e é em torno dessa realidade que gravita toda a vida religiosa. É ponto de partida e muitíssimo mais. Ao ponto de partida, muitas vezes, não se volta. Esta presença da Trindade em nós é um ponto de partido tipo "fonte", porque o riacho nasce na fonte e dela nunca se separa e ela sempre o alimenta com água fresca e transparente.

Costumamos comentar muito os nossos sentimentos de inadequação e desajuste. Vivemos duvidando de nós mesmos, com a impressão de que nunca realizaremos nada de profundo e duradouro. Até aí acho que isso não é lá tão sério assim. Mas, às vezes, esse sentimento se agrava e nós nos vemos sem valor algum, cheios de culpa, repletos de complexos de inferioridade, desses que nenhum analista consegue resolver... Aí sim, a coisa fica séria porque, num estado desses, como poderemos entrar dentro de nós, nessa devastação toda, para descobrir que Deus está morando conosco? Temos de sacudir todo sentimento de culpa, como se faz

com um tapete que se sacode no quintal. Temos de pegar uma vassoura e tirar as teias de aranha da mente e do coração, porque não podemos deixar a casa de Deus entregue a essa desordem e sujeira. Reparar que Cristo não disse: "Se alguém for santo e perfeito, nós viremos a ele..." O que diz é que precisamos *amá-lo*. Pelo fato de amá-lo, faremos esforço para cumprir sua palavra e é o que basta para garantir sua presença em nós: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, meu Pai o amará; nós viremos a ele e nele estabeleceremos nossa morada" (Jo 14,23). Deus não nos ama porque somos bons, mas porque ELE É BOM! Deus não nos ama por sermos santos, mas porque ele é santo.

A essência da vida é, pois, esta habitação divina, esta presença da Trindade em nós. A vida religiosa, o esforço espiritual devem concentrar-se nessa nossa "jornada para dentro", em busca da *Fonte* mesma da vida, de toda a vida. Por mais belos que sejam os pensamentos e inspirações que você possa ter, mesmo insuflados pelo Espírito Santo, saiba que não passam de gotinhas de água; o oceano inteiro está lá dentro de você.

Deus é movimento, porque ele é Criador, e toda criação é movimento. Ele é também Fogo — chama de amor — porque também o fogo está sempre em movimento. Na mesma linha de raciocínio, Deus é um vento, às vezes suave, às vezes possante e forte, como no dia em que o seu Espírito desceu sobre os apóstolos. Não é um vento destruidor, mas sim um vento que nos purifica dos pecados — poeira e folha morta — e, ao mesmo tempo, refresca o calor opressivo em que às vezes vivemos nas lutas desta

vida. Ele é também um vento que pode transportar-nos de um lugar para outro.

Tudo isso é simbólico, claro. Recorremos a essas comparações tiradas do movimento, do fogo, do vento porque a Trindade é um conceito que nossa mente não consegue compreender. Apenas podemos entrar no mistério, no coração da chama, no centro desse redemoinho de vento divino. Foi para isso que a segunda Pessoa se fez homem em Jesus Cristo: para podermos entrar no coração da chama porque *ela vem a nós*: "E viremos a ele".

Minha oração cotidiana torna-se minha "jornada diária para dentro". Ao encontrar meu Deus dentro de mim, sinto uma força nova, uma renovação de vida e abro os braços para abraçar meu irmão, a fim de lhe comunicar esta vida nova que encontrei no interior do meu próprio coração. Depois de tocar em Deus, com que respeito eu toco em meu irmão, em você. E eu o tomo em meus braços e o levanto, não até mim mesma, mas até Deus, até a Trindade.

Tolstoi tem uma bela estória a respeito da devoção à Santíssima Trindade. A estória é sobre uma oração... Diz ele que um certo bispo saiu para visitar sua diocese e aportou numa ilha muito afastada, onde moravam apenas três pescadores. Encontrou-os o bispo remendando suas redes e perguntou-lhes se eram ermitães. "Não sabemos o que isso quer dizer", responderam eles. O bispo, então, lhes perguntou se eram cristãos, ao que eles, cheios de alegria, responderam que sim. Meio desconfiado daqueles cristãos perdidos no fim do mundo, o visitante mandou que eles rezassem alguma oração, a fim de testar o cristianismo deles. Os bons homens não se

fizeram de rogados e logo começaram a rezar a única oração que sabiam: "*Você é três; nós somos três; tenha piedade de nós!*" Ora, valha-me Deus, pensou o bispo, vê lá se isto é oração! Com muita paciência, pôs-se, então, a ensinar o pai-nosso aos três pescadores. Eles, com maior paciência ainda, esforçavam-se para aprendê-lo.

Não foi fácil enfiar o pai-nosso naquelas cabeças analfabetas, que nunca tinham decorado coisa alguma; mas o bispo conseguiu que eles repetissem, sem erro, a oração ao menos uma vez.

Um ano mais tarde, o bom prelado passou de novo por aquelas paragens. Dessa vez não quis descer à terra; apenas abençoou, de longe, os pescadores que lá estavam na praia com suas redes. O navio já começava a afastar-se quando alguém observou que os três homens se precipitaram ao mar. O bispo mandou parar o barco e esperou que eles se aproximassem. Quando já estavam bem perto, um deles gritou: "Senhor bispo, esquecemos o pai-nosso... ensine-o de novo a nós!" O prelado sorriu, encantado com aquela simplicidade e mais ainda com aquela fé. Mas não lhes ensinou de novo o pai-nosso. Em vez disso gritou-lhes, de cima do barco:

"Escutem, meus bons amigos... Eu me enganei. Continuem rezando aquela oração que ouvi de vocês: **VOCÊ É TRÊS; NÓS SOMOS TRÊS; TENHA PIEDADE DE NÓS!** Eu também a venho rezando todos os dias desde que conheci vocês! Vão com Deus!"³

³ O Pé. Anthony de Melo, S.J., faz também um bom uso desta história no seu livro, *O canto do pássaro*, traduzido nesta editora. Ele termina com este comentário, à p. 86:

Aí está uma bela lição, com palavras de Tolstói, nem mais nem menos! Nem sempre convém ensinar os outros a rezar, porque Deus ensina muito melhor.

Existe, para todos nós, um momento em que Deus nos chama. É como uma nota vibrando num diapasão e que reverbera no nosso coração. Essa nota pode soar em meio a uma rua movimentada ou na mais tranqüila das solidões; podemos ouvi-la clara e distinta, limpa e sonora dentro do ronco de um avião a jato... Não há engano possível: "Agora," diz ela, "levanta-te e vai! Vende o que tens! Assume esta atitude de humildade diante do teu superior ou superiora! Vai pedir perdão! Vai escrever aquele artigo para a revista católica! Vai fazer aquele retiro espiritual! Vai fundar aquela obra para a qual te venho preparando. Agora!"

Em momentos assim, você leva as mãos aos braços da poltrona para não cair, mesmo estando sentado... Porque aquilo que essa voz pede é, exatamente, a última coisa que você desejaria fazer. E a razão é muito simples: você sabe que quando essa voz soa é porque Deus está chamando e quando ele está chamando para realizar algo no seu Reino, pode contar com algum sofrimento que acompanhará o trabalho. Por isso é que você se assusta. Se obedecer àquela voz, pode ser que alguém vá cuspir em você, pelo menos simbolicamente. Poderão chamá-lo de doido, alucinado, sonhador e até, quem sabe, de comunista. Foi o que me aconteceu na

"Às vezes tenho visto boas velhinhas rezando intermináveis rosários... Será que Deus pode ser glorificado por esse continuo mexer de lábios? Mas cada vez que fixo os olhos nelas e vejo suas faces voltadas para o céu, convenço-me de que elas estão, talvez, mais perto de Deus do que muitos homens eruditos" (N. do T.).

década de 1940 quando, em pleno problema racial, no sul dos Estados Unidos, eu me pus ao lado dos negros e empunhei o evangelho contra o racismo... O pior de tudo isso é que não sabemos quando se sofre mais: se ficando sentado ou se decidindo levantar-se para obedecer àquela voz! Foi esta a experiência de Jonas, de Jeremias e de vários outros profetas.

Em ocasiões assim, surge um tumulto dentro de você, deixando a impressão de que está sendo rasgado em duas partes. Este é apenas o começo da sua "jornada para dentro", quando você descobre que a Trindade mora dentro de você e também fora. Este é o momento da oração. Não de "orações", não de oração do jeito que você sempre a imaginou ou entendeu... É o momento de uma grande descoberta e reconhecimento; a hora da mais profunda abertura e receptividade total. É o tempo em que nada mais importa, senão conscientizar-nos de que somos criaturas e de que é Deus quem está chamando! Em tais circunstâncias, a oração se identifica com a vida.

E quais são as coisas para as quais Deus está nos chamando? Para aquilo que cada um de nós deseja mais intensamente. Para levar uma vida que dê frutos, uma vez que a esterilidade é a maior tragédia de qualquer existência. É só lembrar-se da parábola da figueira, no evangelho... Deus nos chama para a fertilidade. Ele nos oferece uma vida destinada a vergar-se ao peso dos frutos, porque nos dá a possibilidade de trabalhar na construção do seu Reino. E que Reino será esse? Eu, você, a moça que caiu ou está prestes a cair na vida, o moço viciado em maconha ou cocaína, o menor abandonado,

cheirando cola por aí, o bêbado cambaleando de boteco em boteco... Seu Reino é o cego, o mudo, o aleijado, o solitário, o desempregado, o pobre e também o rico! Mas, sobretudo, os primeiros desta lista, que encheram a sala do banquete que os ricos recusaram. Este Reino inclui o mundo todo com todas as suas raças.

O drama da vida humana consiste em que todos aspiramos e sonhamos com a grandeza, e Deus insiste em que nos tornemos pequenos. A porta do Reino não é somente estreita; ela é também baixinha; portanto é imprescindível que a gente se abaixe, se "apequene" para poder entrar. Uma das maneiras de ficar pequeno é *ajoelhando-se*. Paradoxalmente, é nesta posição que nós crescemos, como diz a velha frase tão citada: "O homem nunca é tão grande como quando se ajoelha".

Esses momentos de "chamada de Deus" são horas de opção de vida; mas não são horas esporádicas ou isoladas: elas se repetem continuamente, durante toda a nossa vida; melhor dito, não são horas, são minutos e segundos de opção contínua. A parte mais bela da opção é a nossa liberdade. Somos sempre livres para rejeitar, para fechar os ouvidos ou fingir que não escutamos, para virar as costas e tomar o caminho oposto. Somos livres para cortar as amarras ou quebrar as correntes deste Amor infinito que nos prende a si. Só uma coisa nos impede de fazer isto: o nosso amor, que gosta de "estar preso".

Nessa perspectiva, a oração se torna muito simples, tão simples como a do cego do evangelho: "Senhor, eu creio, mas ajudai a minha falta de fé!" (Mc 9,23). Ele está acostumado a esse tipo de oração que, às

vezes, nem chega a ser formulado em voz alta: é apenas um gemido que sobe do coração, um grito de agonia, um pedido de socorro, suplicando amparo e luz. Mas, por trás de todos esses pequenos gritos que, às vezes saem molhados de lágrimas e, outras vezes, saem com vibrações de alegria, a oração fundamental e subjacente é sempre esta: "Senhor, ajuda-me a seguir avante em qualquer direção que me queiras conduzir!"

Ninguém jamais conseguiu nem conseguirá definir o que seja a fé. Ela, de fato, não pode ser definida. Nem os maiores teólogos conseguem fazê-lo. É impossível defini-la, porque o alvo essencial da fé é a Trindade que ninguém pode definir! Por isso também, a nossa "jornada para dentro", em busca da Trindade que habita em nós, é uma viagem que se processa na névoa do mistério. A oração é um mistério como movimento do Espírito, sempre pronto, na carne sempre fraca.

Muitas vezes a oração se torna sem sabor, difícil, sem sentido... Os dias vão perdendo contorno, dentro da rotina cinzenta de nossas ações. Somos tentados a perguntar: "Será que tudo isso tem alguma importância?" A secura, a aridez, pode ser um sofrimento insuportável. Ela pode ser um ato de reparação e pode ser, também, o pagamento de uma dívida. Mas nunca é um sofrimento inútil, se persistimos no esforço de rezar; pelo contrário, nestes termos, pode ser um sofrimento libertador, permitido por Deus para que subamos cada vez mais alto a essa montanha das bem-aventuranças que é a fé. A aridez é parte da oração, parte da "jornada para dentro".

Oração é "contato com Deus". Para podermos chegar a esse contato, primeiro temos de quebrar todos os outros ídolos que cultuamos dentro de nós mesmos. É incrível como são numerosos esses "deuses" que adoramos nas horas vagas. Só quando começamos essa jornada para dentro é que notamos quantos eles são! Geralmente sentimos dificuldade em nos desfazer desses ídolos e, até mesmo, procuramos negar sua existência, tapeando a nós mesmos. Nós os adoramos sem saber bem o que estamos fazendo. Temos de destruí-los, senão o coração não sobe. É como se eles fossem um lastro de pedra. Imaginem uma pedra amarrada à pipa que uma criança tenta fazer subir ao céu!

Para que a nossa oração seja leve, libertando-se de todos os lastros que a impedem de subir, temos de parar de enganar a nós mesmos, escondendo nossa verdadeira face, nosso "eu autêntico". Depois, é só abrir os braços, ficando *cruciformes* diante de todos os olhares. Este é o começo do despojamento de nós mesmos que corresponde ao de Cristo, que "se despojou da sua divindade e revestiu-se da forma de escravo", como diz são Paulo (Fl 2,7). O despojamento de Cristo começou em Belém, sob a forma de uma criança; depois foi crescendo gradativamente, até atingir o despojamento total, mesmo físico, quando foi crucificado nu sobre a cruz. Aí já não foi apenas a "forma de escravo", mas de um criminoso vulgar, ao lado de dois ladrões. Tal foi o seu infinito amor por nós.

Não basta que entremos apenas nos nossos próprios corações; somos convidados também a entrar, pela caridade, nos corações dos nossos irmãos. Mas esse

convite só vem quando nos abrimos e nos revelamos a esses nossos irmãos. Ninguém convida um desconhecido a entrar em sua casa. Querer parecer o que não somos é a melhor maneira de nos fechar aos outros e de afastá-los de nós. E não é fácil ter essa humildade e simplicidade que abrem aos outros o espírito e coração. É como se déssemos aos outros a chave da nossa própria casa. Na realidade, estamos dando a eles a chave do Reino de Deus dentro de nós. Esta é uma terra sem fronteiras!

Será que estamos preparados para "abrir-nos" desta maneira? Queremos, de fato, amar a Deus e ao próximo totalmente e "sem defesas", sem manipulações que tentem puxar as brasas para a "sardinha" da nossa própria vontade? Estamos preparados para viver a oração dos que são chamados a se apaixonar por Deus?

Deus é amor, e a nossa fé — na expressão bíblica dos Cantares — é um "caso de amor" entre ele e nós. Se esta expressão não nos impressiona ou se a julgamos sentimental ou "feminina" é sinal de que nossa fé deixa muito a desejar e nosso amor mais ainda. Aí, sim, precisamos fazer, com insistência, a oração daquele cego: "Creio, Senhor, mas ajudai minha incredulidade". Peçamos-lhe que nos ajude a crescer na fé e no amor para podermos crescer na oração.

A realidade da oração é muito simples e cristalina, mas quando se tenta abordá-la com palavras, ela, de repente, parece inexprimível. Como não se pode definir a Deus, assim também não podemos definir aquilo que nos une a ele. Eis o tamanho da questão! Não consigo ensinar a ninguém como rezar; a única

coisa que posso fazer é mostrar como rezo.

A oração para mim sempre foi um ato de quem se põe à escuta, de quem se dispõe a ouvir... Durante toda a minha vida eu desejei intensamente ouvir ou escutar o meu Deus que me falava e continua me falando. Quando ainda muito pequena, costumava sair pelas colinas, nos arredores de minha casa, vagando por entre as florzinhas do campo, em plena primavera ou ao sol do verão. Chegando em casa, minha mãe me perguntava onde estivera e eu respondia que estava "escutando Deus"... Ela queria saber como eu fazia isso e eu respondia: "É muito simples: a gente se deita no meio das margaridinhas do campo... Aí o vento vem e começa a inclinar as florzinhas pra lá e pra cá; é Deus quem está falando!"

Minha imaginação era muito viva naqueles tempos de criança. Mas se você tentar ouvir a Deus dessa maneira, tornando-se criança, verá que sua oração se transformará num belíssima aventura. Hoje eu não me deito mais em meio às flores... Mas continuo no esforço de ouvir o meu Deus, desde o momento em que me levanto, passando de ação em ação, como se fossem flores! Eu digo cartas, faço leituras, converso com pessoas, sempre com os ouvidos postos em Deus. Às vezes, acontece que, nessas conversas com membros da minha comunidade ou com visitantes, as pessoas estão inquietas e até irritadas. Eu as ouço assim mesmo, porque nelas ouço a Deus.

Por isso ouço-as sorrindo e as respostas surgem com facilidade, porque nascem de uma paz muito grande que se aninha aqui, bem no fundo de mim mesma. É

a paz de Deus. Pode acontecer que, num nível meramente humano, eu também sinta irritação e até mesmo raiva por causa de erros, desastres e tanta coisa que acontece ao meu redor... Mas a tempestade é superficial: as ondas se agitam por cima; no fundo, porém, o mar está calmo. A tempestade é, muitas vezes, um jeito de participar da paixão de Cristo. Ele também deve ter tido seus momentos de irritação no trato diário com aqueles rudes pescadores.

Mas voltemos àquele vento e àquele fogo de que falávamos algumas páginas atrás. Há uma tremenda alegria dentro de nós quando sentimos o calor desse fogo e o ruído desse vento que chega. Não é um vento que nos derruba nem uma chama que nos queima. É uma brisa que acaricia e um fogo que aquece e purifica. Em momentos assim, a gente se esquece das próprias imperfeições e pecados, porque sabemos que essas coisas não têm importância para Deus. Claro que, para ele, pouco importa que você seja imperfeito. Não foi ele quem disse que não veio chamar os santos, mas sim os pecadores (Mt 9,13)? O que deseja é que você entre dentro dessa chama que ele veio trazer à terra (Lc 12,49).

PAUSA PARA REFLEXÃO

E ESSE FOGO DO CÉU?

Sou uma tábua de pedra, como aquela
em que escreveste a Lei, sobre o Sinai,
com o fogo dos teus raios e trovões!
Grava tua Lei em mim, Senhor, e dá-me força
a fim de suportar a tua chama!

Sou sarça chamejante em teu deserto;
ateia em mim teu fogo, Deus eterno,
e não permitas que eu me abraze em outra chama
que não seja essa tua, meu Senhor!

Sou um metro quadrado, nada mais,
de terra ressequida, sobre a qual
se levanta essa cruz em que agonizas...
Dá-me forças, Senhor, para suportar
essas gotas ardentes do teu sangue,
que caem sobre a minha terra seca.

Sou pedra, sarça ardente, terra seca...
mas sabes que, em tudo isso, tua chama
infunde amor, infunde vida, infunde paz.

Dize-me a quem devo levar todo esse fogo
antes que eu morra, meu Senhor, nos seus ardores.
Não pode ser tão-só para meu bem
que esse fogo arde em mim; mostra-me a quem
devo comunicá-lo e dá-me forças
para que eu possa agüentar os teus ardores.

8. ORAÇÃO E VONTADE DIVINA

Às vezes, sinto verdadeiros arrepios ao ouvir gente jovem dizendo: "Deus me disse para fazer isso ou aquilo; para ir a certa parte e não a outro lugar". Uma jovem que nos veio visitar em Madonna House disse-me um dia: "Não fui trabalhar na lavanderia porque o Espírito Santo me disse que eu, em vez disso, devia dar um passeio". Não sei bem quais sejam as premissas teológicas para uma afirmação dessas!⁴

Eu nunca ouço Deus me mandando fazer o que quer que seja de acordo com minhas próprias sugestões e interesses pessoais. Em tais circunstâncias, é difícil, para não dizer impossível, que uma pessoa possa dizer: "Estou cumprindo a vontade de Deus". É fácil dizer que recebemos tais ou tais inspirações na oração... Mas, a não ser que se trate de assuntos de inegável alcance e valor para a glória de Deus e bem do próximo, essas afirmações trazem, quase sempre, um tom falso ou desafinado. Claro que se tem de levar também em consideração a maturidade religiosa e espiritual das pessoas em questão.

Acredito firmemente que Deus inspira e atrai as pessoas; mas, quando o faz, age sempre de maneira que se encaixe bem nas circunstâncias em que essas pessoas estão ou vivem. Há sempre as exceções, claro, como no caso de Abraão. Uma senhora

⁴ Para melhor compreensão do que aí diz Catarina, é bom informar o leitor que, em Madonna House, onde vive a comunidade fundada pela autora, a vida é distribuída entre trabalho e oração. Os visitantes são acolhidos de braços abertos e de coração mais aberto ainda; mas também eles são convidados a entrar no "espírito" da comunidade, isto é: participam da vida de oração e de trabalho. A cada hóspede que chega lhe é indicado o tipo de trabalho que fará, de acordo com as necessidades da comunidade. (N. do T.).

escreveu-me um dia, perguntando se podia pertencer a nossa comunidade. Ela estava absolutamente convencida de que tinha vocação para o apostolado leigo, que é a linha da nossa comunidade em Madonna House. Mas quando a boa senhora apareceu e me foi apresentada, fiquei sabendo que tinha marido e cinco filhos! Não foi muito difícil mostrar-lhe qual era a vontade de Deus a respeito dela, naquelas circunstâncias...

Muitos jovens católicos de hoje querem fazer "peregrinações". Sou completamente a favor de peregrinações. Minha mãe as fazia, com certa freqüência, chegando a caminhar até 300 quilômetros para visitar algum santuário. Mas ela o fazia depois de estudar e ajeitar todas as circunstâncias de sua vida de mãe e esposa; era preciso que houvesse alguém para tomar conta dos filhos e, sobretudo, escolher um tempo em que meu pai estivesse ausente. A ordem geral da casa não podia ser esquecida. Só depois de olhar todas essas circunstâncias é que ela saía em peregrinação.

Geralmente é nesta linha que Deus age; como se, antes, ele desse uma boa olhada em todas as circunstâncias e compromissos fundamentais da nossa vida!

Não tenho a mínima dúvida de que Deus dirige a nossa vida e o faz, geralmente, através dos dez mandamentos e, sobretudo, através da suprema lei do amor e da caridade. Tudo quanto ele nos inspira ou ordena se afunila sempre por esse gargalo: amá-lo sobre todas as coisas e amar o próximo como a nós mesmos. Ninguém poderá mudar a grande afirmação evangélica: "Nisto conhecerão os homens

que vocês são meus seguidores: se vocês se amarem uns aos outros" (Jo 13,35). Mais ainda: ele mandou-nos amar até os nossos inimigos. Se agirmos dentro desta linha de comportamento, podemos estar certos de que estamos sendo dirigidos por Deus.

Teresinha de Jesus foi uma santa que obedecia até as pessoas que a dirigiam mal! Uma de suas superiores era, reconhecidamente, desagradável e rude; mas nem por isso a santa deixou de obedecer-lhe sempre e em tudo. Quando se tratou de decidir sua vocação, foi pedir conselho ou permissão ao papa, por ter apenas quinze anos. Seu sentido de obediência à regra do seu instituto era tão grande que chegava a interromper uma palavra começada quando estava escrevendo e ouvia o som do sino, chamando-a para outra atividade, determinada pelo horário da comunidade.

Na década de 1930, veio-me a inspiração de vender tudo o que tinha para dá-lo aos pobres e viver sozinha entre eles, numa espécie de "*poustinia* de rua e de mercado".⁵ Logo que essa idéia surgiu, julguei por bem submetê-la ao juízo de um sacerdote. De fato, apresentei-a a não sei quantos padres, pedindo sua orientação. Todos eles acharam que eu estava doida e me dissuadiram dizendo:

⁵ Para entender os fundamentos da vida espiritual de Catarina e de sua organização de apostolado leigo (Madonna House), é indispensável a leitura do livro *Poustinia*, traduzido no Brasil sob o título de *Deserto vivo*. Um dos capítulos dessa obra intitula-se "*Poustinia* nas praças e mercados". Aí ela descreve a ação apostólica dos "ermitões ou eremitas da cidade", que, depois de se terem recolhido ao deserto interior de si mesmos, na oração e na meditação, levam esse recolhimento ou esse "deserto" (*poustinia*) sempre consigo, mesmo quando estão trabalhando em pleno bulício das praças e mercados. Ver *Deserto vivo*, p. 90 (N. do T.).

"Você tem um filho para o qual você é pai e mãe!"
Chegaram a dizer-me que isso era tentação do diabo e não inspiração de Deus, como eu pensava. Houve um bom padre que me fez a peregrina sugestão de levar um pouco de água benta para casa e salpicar com ela a minha cama, antes de deitar-me! E, acreditem, eu obedeci com tanta perfeição, que joguei água até demais! A cama ficou ensopada e tive de dormir no chão!

O discernimento de todos esses "santos padres" não era acertado, como o futuro comprovou; mas fiz o que pude para aceitar tudo quanto me disseram, até que a Vontade de Deus se esclarecesse pela orientação de alguém mais altamente colocado na Igreja. Meu pai me tinha dito, muitas vezes, quando criança, que o bispo é o "pai das nossas almas" e que eu devia ir a ele sempre que tivesse alguma dúvida muito séria em matéria de religião. Seguindo esse conselho, fui ter com o arcebispo Neil McNeil, de Toronto, e ele me deu permissão para fazer o que desejava.

Portanto, nosso apostolado leigo de Madonna House, desde seu primeiro esboço e inspiração, sempre teve a marca da obediência. Até o dia de hoje, nunca desobedeci a um bispo da santa Igreja. Um deles, certa vez, veio visitar nossa obra e, antes de sair, fez este comentário que depois me foi comunicado: "Conheço a história de Catarina, com todas as dificuldades por que passou; mas numa coisa ela nunca vacilou: foi sempre tremendamente fiel ao magistério da Igreja!" Graças a Deus, isto é verdade. Já fui injuriada demais e acusada de todos os pecados que estão nos dicionários ou nos manuais

de teologia moral... Mas nunca ninguém me acusou de ter desobedecido à Igreja! Madonna House está construída sobre essa pedra fundamental: *obediência à santa Igreja*.

Não consigo separar a oração da obediência e não creio que alguém possa fazê-lo. Como poderia eu rezar a um Redentor que foi obediente até a morte se minha vida está marcada pela desobediência? Cristo, meu irmão, veio a este mundo para cumprir a vontade do Pai... E eu vou cumprir a minha? A aceitação da vontade divina pode acarretar muita dor, sofrimento de rejeição e incompreensão dos homens, mas é por esse caminho que se chega à paz. Deus está despertando hoje em muitas pessoas o sincero desejo de aprender a rezar. E existe, realmente, tanta coisa para pedir a ele na oração! Mas seria lamentável que as pessoas vissem, na oração, um meio de concentrar a atenção apenas em seus próprios desejos. Não é isso pedir que Deus faça a sua vontade, num espírito oposto ao do evangelho? Não posso julgar ninguém, mas também não posso deixar de pensar que a prece voltada só para os próprios desejos e conveniências é uma tentativa infantil e imatura de tentar trazer Deus ao que queremos.

Sim, esta é uma verdade: nossa tendência é sempre a de pedir a Deus o que desejamos, em vez de pedir o que *ele* quer. Em geral, quando nossos desejos e "sonhos" se desvanecem, esfria-se a nossa oração. Portanto, é muito importante, sempre que rezamos, verificar *se estamos nos movendo a favor ou contra a corrente da Vontade divina*. Temos de levar isso em conta, mesmo quando rezamos por alguém que

amamos muito.

Certa vez, Eddie, meu marido, sofreu um acidente de carro. Enquanto viajava para ir ao encontro dele, rezava o tempo todo para que tudo corresse bem e não houvesse complicações maiores... Entretanto, durante a oração, mesmo contra a minha vontade, eu sentia um tremendo impulso para acrescentar: "Se assim for da vossa Vontade, meu Deus". E, de fato, acrescentei estas palavras à minha prece o tempo todo. Não foi o que Cristo fez no horto? Se fosse vontade do Pai levar meu marido para o céu, eu devia ir já me acomodando a essa idéia, *entrando na corrente divina* e deixando-me levar por ela.

O ato mais perfeito da vida de qualquer pessoa é sempre o cumprimento da vontade de Deus. O grande problema consiste em descobrir essa Vontade e saber distingui-la bem da minha, como já mencionamos ao falar das nossas "manipulações". Para chegar a esse discernimento, um dos pontos mais árdios da vida espiritual, só existe um caminho: *tenho de aprender a ouvir e escutar o meu Deus!* Isso só é possível na oração e sob a orientação de um diretor espiritual. *Ouvir* é um aspecto e parte essencial da oração.

A vontade de Deus, às vezes parece trazer-nos dor e sofrimento; mas isso é só porque nosso amor está ainda muito fraco. Como diz santo Agostinho: "Onde há amor não existe sofrimento e, se houver sofrimento, este se torna amado".

A entrega total de nós mesmos à santíssima vontade de Deus, tanto na oração como na ação, é a essência da vida cristã e é também nessa entrega que

encontramos felicidade e alegria indefiníveis. Nesse abandono ao querer divino, somos transformados, dia a dia, e começamos a viver numa nova realidade: a realidade sobrenatural da graça. Dentro dessa realidade, não se pode mais falar de sofrimento porque, uma vez dentro dela, "nossa tristeza se converte em alegria" (Jo 16,20).

PAUSA PARA REFLEXÃO

ENTREGA

Estranhos são os teus caminhos, ó Senhor: tu me falas de amor até quando me encontro na beira de um abismo!

Ajuda-me a descobrir, no dever de cada dia e cada hora, a mais bela modalidade da minha entrega à tua vontade. E que eu veja, também, que é nessa entrega que reside a suprema beleza da vida!

*Interlúdio pelo tradutor*⁶:
CANTO DE ACEITAÇÃO

Que eu não cante somente, meu Senhor,
ao ver as minhas árvores cobertas
de frutos perfumados no verão:

Senhor, meu Deus, muito obrigado!

mas que eu cante, também,
ao vê-las todas nuas, devastadas
por prolongadas secas ou por pragas:

Seja feita, Senhor, vossa vontade!

Que eu não cante somente, meu Senhor,
quando alegria, paz, beleza e amor
enchem meu coração, olhos e vida:

Senhor, meu Deus, muito obrigado!

mas que eu cante, também,
quando sinto um deserto no meu peito
e, às vezes, me parece que uma noite
se estagnou bem no fundo de minha alma:

Seja feita, Senhor, vossa vontade!

⁶ Em julho de 1971, viajei até o Canadá, a fim de conhecer pessoalmente e entrevistar Catarina, visando escrever um livro sobre ela e sua obra (*Apresento-lhes a baronesa*). Impressionaram-me a serenidade e quase senso de humor com que me relatou os tremendos sofrimentos de sua vida, causados pelas críticas, pela incompreensão e até pelo desprezo de muitas pessoas, incluindo padres e freiras. Não havia rancor no que ela me dizia e acrescentava: "Não dê muita ênfase a isto! Foi a vontade de Deus".

Naquele mesmo dia, escrevi essa poesia que aí está e a li para ela em inglês. Seu comentário foi: "Você captou bem o meu espírito! Meus sentimentos estão bem traçados nessas linhas". Mais tarde, publiquei a poesia no livro *Reflexos*, desta editora e, hoje, peço licença a Catarina, lá no céu, para incluí-la no seu livro (N. do T.).

Que eu não cante somente, meu Senhor,
quando meus pés caminham entre flores
e eu sinto que vicejo num jardim,
ofertando perfume aos meus irmãos:

Senhor, meu Deus, muito obrigado!

mas que eu cante, também,
quando o insucesso, a dor, a ingratidão
varrem do meu caminho as flores todas
e os deixam eriçados só de espinhos:

Seja feita, Senhor, vossa vontade!

Que eu não cante somente, meu Senhor,
na áurea juventude dos meus anos,
quando me sinto irmão feliz das aves,
na doce liberdade de pairar
por cima das belezas da existência:

Senhor, meu Deus, muito obrigado!

mas que eu cante, também, quando se forem
as aves e as belezas e eu sentir
o inverno, em solidão de neves frias...
Mais do que nunca, então, fazei, Senhor,
com que eu sinta, em minha frente, o sopro cálido
do teu sereno e imenso amor de Pai
e se é mister que eu chore, nesses dias,
possam as minhas lágrimas vertidas
cair todas sem mágoa, reluzentes,
como as últimas notas de cristal
desta longa canção da minha vida:

Seja feita, Senhor, vossa vontade!

(Pé. Héber Salvador de Lima)

9. RESPOSTA À FOME DOS JOVENS

Minha vida, nestes dias, oscila entre uma grande tristeza e uma imensa alegria.

Alegro-me quando vejo muitos jovens que se voltam para Deus na meditação, na oração e na penitência. E eles estão fazendo isso com bastante frequência atualmente. Ao redor de nossa casa, em Combermere, vários daqueles antigos *hippies* arranjaram um cantinho e fixaram residência, deixando a vida nômade. Todos eles são jovens ardorosos, sinceros e cheios de verdadeiro idealismo. Enfrentaram invernos rigorosíssimos, como são os nossos nessa região, com frio de vinte a trinta graus abaixo de zero! E continuam na sua vida dura, cortando sua própria lenha, fazendo seu próprio pão e tentando montar sua fazendinha, com casas simples de troncos, mas bem-defendidas contra o frio.

O que mais impressiona nesses antigos *hippies*, nossos vizinhos, é que eles rezam e jejuam! A oração e o jejum têm sido, através de muitos séculos, os dois braços da oração erguidos para Deus. Como é consolador constatar que, até nos dias de hoje, ainda há jovens que fazem isso!

Alguns desses nossos amigos falam de meditação, de contemplação, zenbudismo e carma, confucionismo, taoísmo e outras espiritualidades orientais... E essa é a causa da minha tristeza! Sim, tristeza, porque tudo quanto se possa encontrar em Buda, Confúcio e quaisquer outras religiões pré-cristãs nós temos em Jesus Cristo, na mensagem bíblica dos dois Testamentos! Se ainda existem

jovens que vão procurar paz e amor em Buda ou Krishna, é sinal de que nós, na Igreja, não lhes estamos mostrando Jesus Cristo. Ou pelo menos não lhes estamos mostrando Jesus Cristo de uma maneira convincente e atraente! Sobretudo não lhes estamos mostrando Jesus Cristo *com e em* nossas vidas! Por que não respondemos, de modo eficaz, a essa fome jovem de encontrar o seu Deus? Por que não lhes mostramos os caminhos fundamentais e os únicos seguros para chegarem a ele?

Um dos meus livros favoritos, em matéria de oração, é o de Paulo Evdokimov e intitula-se *Struggle with God: a luta com Deus*. Aí se encontra a minha descrição predileta da oração:

"A oração é, a um tempo, a fonte da nossa vida e a nossa forma mais íntima e definitiva de viver. A palavra de Cristo, aconselhando-nos a entrar no quarto, fechar a porta e rezar ao Pai em segredo, quer dizer que devemos entrar no santuário interior de nós mesmos: o lugar secreto da oração é o coração humano. O 'certificado de saúde' de nossa vida espiritual e cristã está na nossa vida de oração, na sua intensidade, profundidade e ritmo. A nossa oração é que nos revela a nós mesmos! Ela nos diz o que somos!

Com freqüência, o evangelho nos diz que Jesus ia ao deserto para rezar. Segundo todos os comentaristas de assuntos espirituais, esse deserto é sinônimo de 'interiorização'; significa a concentração do espírito que se recolhe no silêncio. Nesse recolhimento, aprende o sentido e a beleza do silêncio e é neste nível que a oração se encontra e é também aí que o homem é misteriosamente visitado.

Quem não é capaz de reservar um lugar, em sua vida, para o recolhimento e o silêncio, jamais conseguirá atingir um nível mais alto de oração e não lhe será possível manter-se unido a Deus quando estiver no meio de muita atividade e no barulho das ruas. A água que mata a sede do espírito só é destilada, gota a gota, no silêncio. Só o silêncio nos possibilita esta indispensável "retirada" para um ponto mais alto, de onde podemos ver a nós mesmos numa dimensão e perspectiva verdadeiras.

O recolhimento abre nosso espírito para o céu e para os homens, ao mesmo tempo. Diz um santo da Igreja oriental, são Serafim: "Adquira e construa a grande paz interior e verá como muitíssimas pessoas encontrarão a salvação junto de você!"

Neste nosso tempo de inflação verbal, que aumenta cada vez mais a solidão do homem moderno, só as pessoas que conquistaram a paz, oriunda da oração, ainda são capazes de falar de Deus aos outros e mostrar-lhes como um rosto se transforma em palavra e como um olhar se torna uma presença. Neste mundo que se esvazia no barulho, só o silêncio de quem sabe rezar poderá impressionar o homem moderno, que nenhuma "pregação" consegue atingir. O mistério de uma vida de oração, em meio à dissipação atual, é a única coisa que pode tornar as pessoas atentas a uma revelação de Deus mais acessível a elas. Mas, mesmo conhecendo a eficácia da pregação do silêncio, a pessoa que reza encontra, em cada palavra, uma força nova e um frescor sem mancha. Essas pessoas têm as mais belas respostas — e as mais seguras — para

questões de vida e morte. São respostas que saem delas como um maravilhoso 'amém' de sua vida de oração contínua.

A essência do 'estado de oração' numa vida consiste na capacidade de ouvir a voz de Cristo, não só enquanto se fala com ele, mas também enquanto outra pessoa fala conosco: ouvir Cristo nos outros. A voz de Cristo chega a mim na voz de todas as vozes humanas. Sua face se multiplica em todos os rostos ao nosso redor: ele é o Caminhante de Emaús, o Jardineiro de Madalena, o meu vizinho... Deus se encarnou para que seu rosto divino pudesse ser contemplado na face de cada irmão nosso. A oração perfeita busca a presença de Cristo e a encontra e reconhece em todo e qualquer ser humano. Só uma atitude permanente de oração tem a felicidade de estar sempre vendo, assim, a face de Deus em toda parte".

A oração é, pois, uma coisa muito simples. Tem o seu próprio ritmo. Ela nos põe em contato com Deus e, logo, em contato conosco mesmos: antes de amar o seu próximo, você tem de ser capaz de amar a si mesmo! Sim, porque vejo no próximo a mesma face de Deus que reconheço dentro de mim.

Os jovens de hoje falam muito de ioga e respiração ritmada etc. Existe uma espécie de ritmo imponderável e intangível que eu chamo o ritmo próprio da oração. Imagine este quadro: um ser humano de pé, diante de Deus, com a cabeça inclinada. Suas mãos se juntam, num gesto oriental de saudação que é, também, um gesto de oração. Nessa atitude externa, este ser humano está a ponto de começar aquela "jornada para dentro",

imprescindível para todo aquele que, sinceramente, deseje encontrar o Deus Uno e Trino, Pai, Filho e Espírito Santo que nos habita.

Depois de inclinar profundamente a parte superior do seu corpo, o orante se põe de novo ereto e abre os braços, em forma de cruz. É nessa posição que percebe o sentido de sua vida e descobre, também, que as pontas de seus dedos podem, agora, tocar o seu irmão, porque na oração ele já está "tocando" o seu Deus. Esse movimento é um verdadeiro ritmo da oração e torna-se uma maneira muito importante de usar o próprio corpo.

Durante todo o dia devemos rezar, pondo a totalidade do nosso ser nesse esforço de "jornada interior", penetrando, cada vez mais a fundo, no silêncio e na solidão do nosso ser mais íntimo. Mas o contato com Deus e com as pessoas se realiza num plano ainda muito mais elevado, porque Deus é amor. Amando a Deus, na oração, inevitavelmente somos levados a amar os outros no serviço e na caridade. Em outras palavras: o dom da oração nos é dado para servir ao próximo.

É nesse longo processo que se realiza a *kénosis*, palavra grega que significa esvaziamento: o esvaziamento de nós mesmos para dar lugar a Cristo dentro de nós; para que ele cresça em nós. Isso quer dizer que a dimensão do cristão não tem limite. Nosso coração deve estar num crescimento contínuo. Além disso, assim como Cristo se encarnou na nossa humanidade, assim também nós somos convidados a acolher dentro de nós a humanidade inteira.

Hoje se fala pouco em jejum; entretanto, a palavra é

quase inseparável da oração em linguagem bíblica e nos escritos ascéticos dos primeiros séculos da Igreja. A situação moderna exigirá uma oração sem jejum? Será que ele está ultrapassado? Se assim fosse, também Jesus Cristo o estaria! Mas lembremos a este nosso século materialista, que se assusta ante esta palavra, lembremos-lhe que jejum não é tomado apenas no seu sentido tradicional e estrito de "abstinência de alimento". Jejum é toda a mortificação dos nossos desejos desordenados, dos nossos apegos ao conforto, para podermos estar mais disponíveis para a oração e a ação de Deus em nós. Mas mesmo o jejum tradicional ainda não passou de moda. Aliás são milhares e milhões que, diariamente, estão fazendo jejum, na hora presente, a fim de perder peso, uns por motivo de saúde, outros por razões de esporte e a maioria por pura vaidade. Não vejo, pois, por que não jejuar por amor a Deus e ao próximo!

Voltando aos jovens, são milhões deles que estão saturados do vazio e da banalidade do nosso século e andam buscando uma resposta para suas perguntas vitais, para seus anseios mais íntimos. Por que não lhes damos nós essas respostas com nossas próprias vidas mais dedicadas à oração e à espiritualidade? Por que damos a eles tão poucas oportunidades de descobrirem a Deus em nossas vidas, em vez de o procurarem nas religiões orientais não-cristãs? Se os traços de Deus estivessem bem-expressos, firmes e belos nas nossas vidas de cristãos autênticos, nossos filhos não iriam procurar o semblante de Deus no budismo!

Alguns anos atrás, o bispo de nossa diocese

convidou-me a participar de um congresso de teologia em Toronto. Certo dia, entre uma conferência e outra, eu estava passeando pelo jardim, tomando um pouco de sol, quando deparei com um grupo de *hippies* sentado na grama. Estávamos no parque da Universidade de Toronto, onde o congresso se realizava. Aqueles rapazes e mocas acabavam de ser expulsos da residência que ocupavam e muitas pessoas estavam com eles, oferecendo-lhes sanduíches e outras coisas.

Uma das moças *hippies* viu a cruz que uso no peito e perguntou-me se eu era freira, ao que lhe respondi que não, e logo começamos uma conversa, cujo centro era Jesus Cristo. Ela queria saber se Jesus era melhor que LSD e outras drogas!... Passei vários dias conversando com essa moça durante o congresso. Falei-lhe sobre santa Teresa de Ávila, sobre São João da Cruz e todos os grandes místicos da Igreja. Sabem qual foi o comentário final dessa mocinha? Virou-se para mim e exclamou: "Nossa!! Mas essa gente é mesmo muito mais legal que zenbudismo!"

Esse encontro, com seu resultado, foi uma das coisas mais lindas que me aconteceram na vida. Foi realmente belo. Aquela juventude queria que eu me tornasse uma espécie de guru para eles. Então lhes perguntei: "Mas, e o conflito de gerações? E a diferença de idades?" Sua resposta foi que, com gurus, esse problema não existe! Será que existe com padres e freiras? Isso foi naqueles anos em que os *hippies* começaram a vir até nós, aqui em Madonna House. Estavam procurando alguma coisa essencial. Estavam com fome de Deus. Muitos deles

se apaixonaram pela Mãe de Deus. Muitos se livraram das drogas.

Ora, se um diálogo com uma pessoa da minha idade pôde fazer bem àqueles jovens, que não teriam feito pessoas mais jovens, ancoradas numa fé sólida, num grande amor a Jesus Cristo e decididas a pregar o evangelho com suas vidas? Acho que já é tempo de parar com essas discussões sobre assuntos periféricos, para mergulhar, de alma e corpo, no abismo da fé em que tão poucos de nós desejam entrar! Sim, já é tempo e o tempo é agora!

PAUSA PARA REFLEXÃO

OS JOVENS PERGUNTAM...

O que têm vocês para oferecer-nos,
a nós em cujas veias corre
o sangue forte da rebeldia?...

Vocês terão, por acaso,
a chama ardente do sol
com sua luz penetrante,
capaz de acender em nós
desejos de um fogo diferente
que abrasa sem consumir?. ..

Vocês terão um vento
que encha nossas velas
e as leve, com galhardia,
por todos esses mares?...

Ou será que já estão todos apagados?
Ou será que nem chegam a ser brisa
e vivem numa eterna calmaria?

10. CRISTO NOS MEUS IRMÃOS

Tenho uma pergunta a fazer. . . Seria melhor dizer que tenho muitas perguntas! Aliás, na hora presente, não há quem não tenha a mente e o coração fervilhando de perguntas. Mas deixemos as outras, porque todas as que eu tenho convergem para esta: "Como poderei encontrar Jesus Cristo no meu irmão e na minha irmã se eu não conheço esse Cristo pessoalmente?"

Eu leio muito, muito mesmo. Em Madonna House todos lemos muito. Leio boa parte dos livros novos que saem e um número considerável de revistas e jornais da atualidade, com toda a sua imensa gama de assuntos e pontos de vista — liberais, conservadores, de esquerda, até um pouco dos subversivos... De todas essas centenas e milhares de páginas que leio, percebo uma tendência definida que está emergindo.

Trata-se de uma consciência social que está sendo reavivada, pouco a pouco, em nossos dias. O mundo parece estar acordando para a situação dos marginalizados e existe, no ar, um desejo que já começa a ser clamor, pedindo justiça interracial e uma justiça social que se debruce sobre os pobres, sobretudo nas nações do Terceiro Mundo. A diferença gritante entre nações ricas e nações pobres está causando um mal-estar generalizado, e os cristãos estão se convencendo de que é necessário ver e descobrir Jesus Cristo em nossos irmãos e irmãs.

Até aí tudo bem... Mas a situação se complica quando, ao lado de toda essa conscientização social,

percebe-se uma outra tendência ou convicção que se esboça com traços também bastante definidos.

Parece firmar-se, entre muitos cristãos, a idéia de que um contato pessoal com Cristo, através dos sacramentos da Igreja e das várias modalidades de oração que a mesma Igreja sempre ofereceu, é coisa obsoleta e ultrapassada. É exatamente isso que estamos notando: colocar a ênfase total na justiça social, na eliminação da pobreza, no aperfeiçoamento das relações pessoais em nível de família, de cidade, de nação e de mundo! E tudo isso quer dizer "encontrar o Cristo no outro". Então é necessário sair para misturar-se com os homens: ação e trabalho com mais ação e mais trabalho!

É exatamente aí que minha pergunta se torna angustiante: Como posso encontrar Jesus Cristo no meu irmão e na minha irmã se eu, antes, não me dou ao trabalho de conhecer esse Cristo pessoalmente? Acho que a consideração é muito lógica e pertinente. Para reconhecer alguém preciso antes conhecê-lo.

E que vem a ser este conhecimento pessoal de Jesus Cristo? É a própria essência da fé que está por baixo desta pergunta. O mandamento que recebemos do evangelho, saído dos lábios do próprio Cristo, é este: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Nesta ordem! Para amar alguém eu preciso conhecê-lo. Para conhecê-lo preciso encontrá-lo. Só depois de tê-lo encontrado é que poderei reconhecê-lo nos outros.

Nosso primeiro encontro com Cristo só se realiza dentro de nós, onde está o Reino de Deus, pela

presença e habitação da Trindade. Só pela 'jornada interior' da oração eu consigo chegar a esse Reino para conhecer o Rei! Além disso, tenho ainda a Eucaristia: "E eles o reconheceram ao partir o pão", como nos diz o evangelho, falando dos discípulos de Emaús. Eu o conheço também no abraço paterno que me dá quando volto do pecado, como filho pródigo arrependido, no sacramento da reconciliação. Eu o conheço pela unção do Espírito Santo, cuja missão é revelar-me cada vez mais os traços de Deus e as verdades da fé. Enfim, eu chego ao conhecimento de Cristo na oração, quaisquer que sejam seus métodos e modalidades, mas sobretudo na oração do silêncio interior do meu próprio coração. Agora, se tudo isso é ultrapassado, então não sabemos mais para que servem a Bíblia e o evangelho...

É bem verdade que posso aprender muito a respeito de Deus em livros e técnicas de disciplina mental; mas existe uma diferença muito grande entre saber "algo sobre Deus" e conhecê-lo intimamente. Tal conhecimento é uma revelação que só nos pode vir do próprio Deus.

Esta afirmação nos traz de volta à oração e aos sacramentos, porque é somente através dela e deles que eu entro em contato com Nosso Senhor. Os sacramentos me levam a um contato com Deus quase sensível e tangível. Partindo deles, nós levamos esse Deus nos braços, por assim dizer, e vamos apresentá-lo aos outros. Levamo-lo certamente no coração e saímos para mostrá-lo à humanidade. E aí se dá a grande reciprocidade: enquanto eu levo Cristo aos outros, eu o reconheço

também nos outros.

Para mim, este é o fundamento e a essência da vida cristã. Muitas outras idéias posso ter e tenho; mas são todas elas idéias periféricas. Assemelham-se às borboletas noturnas que ficam apenas girando "ao redor" da chama.

Ninguém me tira isso da cabeça: para amar a Deus nos outros, tenho de amá-lo dentro de mim primeiro, e um tal amor não vem automaticamente e de improviso! O amor ao próximo é fruto do nosso amor para com Deus e do nosso conhecimento desse mesmo Deus aprimorado e cultivado na oração. Sem isso, no nosso trabalho com o próximo, podemos ser "humanitários", não cristãos.

PAUSA PARA REFLEXÃO

ORAÇÃO QUE PROCURA

Eu te busco, Senhor, há tanto tempo,
com paixão e desejos incessantes...
no entanto me emaranho em teus mistérios!

Não há nada mais fácil que encontrar-te:
tu és "ele"... cada uma das pessoas
que tocam os meus olhos, no caminho.
Tu és o pão e o vinho, cada dia,
que na mesa da missa me são servidos...
No entanto, me emaranho em teus mistérios!

Meus olhos param, contemplando o irmão
e o estranho que passam em minha estrada.
Na patena dourada, o pão e o vinho
me levam a uma fé que é mais escura
do que a noite no fundo dos abismos...
Ah, sim, eu me emaranho em teus mistérios!

No entanto, sigo, pois o amor me impele
a encontrar a morada em que tu habitas,
mesmo que a fé me envolva, a cada passo,
nas mais espessas trevas subterrâneas...

Eu te busco, Senhor, há tanto tempo,
mas o túnel escuro não termina...
E quanto mais caminho nesse túnel,
tateando na noite, mais eu sinto
fome e sede de ti, meu Bem-Amado.
Peregrina do amor, aqui me tens
toda envolvida nesses teus mistérios,
buscando sempre a hora tão querida
em que se rasgarão esses teus véus
para que eu veja, enfim, a tua Face.

11. NADA PODEIS SEM MIM

De inúmeras maneiras Jesus Cristo nos diz no evangelho que ele é imprescindível para a nossa vida. Uma das frases que melhor expressam nossa dependência dele é esta: "Eu sou a luz do mundo". Qualquer criança entende a importância da luz para poder viver neste mundo.

Depois da vinda de Cristo, já não vivemos à sombra do pecado e da morte, a não ser que o queiramos. Podemos viver na luz. Materialmente falando, a luz é apenas um contraste com as trevas. Só apreciamos devidamente a luz porque conhecemos o horror da escuridão. Mas o grande problema do mundo é que, no plano moral, os homens gostam mais das trevas do que da luz, conforme o expressa São João no seu evangelho. Seria absurdo que as pessoas gostassem de viver às escuras, fechando janelas e cortinas para evitar a luz do sol e qualquer outra iluminação artificial. Infelizmente, essa atitude existe no plano moral quando se rejeita Deus e se opta pelo pecado.

Talvez em nenhuma outra circunstância o homem seja tão impotente como quando está na escuridão, sobretudo se não conhece o caminho. É a cegueira total, mesmo estando de posse de sua visão perfeita. Deixando de lado a escuridão do pecado, de que nos fala São João, também a fé representa uma caminhada no escuro, por regiões às quais não chega a luz da nossa inteligência. Mas onde não chegam os olhos da inteligência pode chegar a visão interior do amor e da fé iluminada pela graça de Deus. Esta graça pode curar nossa cegueira.

São Paulo, escrevendo aos hebreus, assim define a

fé: "A fé é a garantia dos bens que esperamos, a certeza das coisas que ainda *não vemos*" (Hb 11,1). Portanto, aí está a escuridão. Mas não se trata de uma escuridão permanente e definitiva. É como a situação de quem está dentro de um longo túnel. Eventualmente a luz vai surgir, lá na frente; só que demora um pouco. O importante é perseverar, porque só quem persevera será salvo (Mt 10,22). A dúvida mantém o homem dentro do túnel e intensifica a treva. Quando Jesus disse a Pedro que fosse até ele, caminhando sobre o mar, são Pedro se atirou às águas cheio de entusiasmo e tudo foi bem, no princípio. De repente veio a dúvida, e o apóstolo começou a afundar. A maioria dos homens não tem coragem nem para entrar no túnel nem para entrar no mar! De fato, são Pedro foi ao fundo porque teve medo; teve medo porque o amor não foi suficiente e, faltando o amor, falta também a fé, sua irmã gêmea. "O amor, quando perfeito, manda embora todo temor", diz são João (IJo 4,18) e ainda: "Não existe medo no amor".

Há uma estória muito bonita, curta e simples que ilustra bem este ponto. Durante um incêndio, uma criança gritava pelo pai, na janela do andar superior. O pai insistia com ela, gritando também, lá de baixo: "Pule! Pule!" "Mas eu não estou vendo você, papai"! A isto o pai respondeu: "Mas eu estou vendo você, meu filho! Pode pular!" No nosso mundo moderno, tão seguro da sua tecnologia e do seu progresso material, o homem só pula quando vê tudo claro a seus pés. A criança moderna — a humanidade é uma eterna criança — deseja ver não só o pai e seus braços estendidos, mas também o chão a seus pés. Sim, queremos tudo bem-preparadinho,

explicadinho, empacotado, endereçado e entregue em domicílio. Queremos examinar bem cada centímetro quadrado do fundo da canoa, antes de entrar nela, para ter certeza de que não há furo algum. É como se o homem usasse, falando com Deus, a famosa expressão americana: *Let's get organized*, vamos agir de maneira organizada! Acontece, porém, que Deus não quer entrar nos nossos esquemas de organização. Nós não podemos nem conseguimos manipular o Onipotente. Mas como tentamos fazê-lo!

Enquanto esta situação perdura, o mundo se contorce em agonia e grita, pedindo salvação. A humanidade pode não saber para quem está gritando e nem de onde virá a salvação... mas continua gritando! Jesus quer dizer "aquele que salva"; mas como salvar aquele que rejeita o Salvador? Como retirar do mar o afogado que luta contra o nadador que tenta agarrá-lo?

A única resposta possível e eficaz para os problemas do nosso mundo atual está antes de mais nada no reconhecimento de que tais problemas existem e na vontade sincera de encontrar-lhes uma solução. Em seguida, é preciso levantar os braços e pedir auxílio a quem nos pode dar essa solução. Esse alguém é só Deus. Sem Jesus Cristo, quanto mais nos debatermos nas areias movediças de nossos pecados, mais nos afundaremos nelas. Salvar o homem não é tarefa para gurus nem psicanalistas!

Temos de subir à montanha, como Moisés, e lá, de braços abertos na oração, suplicar a Deus a vitória para nossas lutas de cada dia e para a batalha definitiva da morte. Se mais pessoas estivessem

assim, de braços abertos, rezando pelo mundo atual, não haveria tantos lares desfeitos, tantos jovens perdidos nas drogas, tanta violência nas ruas, tantos atos terroristas ensangüentando nossas cidades, tanta imoralidade e irresponsabilidade infestando a televisão, o cinema e as revistas! Às vezes, ouço dizer que só um milagre salva esta nossa geração, ameaçada por tantos problemas! Talvez seja verdade; mas Deus pode e quer fazer este milagre, contanto que confiemos nele e nos voltemos para ele na oração.

Infelizmente, muitos cristãos só querem saber de ação e muita ação. Há um debater-se generalizado em muita ação frenética no campo apostólico, sem o respaldo de uma vida de oração. Esse tipo de ação vira tiro de festim! Não tem bala! Não atinge o alvo. Não salva ninguém.

O milagre pode acontecer, repetamos; mas é preciso subir à montanha da prece. Lá de cima daquele cume, nós o trazemos de novo à terra e o vemos de bacia e toalha na mão, purificando o mundo de seus males. Sim, a oração faz esse milagre!

Cristo não disse só: "Sem mim, vocês não podem fazer nada"; antes destas palavras vêm outras muito importantes: "Quem permanece em mim e eu nele, este produz muito fruto!" Permanecer em Cristo significa viver unido a ele pela oração e pelo amor: pelo amor que só se consegue na oração e só nela cresce e se aperfeiçoa. Leia-se todo esse maravilhoso capítulo 15 do evangelho de são João.

Ali fica bem claro que não é o dinamismo da nossa ação que salva o mundo, como não eram os esforços

dos judeus, lutando na planície, que lhe davam vitória. Cada vez que Moisés deixava cair os braços, os exércitos judeus começavam a perder! O que salva o mundo é nossa união com Deus. A oração é dinâmica. Quando e onde ela existe, necessariamente produz fruto. Quando e onde ela não existe, os galhos secam. Na medida em que nos aproximamos de Deus, também nos aproximamos dos homens, cheios dos frutos que colhemos em Deus e que ele deseja passemos adiante para a humanidade.

Desde o princípio deste livro, venho tentando apenas partilhar minhas impressões e não escrever um tratado sobre oração. Pois minha impressão é de que a oração é o ser humano, todo inteiro, nas pontas dos pés, num gesto de trampolim, ansioso para subir e unir-se a Deus, em resposta ao convite do seu amor infinito. Oração é uma resposta que pode assumir milhares de atitudes e posturas, desde a cabeça erguida com braços abertos, até a prostração, de bruços, sobre o chão. Mas a atitude interior é uma só: o impulso do coração que deseja estar com Deus. A oração pode ter a mobilidade da chama, a versatilidade do bailarino ou bailarina ou, também, a imobilidade quase granítica da pessoa concentrada no seu Deus. A oração pode ser balbucios rápidos de criança ou fala lenta e arrastada de velhice cansada.

Há os que corporizam sua oração em palavras, como no rosário, como nas orações impressas em livros ou imagens: é a oração dos simples, dos humildes. Há os que simplesmente meditam, de olhos parados, perdidos no seu Deus... Todos esses estão se

integrando numa arrancada cósmica em direção à salvação. O universo inteiro se inclina diante desses homens e mulheres que rezam, e as criaturas todas entram com eles nesta arrancada de salvação. O mundo adora a Deus em todos os que rezam.

Sim, Deus é o único caminho. A única resposta. E a oração é também o único trampolim que nos projeta em Deus.

PAUSA PARA REFLEXÃO

FOGO NEGRO

O silêncio do Teu Amor-Presença
encheu minha existência, sim; no entanto,
senti que a dor me comprimia o coração
envolvendo meu peito em faixas frias...

Um fogo diferente me queimava,
uma chama sem luz e sem calor,
mas que, entretanto, me aclarava a mente,
revelando, aos meus olhos interiores,
a feiúra sem nome do pecado!

Conhecendo, Senhor, tua beleza,
toda a tua infinita perfeição,
senti todo o meu ser se arrepiando
numa mescla de raiva do pecado
e de um imenso amor para contigo!

Ó grande e doce Amor tão sem defesa,
tão machucado e sempre perdando,
tão malcorrespondido pelos homens
que se deixam queimar e destruir-se
por outro fogo negro que é o pecado!

Eu gostaria de levar, contigo,
o peso dessa cruz de ingratidões
e sofrer, também eu, na minha frente,
a ponta dos espinhos que te pungem...
Mas eu sei que conheces muito bem
a miséria dos meus próprios pecados
e como é pouca, meu Deus, a minha força!

12.

A ORAÇÃO DE "BACIA E TOALHA NA MÃO"

Deus escreve certo por linhas tortas, diz o provérbio internacional, traduzindo Isaías (55,8): "Os meus caminhos não são os vossos caminhos". O que, talvez, pareça um caso desesperador para nós pode ainda ser uma esperança para Deus. Nos dias em que vivemos, há muita coisa que desperta a sensação de desespero, quando se olha o mundo pela lente dos noticiários.

Nós, que vivemos em nações desenvolvidas e ricas, pecamos e pecamos muito. É verdade que demos esmolas aos países pobres; mas o que demos foi de nossas sobras e, nunca, do nosso "necessário". Quando pecamos contra nossos irmãos e irmãs, pecamos também contra nós mesmos; não nos esqueçamos! Por isso é que Cristo nos alerta, no capítulo 25 de Mateus, que seremos julgados pelos pobres que não socorremos. Se o mundo pensasse mais no juízo final descrito por Jesus, sentiria arrepios na espinha. Mas qual! O mundo rico de hoje, como o de todos os tempos, tem a consciência anestesiada. Anestesia total! Perdeu a capacidade de sentir calafrios morais.

Diz São Paulo, escrevendo aos coríntios, que passarão a fé e a esperança e só ficará a caridade... Será mesmo? Com todo respeito ao querido apóstolo, eu me pergunto se ainda há esperança de alguma caridade neste mundo! Realmente, que caridade pode restar depois que escravizamos e brutalizamos e marginalizamos nosso irmão negro? Depois que roubamos as terras e massacrados

nossos irmãos índios?

O "maior de todos os mandamentos" consiste em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Não sabemos amar o próximo, simplesmente porque não aprendemos ainda a amar a nós mesmos. Não valorizamos o que é realmente importante para nós. Quem não cultiva os verdadeiros valores do espírito não sabe amar-se: odeia a si mesmo. Por isso não é capaz de amar o outro! Nós, cristãos do século XX, não estamos mostrando a Face de Cristo ao mundo porque não a trazemos dentro de nós mesmos. Com os cristãos do início da Igreja a coisa era diferente: eles se valorizavam à luz da sua fé e todo o resto passava a não ter importância, a tal ponto que davam a vida em defesa dessa fé. Os pagãos ficavam impressionados com a sua caridade, exclamando entre si: "Vede como eles se amam!"

Diante de uma tal situação, humanamente falando, não há base para esperança. No entanto, nós a temos! Sim, temos esperança porque o Senhor arrou o campo, plantou a semente e regou-a! Por isso, apesar de tanta miséria ao redor de nós, podemos também observar muitas plantinhas novas que crescem nos corações: é o espírito de oração que está brotando aqui e ali, não apenas nos conventos e comunidades religiosas, mas também na vida de homens e mulheres que cruzam diariamente nossas ruas, entrando e saindo de fábricas, lojas e mercados. Muitas dessas pessoas estão rezando em seus corações e encontram tempo para uma pausa em suas vidas, a fim de meditar um pouco sobre o amor de Deus e o sentido da vida eterna.

Vejo muitas pessoas que se dedicam a servir aos outros no silêncio, no escondimento e na simplicidade. Nada de ação social frenética, sem respaldo de vida interior. É um serviço tranquilo, prestado de pessoa a pessoa, como Cristo fez em sua vida. A vida de Jesus foi passada na oração e no serviço e ele mandou que fizéssemos como ele fez, depois de lavar os pés dos seus discípulos. Amar o próximo não quer dizer somente dar esmola; significa também estar disponível para "ouvir o próximo", tendo um relacionamento pessoal com ele. Isto é sempre possível, onde quer que vivamos, até mesmo nos grandes conjuntos habitacionais, prédios e condomínios, nos quais, muitas vezes, as pessoas mal se vêem, não se falam e nem se conhecem.

Aqui, voltamos sempre ao mesmo estribilho que, talvez, possa enfadar alguém, mas que é fundamental e nunca se repetirá suficientemente. Se cristianismo é *comunidade* — e tem de ser, porque é família dos filhos de Deus —, é impossível assimilar o seu espírito se não nos voltamos, a cada dia e a cada hora, a essa comunidade primordial: à Trindade que nos habita. A corrente de braços dados, na caridade cristã, só terá efeito se, primeiro, eu estender meu braço a Deus na oração e, depois, o outro ao próximo na caridade e no serviço. O braço estendido ao próximo cairá, sem forças, se não receber energia de amor do braço que se estende a Deus.

Essa oração de *amor e serviço* é a única que põe termo à arrogância, inimizade, egoísmo em todas as suas manifestações. No coração da oração, o amor tem de estar presente. Foi o que Cristo quis dizer quando nos aconselhou a deixar nossa oferta sobre o

altar e ir, antes, fazer as pazes com nosso irmão. Oração sem caridade é repuxo sem pressão: as águas não sobem!

É de grande importância desenvolver em nós a hospitalidade do coração. Não adianta abrir a porta da casa, se deixamos fechada a do coração. Isto não é fácil, porque supõe a aceitação dos outros do jeito que eles são, sem julgá-los, sem condená-los e acolhendo-os com profundo respeito. Na Rússia, temos uma saudação tradicional que diz assim: "Meu irmão é minha vida e minha irmã é minha alegria". Não faça perguntas ao encontrar um novo irmão ou irmã; abra os braços e acolha-o. Depois disso, Deus se encarregará de revelar-lhe tudo o que precisa saber a respeito dele ou dela.

Essa atitude de, sempre e em toda parte, viver abrindo o coração para o outro é uma das lutas mais árduas da vida espiritual. E a razão é muito simples: temos de esvaziar o coração — a famosa *kénosis* — de tudo o que não é Deus, a fim de que haja lugar para o próximo dentro de nós. Isto significa a quebra dos ídolos e a pobreza total.

Inúmeras são as pessoas que me fazem perguntas a respeito do que seja pobreza... Pois ela é, fundamentalmente, o que acabo de dizer: não ser dono nem do próprio coração, que a gente deixa aberto, para que o próximo possa entrar, como se fosse sua casa, sem tentar barrá-lo dizendo: Ei! Espera aí! Como é que vai entrando assim, sem mais nem menos? Isso não é casa da sogra não, viu?" Sim, isto é pobreza! Não ter nenhuma porta para fechar. Não ser dono de nada, nem de si, nem da própria vontade! As coisas de Deus são muito

simples; *nós* é que somos complicados.

Mas que felicidade quando se chega a esse estágio! Tornamo-nos, então, pessoas de "bacia e toalha na mão", indo de próximo em próximo, de pé em pé... lavando, enxugando e beijando. Aí é que a oração adquire sentido e plenitude. Aí também é que ela se torna cada vez mais aceita por Deus.

Eu ousaria dizer que a solução de todos os nossos problemas econômicos, políticos e sociais está aqui: "bacia e toalha na mão"! A resposta para todos os males — e são tantos que nos causam arrepios! —, a solução para todos os problemas da hora presente só se encontra nesta oração de amor, de serviço e de perdão: no meu perdão e no meu amor a você; no seu perdão e no seu amor a mim! Enquanto isto não acontecer, o mundo continuará matando, massacrando, explorando... Os pobres continuarão cada vez mais pobres, ao lado de ricos cada vez mais ricos. Os jovens continuarão cada vez mais drogados e o amor continuará sendo sufocado e assassinado por essa onda cada vez mais nauseante de pornografia, permissividade e sexo livre, que já está atingindo até as crianças.

Talvez esperem que, para terminar este capítulo, eu diga: "Vamos juntar as mãos e rezar, gente!" Não; eu prefiro dizer: "Vamos pegar uma bacia e uma toalha, gente!"

PAUSA PARA REFLEXÃO

O CRISTO SOLITÁRIO

Meu Cristo sozinho, perdido nas praças,
nas ruas famosas, nos antros de jogo,
nos filmes pornôs e nas casas do vício
que os homens batizam: "recantos de amor"...
Por que te fizeram virar "trombadinha",
ladrão favelado, pivete sem nome?

Meu Cristo sentado na Quinta Avenida,
em Copacabana, Avenida Paulista,
nos Champs Elisées ou na Calle Florida,
olhando os ricos que passam nos carros,
dinheiro no bolso e vazio nas almas...
Olhando e sofrendo e em vão procurando,
nos homens de agora que passam nas ruas,
a Imagem do Pai que os pecados sujaram...

Ah, quanto tristeza que eu vejo em teus olhos,
enquanto contemplam os homens que correm
sedentos, famintos, em busca do amor,
da paz, da alegria que nunca conseguem!

No entanto, lá estás, bem no meio das turbas,
tão rico de amor, de alegria e de paz
ansioso por dar esta imensa riqueza
a todo e qualquer que te peça, que pare,
erguendo-te as mãos em humilde oração!

Eu sei e tu sabes que os homens que correm
buscando dinheiro e buscando prazer
ignoram que a fome maior que os tortura
é fome de Deus e do teu grande amor!

Eu quero sair pelas ruas e praças,
gritando a essa gente que corre, sem rumo,
que pare um momento, a teu lado, e que te olhe
e encontre em ti a alegria e o amor
que jorram em teus olhos, florescem em tuas mãos!

13. QUANDO A PALAVRA É PÃO E VINHO

A missa, como renovação incruenta da Paixão de Jesus Cristo, torna-se a maior expressão do amor de Deus para conosco e a mais importante de todas as orações. Como manifestação de amor, ela atualiza e eterniza, no mundo, o Cântico dos Cânticos, numa espécie de "encarnação do amor" divino e do nosso, em *comunhão* perfeita. Aí Deus fala como esposo, e a humanidade é a esposa que responde e se une a ele. É nesse momento que a oração cessa e se revela o mistério do homem possuído por Deus na comunhão.

Um dia, durante a missa, veio-me a idéia de que nós "comemos" a palavra de Deus. Sinto uma alegria cada vez que comungo, exatamente por ter consciência do mistério que se realiza neste sacramento. Os símbolos e aparências de pão e vinho desaparecem e se dissolvem dentro da realidade do Corpo de Cristo, da Palavra encarnada. A missa tem um tremendo poder de unir-me a Deus e a toda a humanidade. Talvez seja por isso que, quando comungo do cálice, sinto dificuldade em soltá-lo. Agarro-me a ele como se fosse minha vida, porque não vejo mais vinho dentro dele e sim apenas o tremendo mistério do sangue de Cristo por mim derramado.

Houve um dia em que me surpreendi dizendo a mim mesma: "Catarina, você se alimenta da palavra de Deus! Sim a Palavra pode ser comida!"

Há uma passagem na Bíblia em que um anjo diz ao profeta para comer o livro que continha as palavras que ele devia transmitir ao povo de Deus: "Abre bem

a tua boca e come o que te vou dar. Olhei, então, e eis que u'a mão se estendia para mim e nela havia um livro em forma de rolo. E o livro desenrolou-se diante de mim e vi que a escritura cobria ambos os lados... E disse-me: 'Homem, come este livro e, depois, vai falar aos filhos de Israel' " (Ez 2,8-10; 3,1).

Não é bem esta a experiência que estou tentando descrever; não é tanto o caso de você "comer" a palavra, mas sim de deixar que ela o penetre, enchendo-lhe a alma e o coração. Na missa você lê a palavra de Deus; mas é esta palavra que o absorve.

A palavra de Deus está intimamente relacionada com o conceito de união, muito mais do que possamos expressar. Ela está relacionada com *Sobornost*⁷, que exprime o conceito de unanimidade total de coração, mente e espírito sob a ação do Espírito de Deus.

"No princípio era a Palavra... Tudo foi feito por ela", diz são João no prólogo do seu evangelho. E eu me vejo, de repente, transportada a este princípio, entre Adão e Eva, unindo-me a Deus, meu Criador. Enquanto me aprofundo nesta meditação ou contemplação, trasladada à aurora da criação, chego a espantar-me, ao ver até que ponto me uno e me deixo absorver por essa Palavra Criadora. Ela me penetra e torna-se parte de mim e eu a irradio a meu redor, ou melhor: ela me enche e eu transbordo para as pessoas que me cercam e convivem comigo. Ou será ela que transborda? Não sei, porque, nessa altura, a união se consumou a tal ponto que não

⁷ *Sobornost*, palavra muito conhecida nos livros de espiritualidade, e também o título de um dos livros de Catarina, traduzido por nós, na Edições Paulinas, com outro título: *União na fraternidade* (N. do T.).

percebo mais a diferença.

Uma vez assim absorvida pela Palavra, ela prega e anuncia a Boa Nova através de mim. Já não sou eu quem anuncia; é a Palavra que anuncia em mim, transbordando de minha vida. O desejo de São Paulo se realiza em vida: sou "dissolvida na Palavra". Desapareço nela e, assim, estou com Cristo.

Desde meus tempos de criança, vivi numa espécie de atmosfera bíblica. Em Madonna House, a cada ano que passa, eu sinto que mergulho, cada vez mais fundo, no mar das Escrituras, respirando a Palavra de Deus quase mais do que o ar.

Este hábito de viver "respirando" a palavra de Deus no Livro Santo, pela meditação e leitura diárias, desencadeou dentro de mim um processo de identificação com a Palavra, o que quer dizer união com Deus. Dessa maneira, eu me apanhava dizendo com frequência: "Tu caminhas em cada passo que eu dou e cada gesto meu se torna um gesto teu!" Uma atitude dessas está já para além do "abandono", para além da *kénosis*, porque Deus já encheu o nosso vazio. Tudo isso porque eu "comi" a Palavra e ela se tornou parte de mim. Um dia eu exclamei, falando com Deus, durante a missa: "Muito bem! Se é isto que queres, que assim seja: eu deixo de existir para que sejas tudo em mim".

Ainda sou humana, claro; ainda vivo com os dois pés bem plantados nesta terra; mas o alimento que me vem da Palavra, lida e meditada, dá-me força para superar as contingências inerentes a esta vida e irradiar a Palavra em cada ação. Quase todos os meus velhos temores me deixaram, porque me

alimentei da Palavra e ela me libertou.

Todos nós vivemos assediados de temores, dúvidas e rejeições. Mas esta Palavra de amor e de verdade nos liberta de tudo isso. Então, a solução é fácil: basta que nos alimentemos dela, na Bíblia e na Eucaristia, para que essa Palavra encarnada se torne o nosso médico, que não veio salvar os que estão bem de saúde, mas os doentes (Mt 9,12).

A missa continua a ser a oração principal da vida cristã, porque nela nós nos alimentamos com a mensagem bíblica, Palavra inspirada, e com a Eucaristia, Palavra encarnada, que, no capítulo sexto do evangelho de João, deixou-nos esta frase: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele" (Jo 6,54). Esta frase escandalizou profundamente os judeus e continua a assustar muitas pessoas que não têm fé; mas ela é fundamental para quem deseje alimentar-se espiritualmente e aceitar a palavra de Deus sem reservas e sem cortes.

PAUSA PARA REFLEXÃO

O ETERNO AMANTE

Por que nos amas, infinito Amante,
a nós, pobres mendigos deste mundo?
E eu, pequeno torrão que se faz pó,
por que me sinto assim sempre sugada
pelos ventos do teu eterno amor?

Eu sei que faço parte de uma turba
de almas e corações, ovelhas tuas:
sei que por cada uma estás disposto
a morrer novamente, numa cruz,
às três horas de alguma sexta-feira...

Que exultação me vem ao pensar nisto,
ao refletir que sou assim querida,
a ponto de um Deus querer escolher-me
para ser sua esposa, irmã e filha...

Olho no fundo escuro de mim mesma
e vejo imperfeições, manchas e chagas
e me retraio toda envergonhada.
Mas teu divino olhar me purifica
com sua luz que é chama ao mesmo tempo.
E de novo tomas-me em teus braços
e me elevas a alturas infinitas
onde as minhas origens e meus nada
se perdem na voragem do teu fogo.

E eis-me pura, de novo, eis-me adornada
com jóias e colares, pedrarias,
para ser, finalmente, apresentada
ao palácio do Rei, o eterno Amante.

14. REZAR EM NOME DE JESUS

Quando se está apaixonado, a pessoa mais importante do mundo é o "ser amado"; os demais homens e mulheres passam a ser apenas "povo ao redor". Quando esse *ser amado* é Deus, ele tem de se tornar o centro de nossa vida, o Rei ao qual pertencemos inteiramente. Nosso "eu" deve, então, desaparecer, e a função da oração é exatamente fazer com que ele desapareça.

É conhecida a "oração do Nome de Jesus", muito usada pelos místicos orientais: *Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus Vivo, tende compaixão de mim*. Esta oração deveria bastar para alimentar toda a nossa vida espiritual, porque ela traz Jesus Cristo à nossa alma, aos nossos pensamentos e atividades. Ela consiste numa repetição amorosa do nome divino de Jesus, a fim de trazer a nós a presença adorável do Filho de Deus. Entre os judeus, o nome de uma pessoa é a própria pessoa. Eis por que está escrito no Novo Testamento: "Ao nome de Jesus todos os joelhos se dobrem" (Fl 2,10). Quando invoco, de alma e coração, este nome sagrado, é como se eu deixasse de existir, toda imersa na pessoa que está por trás desse nome.

Em qualquer sociedade, um nome continua a ser uma palavra de grande força. Há nomes que são presenças internacionais, mesmo séculos depois que a pessoa morreu. São nomes que marcam e definem um estilo de vida, um período da nossa história. Eles reavivam acontecimentos passados, dores, alegrias. Há nomes que nos chegam carregados de vibrações de beleza e paz; outros nos fazem encolher de medo. Diga o nome de Hitler e um calafrio me vem à

espinha. Diga Stalin e eu estremeço de horror... Mas se alguém pronuncia a meu lado o nome de Jesus, "ele vem acompanhado de uma grande manifestação de paz e alegria, porque todo nome é uma forma de presença", diz Paulo Evdokimov. Assim, pois, se você diz a meu lado o nome de Jesus, é como se fosse um passe de mágica: pronto! Deus está aqui e foi você quem o trouxe! E evidentemente, com este nome, coisas boas começam logo a acontecer!

Isto nos leva a pensar no grande pecado cometido por aqueles que usam este nome santo de maneira leviana e vã. Pior ainda é o pecado dos que usam o nome sagrado como exclamação blasfema. É importante que, nas famílias cristãs, as crianças comecem desde cedo a ter um grande respeito e um imenso amor a este nome do nosso Salvador.

Quando você diz Jesus, estas cinco letras já constituem uma oração. Todo o mistério do amor de Deus para com a humanidade está nestas letras. Elas evocam a grandeza e o mistério da história da salvação, a doçura infinita do Natal, a dor da paixão e morte que nos deram vida e o júbilo da ressurreição gloriosa, que garante a nossa própria ressurreição. E quanta outra beleza este nome não nos traz!

Quando se começa a rezar a oração do Nome de Jesus, ela entra no ritmo da vida, no ritmo da respiração, no ritmo das batidas do coração. É exatamente isso que acontece: o nome do Salvador se transforma num ritmo de vida, numa oração permanente que se faz quase inconscientemente, como o arfar de nosso espírito ou a sístole e diástole do nosso coração. A partir do momento em que você

o chama, ele vem e fica a seu lado, porque "suas delícias consistem em permanecer ao lado dos filhos dos homens" (Pr 8,31).

Nesse tipo de oração, que consiste em repetir o nome santo, não quebre a cabeça numa preocupação muito grande de concentrar-se. Eu posso estar rezando a *oração de Jesus* mesmo que minha mente esteja examinando um vestido ou um chapéu numa butique. O pensamento de uma pessoa ou de um acontecimento pode aparecer enquanto você está repetindo pausadamente o nome do Salvador. Não se impaciente. Não tente espantar o pensamento como quem espanta moscas. Simplesmente continue a dizer: Jesus, Filho do Deus Vivo...

Os cristãos russos nada sabem sobre ioga, mantras e respiração ritmada; nem os monges gregos antigos sabiam nada disso; entretanto, já rezavam a oração do nome de Jesus neste mesmo estilo. Foi desses monges gregos que os russos aprenderam a rezar assim: "Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus Vivo, tende compaixão de mim que sou pecador". E isso repetido pausadamente uma e dez e muitas vezes. Não se faz isso de uma maneira consciente, isto é, *com esforço* de atenção concentrada; esta oração, para ser eficaz, tem de sair naturalmente, como uma respiração do espírito. Ela não é *feita*; ela acontece. Não é a pessoa que faz a oração; é a oração que *suga* a pessoa. Assim deve ser a oração do Nome de Jesus.

PAUSA PARA REFLEXÃO

NO MEIO DA NÉVOA

Senhor,
estou perdida em tua imensidade
e não posso encontrar suas fronteiras.
Não há ninguém que aí me possa guiar,
a não ser que tu mesmo me conduzas...

Não me sinto "perdida" como os homens
que se perdem no escuro labirinto
de vícios, de pecados e amarguras...
Estou perdida em tua imensidade!

Jamais pensei, meu Deus e meu Senhor,
que fosse assim tão vasto e sem limites
este teu coração de Pai e amigo!
Ah! que tolíce a minha pensar
que, ao entrar no teu mundo de ternura,
um dia eu acharia alguma cerca
delimitando o amor, que é infinito!

Deveria saber que teu abraço
envolve terra, céus, mares e estrelas.
Deveria saber que este universo
não é mais que um brinquedo em tuas mãos.
Deveria saber que os bilhões de astros
que enfeitam nossas noites consteladas
não são mais do que o pólen luminoso
da imensa flor do teu amor divino!

Posso ver-te brincando co'as estrelas
como bolas de vidro colorido
tilintando nas mãos de uma criança...
Mas me sinto perdida em teu amor,
tentando, com palavras incoerentes,

iguais a balbucios infantis,
contar aos que me cercam, neste mundo,
como é que vim parar em tua órbita,
girando, pequenina, ao derredor
deste tremendo sol que é teu amor!

Pensei que este teu mundo fosse a paz
de um descanso tranqüilo, de um vazio
onde alguém flutuasse como pluma...
Mas qual! O teu vazio é intensidade
de oração que se torna chama e luta.

Agora sei, Senhor, que me atraíste
para rezar em mim, pela presença
do teu divino Filho em mim rezando.
Estou perdida, sim, na imensidade
dos espaços eternos deste amor
ou deste coração maior que o mundo.
Só agora eu vi que, neste espaço,
"suspendem-se os sentidos" e eu flutuo
como num vácuo puro e rarefeito
onde o ar que se respira é tão sublime
que só se absorve com pulmões de prece!

Não! Não ficam suspensos meus sentidos,
mas alertados, sim, e transbordando
toda a pureza e amor que de ti captam.

Depois que me sugaste a tais alturas,
reaprendo a caminhar... como criança,
erguendo para ti as minhas mãos,
pedindo auxílio e suplicando apoio.
Mas, em vez de apoiar-me, tu colocas
nas minhas mãos um peso gigantesco:
a tua própria Igreja, meu Senhor!

Nunca pensei que fosse tão pesada

nem tão ferida assim a tua Igreja,
retalhada de chagas como tu
e como tu também crucificada.

Eu não sabia, Deus, que tua noiva
também recebe açoites e a coroa
de espinhos que lhe punge a fronte pura!
É esta a "outra face" de tua noiva,
o semblante de dor e sofrimento
que pouca gente, neste mundo, vê?
Mas tem de ser assim: é tua esposa,
nascida do teu peito alanceado.

Talvez assim não devesse ser,
pois morreste na cruz para que a dor
e o pecado sumissem deste mundo
e todos nós, libertos por teu sangue,
pudéssemos gritar esse "Abba, Pai",
chamando nosso o que é também teu Pai!

Mas nós, humanos, de cerviz tão dura,
fechamos os ouvidos à tua voz.
As lições que deixaste no evangelho
mal chegamos ainda a soletrar!

Sáímos por aí, buscando o ouro,
riquezas e prazeres subterrâneos...
Por isso a tua Igreja, ela também,
morre na cruz contigo cada dia.

E a mim, agora, ó Deus, tu me revelas
um pouco deste teu grande mistério...
Mas quem sou eu? Tu sabes e eu também:
uma pobre ninguém que não tem pátria⁸,

⁸ Referência óbvia à sua condição de refugiada de guerra e à rejeição que enfrentou durante muitos anos, tanto no Canadá como nos Estados Unidos (N. do T.).

que não pertence mais a terra alguma,
talvez para poder, de certo modo,
ser de todas as terras deste mundo.

Senhor, estou perdida em teu mistério,
carregando nas mãos a tua Igreja...
Não sei aonde vá nem o que faça,
só sei que estou no mundo do infinito
ou no doce infinito do teu mundo!

Guia-me tu, portanto, se não queres
que eu pereça, em segundos, esmagada
sob este peso imenso de tua noiva!

15. O GRANDE POÇO DO SILÊNCIO

A oração começa no momento em que nos voltamos para Deus. Isto pode acontecer na infância ou em qualquer outra fase da vida, quando uma pessoa descobre a presença de Deus a seu lado, na caminhada. Simultaneamente, descobre também o que é oração. No momento dessa descoberta, as Sagradas Escrituras se transformam em *cartas de amor* vindas do céu: milhares delas, para ser lidas e saboreadas, meditadas e absorvidas tão integralmente que a pessoa quase se identifica com as palavras sagradas. A leitura da Bíblia se transforma numa conversa com Deus; uma conversa que nunca termina porque cada frase apresenta uma nova riqueza e convida o coração para um amor maior e mais intenso. Então se aprende a *rezar a Bíblia*.

O hábito de rezar as Escrituras Sagradas traz silêncio à mente e ao coração. As palavras deixadas a si mesmas podem gerar uma tremenda confusão; por isso a Palavra de Deus deve ser lida em união com ele, lentamente e com perseverança. A Bíblia, lida dessa maneira, vai penetrando todo o nosso ser. Pode ser que a gente nem seja capaz de citar o capítulo ou versículo certo; mas isso pouco importa, porque o conteúdo deles entra no nosso coração e entra todo iluminado com as luzes do Espírito Santo. Este é o momento em que exclamamos felizes: "Que beleza! É exatamente o que eu procurava. É assim que Deus fala!"

No que me diz respeito, tenho uma crença e convicção quase infantil de que Deus me fala exatamente assim, pela "tabela" das Escrituras.

Quando ele nos fala diretamente, é grandioso demais e quase assustador; mas quando nos fala através do Livro Santo, não assusta ninguém.

Suponhamos que você esteja pensando em alguma coisa que lhe tira a paz e o atemoriza; leia então a Bíblia e encontrará passagens em que Deus manda os profetas reunirem o povo para "discutir o assunto" com ele. Com freqüência, nessas reuniões, o Senhor recrimina o povo e o chama de cabeça dura e se queixa de que o honra com os lábios, mas tem o coração longe dele! Pois é isso que acontece conosco quando lemos sua Palavra nas Escrituras: são momentos de deliberação, de reflexão e, muitas vezes, são momentos em que Deus nos repreende pelo nosso modo de proceder contrário à sua Lei ou ao seu amor.

Todas as palavras da Bíblia são "grávidas" de sentido e de mensagem. Poucas vezes pensamos nelas sob essa luz, mas a verdade é que estão pesadas de sentido. Aliás, toda palavra é assim: leva uma carga de bondade ou de maldade dentro de si. Umam chegam a nós cheias de Deus; outras carregam satanás consigo. Muitas das nossas palavras vão cheias de nós mesmos. Quando isto acontece, tornamo-nos vulneráveis demais e alvo fácil para o demônio, porque não podemos estar cheios de nós mesmos, pelo egoísmo, e dos outros, pela caridade, ao mesmo tempo.

Deus é, por excelência, *o outro* ou os outros, porque todos se encontram e se fundem nele. Quando rezo é sempre ele quem está diante de mim e, como diz o salmo, não consigo escapar dele por mais que tente esconder-me. Sua Palavra me faz deixar tudo para

segui-lo. É fantástica a força de atração desta Palavra, Ele se fez homem para que eu veja nele a humanidade inteira, com seus pecados, tristezas e alegrias. Em Deus, portanto, enquanto rezo, encontro também meu irmão e minha irmã que, desta forma, tornam-se a razão de ser da minha vida.

Sim, as palavras são grávidas de mensagem, e deve ser por isso que a Igreja chama alguns dos seus filhos e filhas para meditá-la no silêncio e na oração: desta maneira, enchem-se de mensagens celestes que procurarão passar adiante. É neste grande silêncio da contemplação e da meditação que aprendemos o discernimento dos espíritos que movem o mundo e os homens. É nele que nos familiarizamos com a palavra escrita e com a Palavra encarnada, na qual todas as demais palavras encontram seu lugar e seu sentido definitivo. É da Palavra encarnada, Jesus Cristo, que todas as palavras humanas derivam sua força e sua beleza.

No meu livro *Poustinia [Deserto vivo, no Brasil]*, procurei transmitir a meus irmãos algumas de minhas idéias sobre o silêncio do coração. Deixem-me falar um pouco mais sobre este assunto. Um coração puro é um coração silencioso. Isto não quer dizer um coração que não fala, mas um coração que escolhe cuidadosamente as palavras e vela sobre tudo aquilo que diz. Esse é o silêncio do amor e das pessoas que amam. Meu coração é morada do silêncio: isso quer dizer que criei dentro dele um pequeno espaço, onde peso minhas palavras.

Igualmente, as palavras que me chegam de fora vão primeiro a este espaço interior, a fim de aí serem

avaliadas, não de acordo com minhas emoções ou sentimentos, mas de acordo com meu amor pelas pessoas que dizem tais palavras, conversando comigo. É este o *poço de silêncio* a que se refere o título deste capítulo: é aí que jogo todas as palavras maldosas e expressões que ferem e machucam a alma e o coração; todas as palavras que me faziam sentir rejeitada, abandonada... são também atiradas nesse poço. O silêncio de amor, vindo de um coração puro, examina com sabedoria tudo quanto me é dito e também me dita a resposta certa.

É como numa lavanderia, se me permitem a comparação. As palavras que me chegam de outras pessoas passam todas por um processo de limpeza e purificação e este trabalho fica por conta do amor, da fé, do silêncio e da esperança. Como resultado surge, em transparência de cristal, o que se conhece, em vida espiritual, com o nome de *discernimento*. Esse discernimento irradia de Deus; não vem de mim. Deus me revela o sentido das coisas, das pessoas e de suas palavras; ou melhor: Deus se revela a mim nas coisas, nas pessoas e nas suas palavras. Por que ele não se revela diretamente a mim? Não sei. Talvez por ser desígnio seu que tudo passe pelos outros e que "o homem se salve pelo outro homem". Ele quer, por exemplo, que eu me santifique pela aceitação de palavras ou juízos injustos, porque assim me torno semelhante a ele, que foi também injuriado e muito mais do que eu! Ele quer que eu me eleve até ele através de palavras de bondade e de justiça, como reflexos da sua própria bondade e justiça. Tudo isso cai nesse maravilhoso *poço do silêncio* que eu chamo de oração e meditação e daí sobe e me transforma

interiormente.

Cristo encarnou-se e morreu para tornar-me participante da sua natureza divina e co-herdeira do céu com ele. Para ter direito a esta herança, devo também passar por algumas das tribulações que ele sofreu. Este processo de "divinização" do homem é bastante complexo e Cristo a ele se refere quando diz que o "Reino do Céu sofre violência" (Mt 11,12). Todas as forças da redenção trabalham neste processo e nós entramos nele de corpo e alma, quando nossa vida se transforma em oração. Cada vez que a impaciência, a complexidade ou a emotividade tomam conta de mim, procurando distorcer o sentido das coisas, então desço ao meu "poço de silêncio", onde peso as palavras e situações e purifico meu coração e meus pensamentos. Repito, mesmo que possa parecer esquisito para alguns, esta é uma espécie de "lavanderia do espírito". Eu diria que este é também o purgatório da alma, no qual ela se purifica aqui na terra.

Cada vez que desço a esse poço de silêncio, torno-me mais caridosa, a ponto de desejar morrer pelos meus irmãos, porque a morte por amor é o único limite que Cristo fixa para a caridade cristã.

No grande silêncio da oração, aprendo a ser *aberta* — uma grande qualidade e uma grande virtude cristã, indispensável para poder viver em paz. A abertura é uma porta que nunca se pode fechar: uma porta sem dobradiças, por assim dizer. Não é bem uma porta; é um espaço aberto sobre o qual se lê: "Pode entrar, meu amigo. Aqui se fala de Deus com amor!" É assim que nosso coração deveria ser com respeito aos outros corações, e uma atitude

dessas só se consegue lá no fundo do silêncio da oração.

Aí a gente aprende que a porta do coração se abre para nunca mais se fechar: se alguém o feriu, terá de enfrentar e aceitar a ferida e, o que é mais difícil, amá-la! Com certa facilidade, aceitamos a ferida que nos vem de estranhos; mas a que mais nos custa aceitar é aquela que vem dos amigos. É a que mais dói! E, apesar disso, a porta não pode ser fechada! Abertura quer dizer que as pessoas podem entrar e sair, falar bem ou falar mal, elogiar ou criticar... E você não lhes pode bater a porta na cara! Tem de aceitar como Jesus, em silêncio, diante de Pilatos, de Herodes ou de Caifás! Sem direito de defesa! Sem defesa do seu direito!

Quando estamos assim preparados para a dor e o sofrimento, acontece-nos uma coisa muito estranha: a dor se transforma em alegria. Se estiver preparado para aceitar o insulto da pessoa que atravessa a sua porta, convencido de que você pertence a Deus e, portanto, seu destino está nas mãos de Deus, então verá como esse momento de humilhação se transforma em alegria! Quando você está preparado para o sofrimento, ele dói muito menos e tem uma influência muito maior sobre os outros. Seus frutos imediatos podem não ser visíveis, mas eles são uma realidade no plano da graça. É importante que nunca se perca de vista que o sofrimento é inevitável no seguimento de Jesus Cristo.

Evidentemente, não queremos dizer, como tudo o que aí fica a respeito de abertura e aceitação, que não devemos rejeitar certas coisas e lutar por outras. No plano da consciência, é preciso arregaçar

as mangas.

É no fundo deste silêncio-oração, silêncio-meditação, que aprendemos o valor das coisas, das palavras e das pessoas. Daí subimos à vida ativa para usar melhor as coisas deste mundo, escolher melhor as palavras das nossas conversas e tratar melhor as pessoas que possam cruzar nossos caminhos. Desta maneira é que se atinge a unidade cristã que Cristo pediu ao Pai para todos nós: *sobornost*, um só coração, uma só mente, uma só alma em Cristo Jesus.

PAUSA PARA REFLEXÃO

ORAÇÃO DO CONTRASTE

Ao tremendo fulgor da tua Face
atraíste, Senhor, o meu espírito.

Perdida, no poder de tanta glória,
eu sou apenas um pequeno *nada*
que tomou dimensões de eternidade,
porque reflete a luz do teu semblante.

O poder dessa glória luminosa
é tão grande, Senhor, que deveria
esmagar totalmente minha vida
se não me sustentassem o teu poder
e a estrutura de amor de tua graça.

És o Incomensurável, o Infinito
que, em ternuras humanas, se fez Cristo!

Ó Criador incriado, onipotente:
que tráfego, pergunto, pode haver
entre esta Majestade e o nosso pó?
Será que teu prazer é ver dançar
meu ser, como partícula de poeira,
suspensa no fulgor da tua luz?

Oh! não, a visão certa é diferente:
tua misericórdia e teu poder
têm o incrível prazer — quem o diria —
de me infundir um pouco de tua vida,
em mim, o pó que gira nesta luz
que se fez chama para aquecer o mundo...

Ao tremendo fulgor da tua Face
atraíste, Senhor, a minha vida.

16. QUANDO SE VAI A UM POUSTINIA⁹

Muitas pessoas, em todo o mundo, leram meu livro *Poustinia*, traduzido em doze línguas; parece, entretanto, que ficou uma idéia errada do que seja, realmente, a experiência que aí tentei descrever e aconselhar. Isso às vezes me entristece.

Em primeiro lugar, quando se vai a um *poustinia*, não se pode entrar com a *obsessão de rezar*. Leve apenas um livro para o retiro: a Bíblia, e não fique se martirizando com o pensamento. "Eu tenho de rezar! Eu tenho de rezar! Onde e como a Bíblia vai ensinar-me a rezar?" Nada disso. Simplesmente faça o sinal-da-cruz ao entrar, incline-se diante do crucifixo que lá deve estar e da imagem de Nossa Senhora. Depois diga a si mesmo ou a si mesma: "Que a paz esteja nesta casa e também comigo". É tudo!

Pode acontecer que esteja cansado da viagem ou de qualquer outra coisa. Não se pode meditar com o cansaço na alma e na mente. Descanse. Durma se tiver sono. Durma quanto quiser. Sentir-se-á melhor ao acordar e com melhor disposição para meditar. Se você foi ao retiro com boa vontade e com desejos de encontrar o Senhor, mesmo dormindo seu coração estará velando (Ct 5,2)!

Pode ser que sinta vontade de dar um passeio; pois faça-o, quer esteja no campo, quer na cidade. Seja natural! Oração é descanso do espírito, simplicidade

⁹ Este capítulo, obviamente, é dirigido, de modo especial, às pessoas que já leram o livro em questão (*Deserto vivo*) e, sobretudo, às pessoas que, depois de tê-lo lido, resolveram fazer a experiência russa do *poustinia*, em Combermere ou em qualquer outro lugar. O capítulo é válido e proveitoso para qualquer pessoa: basta que leia "retiro individual" em vez de *poustinia* (N. do T.).

e liberdade do espírito; é um relacionamento perfeitamente natural entre Deus, que nos amou primeiro, e nós, que procuramos amá-lo em troca.

Um dia, recebi carta de uma senhora que me dizia: "Fui a um *poustinia* e mal conseguia esperar pela hora da saída, porque minha cabeça ficou zunindo o tempo todo!" O que ela queria dizer, como explicou mais abaixo, é que sua cabeça era um imenso zumbido de preocupações e perguntas sobre o que deixara atrás e o que ia acontecer na frente... Claro que essa boa senhora tinha uma visão erradíssima da oração.

A estada de uma pessoa num *poustinia* deveria ser um ótimo "relax" para seu espírito. Nenhuma tensão pode ter lugar durante um retiro ou uma meditação. Se a pessoa está nervosa demais, no início do retiro, deixe que o próprio retiro a "relaxe": durma e descanse. Começará a rezar sem o perceber. Enquanto suas "águas interiores" não ficarem paradas, não refletirão a imagem e a paz de Deus que vêm na oração.

Para quem faz o retiro no estilo russo do *poustinia* propriamente dito, costumo dizer que divida seu pão em três partes; para o café matutino, para o almoço e para a ceia... Mas se lhe vem vontade de comer o pão inteiro, então coma-o! E tome também quantas xícaras quiser de chá ou de café. A lei fundamental do *poustinia* é a liberdade e a simplicidade. É importante que eu me sinta bem comigo para me sentir bem com Deus!

No *poustinia* não há estruturas. Se você estivesse num deserto real, sem ninguém ao seu redor, sem

relógio nem campainhas, qual seria o seu modo de proceder? Pois faça do mesmo modo no *poustinia*, porque a palavra quer dizer exatamente isto: *deserto!*

E o tipo de oração a ser feita? Há pessoas que levam grandes listas de nomes; querem rezar por centenas de amigos! Deixe as listas em casa. O Senhor conhece todos os seus amigos pelo nome e pelas suas necessidades internas e externas. Entregue-os simplesmente a ele, pedindo-lhe cuide deles! Pronto!

Seu trabalho principal é meditar. E o que é meditar? É uma espécie de namoro, se me permitem a comparação: é pensar na pessoa amada, Deus, no caso! Meditar é pensar em Jesus Cristo, nos seus interesses, nas suas palavras e atitudes. Tudo isto você encontra no Evangelho.

Mas rezar ainda é mais que meditar: é *contemplar*. Voltando à comparação do namoro, nem sempre os dois conversam um com o outro e, de certo modo, nem pensam um no outro; eles simplesmente *olham* um para o outro em silêncio... É aí que entra a essência do *poustinia*; no silêncio total da mente e do coração, a pessoa olha para o seu Deus, *contempla* o seu Deus. Não importa muito para onde ou para que coisa esteja olhando. Pode ser que esteja com os olhos fixos numa árvore, numa borboleta, numa flor, num crucifixo, na imagem de Maria Santíssima ou até num nó da madeira de sua mesa... O importante é que o olhar de seu coração esteja preso em Deus, seu Pai; em Jesus Cristo, seu Salvador. Isto é *poustinia*.

Nada de grandes considerações, teorias sobre oração

ou métodos de contemplação. A noiva, antes de abraçar seu amor, não fica perdendo tempo em cálculos sobre a maneira como irá abraçá-lo ou o tempo de duração desse abraço! Quem vai a um *poustinia* simplesmente se lança nos braços do Pai. E aí fica enquanto dura o amor. Assim... Sem estruturas!

Algumas pessoas estranham o fato de que, durante os dias que passam no *poustinia* não se vai à missa e comunga... Não se preocupem com isso. Durante seu retiro, você não vai à missa, a missa vem a você! A missa é o sacrifício redentor de Cristo, renovado simbolicamente. Pois esta redenção lhe vem na oração! Você comunga este Cristo na oração, de maneira espiritual, sim, mas muito real, muito profunda e muito imensa. Na contemplação do *poustinia*, Deus se torna uma hóstia para adorar e comungar!

Quando o silêncio interior e a oração se tornam um hábito, então chegamos ao que chamo de "*poustinia do coração*". Isso quer dizer que não importa mais onde estejamos, onde vivamos: há um deserto interior dentro de nós, onde nos encontramos perenemente com Deus. É aí e assim que atingimos o Absoluto. É aí que nos transformamos em oração, como ficou dito num capítulo anterior. Já não estamos rezando com os lábios, nem com a cabeça nem mesmo com o coração: todo o nosso ser está imerso em Deus numa grande oração que é um encontro de amor com ele, esse maravilhoso *rendez-vous* dos franceses que os ingleses tomaram emprestado para seu dicionário. São João da Cruz usou esta comparação em um dos seus poemas

místicos:

*"No coração da noite,
quando tudo se aquieta na casa,
eu saio de mansinho,
sem que ninguém me veja,
e vou ao meu Senhor
para o nosso encontro de amor".*

É nesse estágio que os nossos sentidos corporais "ficam suspensos", como dizem os místicos, porque você se transformou em oração e atingiu o Absoluto. Isto é *poustinia*. É a cabeça descansando sobre o coração de Deus, para escutar suas pulsações eternas que repercutem no mundo. Isso não pode ser entendido com a mente. Somente o coração consegue fazê-lo. Somente o compreende um coração que descanse sobre o imenso Coração de Deus!

PAUSA PARA REFLEXÃO

EM BUSCA DE REPOUSO

Ó meu Senhor da paz, guarda-me sempre
dentro desse teu grande coração.
Permite que eu repouse minha fronte
sobre teu peito, esteja onde estiver.

Podem meus pés correr de cá para lá
na faina das ações por teu amor;
podem as mãos, as minhas pobres mãos,
passar o dia retrançando coisas,
todas elas também por teu amor;
a minha mente, como lançadeira,
pode ficar tecendo, em seu tear,
mil pensamentos bons e mil bons planos
que visem promover a tua glória...

Mas que o meu coração, meu bom Senhor,
que ele descanse, assim, sobre teu peito
porque só assim serei abençoada.
Eu sinto fome deste meu repouso,
do meu descanso em ti, pleno e total.
O tempo passa e, em mim, a fome aumenta,
fome de solidão e de silêncio.
Este é um desejo enorme que me abrasa
como se eu caminhasse num deserto,
ardendo em sede, só do teu amor.

Dá-me, Senhor, a graça do silêncio,
o dom da solidão, mesmo que eu viva
entre homens e mulheres, multidões
me assaltando com gritos e com gestos.
Dá-me repouso e paz entre as ações

que teu amor me manda realizar.

Toma posse, Senhor, da minha vida
e guarda-a bem no fundo do teu peito,
na doce eternidade do teu peito.

17. ORAÇÃO E SOLIDÃO

Parece que a oração chegou ao nosso mundo moderno para ficar e, com ela, a solidão. Em toda parte se fala de "casas de retiro", "casas de oração", "centros de encontros": cursilhos, encontros de casais, encontros de jovens etc... Há uma fuga bastante freqüente para lugares de silêncio e de prece. Tem-se a impressão de que o homem e a mulher dos nossos dias não suportam mais o barulho e o tumulto desta vida moderna, derramada no consumismo e em outras coisas muito piores.

Será que essa fuga é simplesmente "fuga" ou "escapismo"? Falta de coragem e de estrutura para enfrentar as situações inevitáveis em que se tem de viver? Se for isso, então, mais cedo ou mais tarde, acabaremos constatando que fugindo dessas coisas e situações estamos tentando fugir de *nós mesmos*. E isso não funciona. Fugimos de nós mesmos no barulho e encontramos a nós mesmos, iguaizinhos tais e quais, no deserto e na solidão!

Por outro lado, há razões profundas para acreditar que Deus esteja realmente manifestando seu amor e sua vontade nesse novo "êxodo" espiritual. Como saber distinguir uma coisa da outra? Como concluir que não é simples fuga de nós mesmos, mas chamado de Deus? Movimento cristocêntrico?

Já houve muitas casas de oração que nasceram e morreram antes de crescer. Houve as que terminaram simplesmente como uma cisterna que seca; mas houve também as que desapareceram entre brigas e desentendimentos. Se me perguntassem a razão de tudo isso, eu não saberia

responder... Apenas digo que uma casa de oração não se pode manter nem ser *casa de oração* sem muito amor e muita paz!

Continuo perguntando: por que há tantas casas de oração ao redor do mundo? Talvez vocês me respondam: "Ora, essa! É só olhar para o mal e a corrupção das nossas cidades!" Muito bem, insisto eu, mas, se sou cristã, por que devo fugir do mal ao invés de ficar para enfrentá-lo? Acho que a resposta está em *como* se deve enfrentar o mal! Fugir completamente não resolve; mas fugir de vez em quando, para retemperar as forças e buscar *munição*, talvez seja a resposta!

Em outras palavras, a oração e a vida devem ir de mãos dadas. O grande teste de qualquer vida é sempre o mesmo: "Pelos seus frutos vós os conhecereis!" (Mt 7,20). A oração só poderá transformar o mundo se antes ela *me* transformar.

Segue-se que é muito errado falar de casas de oração e de *poustinias* como se somente aí se pudesse rezar! Não, não e três vezes não! Todos esses lugares de oração só terão sentido e só funcionarão como Deus quer se eu fizer do meu coração e da minha vida um *poustinia* e uma casa de oração! Começemos por aí. Tentemos antes encontrar a Deus dentro de nós mesmos porque assim será mais fácil encontrá-lo na solidão de uma casa de retiros. Começemos com essa "*jornada para dentro*"!

Insisto na importância de estabelecer uma diferença entre oração e solidão. Oração é um ato permanente e fundamental de cada cristão: é sua própria vida!

Oração é o coração que ama e, para isso, não precisa de solidão, assim como a alegria não precisa da solidão. Quem ama gosta de estar sempre só, ao lado do seu amor, mas não pode; deve partir para a ação e para o trabalho. Entretanto, continua amando na ação e no trabalho, que são aceitos e realizados por amor.

Oração é estar em contato com Deus e isso não precisa de solidão para existir. Portanto, deixemos bem claro que a solidão é indispensável para aprofundar nosso espírito de oração, mas ela não é indispensável para que a oração exista.

É provável que alguém, chegando ao fim deste livro, venha a dizer que a oração não se define: a oração se vive. E tem razão quem assim pensar. Realmente, ninguém é capaz de lhe ensinar sobre a oração com verdadeira competência; ninguém, exceto Deus. As pessoas, como estou tentando fazê-lo, podem tartamudear algumas frases que nunca atingirão a essência da oração que é, substancialmente, a presença de Deus numa alma e numa vida. Isto não pode ser comunicado em frases ou livros. Não existem "especialistas" em oração. Quando lemos os livros de santa Teresa de Ávila e são João da Cruz, ficamos absortos diante de tanta beleza mística e tanta união com Deus; mas, ao mesmo tempo, firma-se em nós a convicção de que tudo aquilo que lemos são experiências vividas, muito mais do que lições transmitidas. No fim da leitura, a gente acaba perguntando a si mesmo: "Mas... e eu onde fico?"

A oração é algo que, na sua essência mais íntima, não pode ser comunicado ou descrito. Algo assim como a intimidade do amor conjugal... E aqui estou

eu, de novo, voltando à grande comparação entre o amor de Deus e o amor humano. A culpa não é minha; é do Espírito Santo que inspirou a Salomão o Cântico dos Cânticos.

Quem poderá descrever a minha intimidade com Cristo, com quem eu converso, brinco, discuto, bebo uma xícara de café ou de chá?... Não; não há nada a fazer senão aproximar-se de Deus e esperar que ele mesmo nos venha ensinar!

Para tanto é indispensável que se crie o hábito de "interiorização". Uma vez conseguido este hábito, então é possível que Deus nos chame à bela solidão. Aí ele nos ensina que o silêncio e a solidão não são qualidades ou realidades externas, não são simples ausência de barulho. Silêncio é um estado de espírito, um *estado de amor*! Eu posso rezar em pleno tumulto de uma rua, desde que exista em mim o silêncio interior. Concordo que ajuda haver condições externas que favoreçam a paz e a solidão da alma e do coração; mas essas condições não precisam ser um mosteiro, nem uma igreja.

Existem portas e paredes à prova de som! A verdadeira união com Deus é algo assim: não há barulho que consiga atravessá-la ou perturbá-la!

PAUSA PARA REFLEXÃO

O AMOR SOLITÁRIO...

Estranho é teu mistério, meu Senhor!
Quanto mais eu te busco e me aproximo
deste infinito amor que me dedicas,
mais eu me sinto só e solitária.
Parece-me, de fato, ser tremendo (Dn 13,23)
não só cair nas mãos de um Deus que é vivo,
mas também nas de um Deus que é puro amor!

Basta-me a sombra só da tua Face
para oprimir meu pobre coração
com o peso de incertezas e mil medos!
Ah, sim, tua grandeza pesa muito
e, ante ela, o mundo inteiro é mera pluma!

E a solidão me invade; ela me envolve
com braços invisíveis que separam
meu ser do mundo inteiro, ao meu redor.
Ela desfaz e corta os laços que me prendem
às pessoas que eu amo neste mundo
e fico sem saber se me une mais
a ti que és meu Senhor e Salvador.

Ah, sim, tremendo amante, esta é a maneira
que tens para trazer um coração
aos pátios e salões do teu palácio,
para que aí, em lágrimas, se lave
e se cubra co'aquele manto escuro
da mesma solidão que tu sofreste!
Assim meu coração vai aprender
que é no estranho jardim da solidão
que floresce esta flor preciosa e rara:
o desejo de amar-te e conhecer-te!

18. O ESTRANHO PAÍS DA SOLIDÃO

A oração nos conduz ao termo da nossa "jornada para dentro" de nós mesmos.

Durante essa longa caminhada, a gente encontra um certo companheiro de viagem com uma cruz às costas... Não preciso dizer quem seja ele! Mais cedo ou mais tarde, começamos a ajudá-lo e a partilhar com ele o peso da cruz que passa também para os nossos ombros... É aí que entramos nesse estranho país da solidão.

É bom notar: a presença da paz precede essa entrada, e essa paz vem a partir do momento em que aceitamos a cruz de Cristo e nos deixamos crucificar também. Temos a nossa ressurreição, evidentemente, como se alguém nos tirasse da cruz. As feridas continuam abertas, mas já não doem.

A essa altura da caminhada, você se torna diferente, porque percebe que Deus existe. Claro que já sabia disso antes; mas sabia só com a inteligência, por assim dizer. Você sabia disso só com a inteligência e a vontade: as duas elaborando um ato de fé. Agora você sabe! Com todo o seu ser! Sobretudo com o coração. É o coração que lhe diz: *somente Deus tem importância*. Esta convicção pode ser terrível, aniquiladora, se você não passar antes pela crucificação.

Você agora é diferente, porque todas as pessoas fazem parte de sua vida e lhe pertencem, do mesmo modo como suas mãos e seus pés lhe pertencem. Ao mesmo tempo, você percebe que faz parte dos outros também e pertence a todos eles: você se torna pés e mãos de todo mundo. Mas, sobretudo e

mais que tudo, borbulha dentro de você, com a força e sinceridade de águas profundas, a convicção de que você pertence a Deus. Totalmente! Havia uma distinção entre você e os outros. De repente, essa distinção desaparece: todos somos um, como o Pai e Cristo são *um*. A demarcação dos limites é apenas espiritual, nascida de tudo quanto você viveu. Para isso não existe explicação possível. Você está no país da solidão.

Mas não se assuste, porque, misteriosamente, não é um país de tristeza e sim de alegria. É o país da união com Deus. É a terra da fome e sede de Deus. É a região maravilhosa em que ficamos pertencendo inteiramente a Deus e compreendemos, com plena lucidez, que só ele importa em nossa vida.

O segredo dessa terra de solidão é que nela a fome de Deus cresce dentro de você como uma espécie de fogo interior. Aliás, deixemos o "como": ela é um fogo dentro de nós. Na mesma proporção cresce também o nosso amor pela humanidade. Aí só temos um sonho, um desejo, uma paixão: levar as pessoas a Deus.

Infelizmente, porém, as pessoas não querem ir para Deus. Aí é que começa o tormento da solidão. Foi este o sofrimento de Cristo durante toda a sua vida: "Ele veio ao que era seu e os seus o rejeitaram", na frase dolorida do evangelho de São João. Este sofrimento do nosso Salvador vai atingir seu ponto mais alto na tremenda solidão do horto das Oliveiras.

Na solidão da prece, a gente conhece *um pouco* quem é Deus. É um conhecimento pequeno, sim, mas vem com uma grande paixão e um desejo

irresistível de levá-lo e apresentá-lo a cada homem e mulher que encontramos em nosso caminho. De repente, descobrimos que essas pessoas não querem ir para ele! Percebemos, então, que as pessoas estão dispostas apenas a dar "alguma coisa" de si a Deus, mas nunca a si mesmas!

É esse, pois, o tipo de caminhada no país da solidão. E aí ninguém pode tentar "manipular" as pessoas contra a sua vontade ou tentando enganá-las para aceitarem a Deus. Deus não o permite porque ele mesmo não o faz. E é sempre ele quem dirige tudo.

O país da solidão é a terra para onde Deus leva a alma quando quer falar-lhe ao coração, como diz Oséias (2,14). Portanto, só Deus nos pode dirigir a essa região sagrada e, ao mesmo tempo, todas as minhas necessidades devem concentrar-se exclusivamente em Deus também. Essas necessidades são a minha túnica de peregrino para a grande caminhada. Às vezes, ela é grosseira e incômoda como a pele de camelo de João Batista; outras, suave e macia como arminho.

Na solidão, aprendemos que, em geral, precisamos uns dos outros quase sempre de um modo diferente do que Deus quer. Precisamos ser aprovados, ouvidos e "necessitados". Precisamos atrair os outros para nós mesmos, a fim de impressioná-los com nossa inteligência, nossa experiência, nossas capacidades... Todas essas necessidades vão-nos caindo dos ombros, como roupa velha, e se tornam *necessidades inúteis*.

No país da solidão, a amizade se torna simples e alegre, porque todas as necessidades ficam

centradas em Jesus Cristo. Chego a um ponto em que até minha insignificância não tem mais importância alguma. Só fica mesmo o imenso desejo chamejante de levar tudo e todos a Deus, e um tal desejo reduz a nada todos os outros desejos ou necessidades. A essa altura dos acontecimentos, o coração humano se abre inteiramente para a posse total de Deus: para possuí-lo e por ele ser possuído. Aí é que entendemos melhor a afirmação de Cristo na parábola da vinha: "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5).

Quando se atinge esse estágio de vida espiritual, a gente parece reduzir-se a um estado de "não-existência"... As asas da inteligência se fecham, mas o coração se abre e a mente é toda iluminada por Cristo. A essa luz, entendemos as palavras misteriosas de santa Teresa de Ávila: "Eu e uma moeda de ouro não valem nada; mas uma moeda de ouro mais Jesus Cristo valem tudo!" Parafraseando essa grande doutora da Igreja: "Sozinha não consigo levar ninguém a parte alguma; mas se me deixo encher de Deus posso levar a ele o mundo inteiro".

A estrada que começou com o batismo e continuou, depois, na Eucaristia, na confirmação e na contemplação do Bem-Amado, finalmente me levou à paixão e à cruz: o país da solidão. É uma terra de paz e de alegria intensa, mas permanece a terra de solidão. Acho que é o último passo antes da união total com Deus... Porque muitos, talvez, são os que chegam a essa união, mesmo antes da morte, se o amor for suficientemente grande, se o coração souber abrir-se totalmente e se o próprio Deus quiser que isso aconteça...

PAUSA PARA REFLEXÃO

A SEMENTE

Eu era uma semente pequenina,
sementinha de trigo que lançaste,
divino Semeador, em tua terra,
nos sulcos do teu campo: a Igreja santa.
Morri mil mortes, lá no seio escuro
dessa terra sagrada, às vezes fria,
às vezes quente, aos raios do teu sol!
Mas foi morrendo assim que dei a vida.

Duas vezes pensei que era já tempo
de soltar as espigas, dando fruto...
Duas vezes, porém, as tempestades
dos ódios e desprezos congelaram
meu pobre grão no sulco do teu solo.¹⁰

Foi quando o grão já parecia morto,
que veio tua chuva carinhosa,
seguida pelos raios de teu sol.
Então frutifiquei e, em tuas mãos,
depositei meus grãos e minha vida
para morrer de novo e, assim, contigo,
viver sempre morrendo e, assim também,
viver multiplicando-me em teu Reino!

¹⁰ Estas duas vezes de aparente fracasso na vida de Catarina, foram, primeiro, em Harlem, o bairro negro de Nova Iorque, onde ela começou um trabalho social com os negros e sentiu a tremenda oposição do racismo dos brancos. O segundo "fracasso" foi sua decisão de afastar-se da direção das Casas da Amizade que ela mesma fundara, porque seus colaboradores principais começaram a dar a essa fundação um caráter que ela não aprovava (N. do T.).

Apêndice:
JORNADA PARA DENTRO¹¹

Meu espírito
estava faminto
de Deus
antes que se vestisse
de corpo.

Mas veio um tempo
em que ele se fechou
nesta prisão de carne
que sou eu...
E foi então
que meu espírito adormeceu.
E todo aquele que dorme
não sabe o que é ter fome.

Nalgum ponto, porém,
do caminho que passa
ao longo da existência,
pelo favor da graça
e sua onipotência,
minh'alma despertou.

A sua fome
agora
mudou-se em fogo imenso
que se consome,
que me devora
com seu calor intenso.

Esta chama sagrada
não me deixava mais

¹¹ A caminhada espiritual de Catarina está muito bem caracterizada neste seu poema que agora apresentamos em apêndice. Estas páginas finais representam também um fecho perfeito para este livro todo dedicado à oração (N. do T.).

ficar parada
um só momento
e eu só tinha repouso
no movimento.

Num movimento
constante
de corpo e pensamento
que me levou adiante
até chegar a Deus.

E foi assim estimulada,
sem voz de fora ou lei,
só com o fogo em meu centro
que, afinal, comecei
minha jornada
para dentro.

Jornada assim
longa e sem fim
é caminhada
que, desde o amanhecer,
todo homem ou mulher
deve empreender
se, em verdade, quiser
chegar a Deus.

Jornada ao longo de caminhos esquecidos
que não passam de trilhos,
sem rumos e sem brilhos;
retorcidos...
ora subindo,
ora caindo.

Jornada cheia
de mil curvas fechadas
e multidões

de encruzilhadas
que confundem as opções
e exigem paradas
para descanso.

Mas a fome de Deus
que eu levo comigo
não conhece descanso; ela é exigente!
Então eu sigo...
Ela é tremenda e persistente!
Então eu sigo...
cada vez mais para frente.
Ela é constante e forte!
Então eu sigo...
até a morte!

Jornada esquisita a minha
que, pouco a pouco, faz
com que, enquanto caminha,
minh'alma vá deixando para trás
toda a bagagem
que ela própria pegou para a viagem!

Pobre bagagem...
Já nem sei
em que ponto desta viagem
eu a deixei...
Ficou, talvez, esquecida,
abandonada
nalguma curva da vida,
nalguma encruzilhada.

Sem fardo algum, enfim,
estou agora.
Mas há peso demais ainda em mim,
carga que traz demora,

gera cansaço
e lentidão de passo.

Mas a fome interior, esta fome insistente,
continua a impelir-me sempre mais para frente.
Ela exige de mim mais lepeidez,
mais pressa,
como a dos corpos celestes.
É preciso, talvez,
que eu jogue por aí, peça por peça,
as minhas próprias vestes.

Ali, naquela pedra dura,
devo depor meu manto,
despir-me até desta quentura,
deste egoísmo que eu prezo tanto.

Sem este manto,
mesmo com o frio atroz
que me consome,
posso ser mais veloz
na maratona
deste caminho santo, desta fome
que me impulsiona.

Ali, naquele galho, eu vou deixar pendente
para sempre esquecido
meu amor-próprio, esse vestido
que tanto envolve a gente
com calor de excessivo carinho
e deixa o coração comprometido
com as flores que estão ao lado do caminho.

Ah... como o frio agora é mesmo horrendo!
Chego a tremer até!
Mas, pouco importa, pois estou correndo
tal como se tivesse uma asa em cada pé.

Naquela rocha, ali bem-abrigada,
urge eu deixe também minha roupa interior...
E lá fica, portanto, abandonada
esta auto-indulgência
com que trato tão bem minha própria
existência.

Aí fica, dobradinha,
esta ambição mesquinha
de amontoar, de ter!
E os sonhos de conforto e de prazer.

Bem a seu lado,
também eu deposito
num monte, assim desordenado,
tudo que em mim não é de Deus e do infinito...

E, agora, meu Senhor, escutai minha voz:
quereis que eu nada, nada mais possua?
Pois eis-me, então, aqui diante de vós,
bem-despojada e nua!

Mas uma asa eu trago em cada pé
e nada mais detém
minha marcha, esse ímpeto da fé
o qual, mais do que marcha, é meu vôo para o
Além!
Além das aparências deste mundo,
mas bem dentro de mim, bem cá no fundo!

Pobre de mim... que digo?
Eu que já, desde o começo,
mal consigo
dar dois passos sequer sem um tropeço!
Eu que escorrego e caio tanto
e tão a custo me levanto...
Eu sou tão preocupada com descanso,

e ando tão devagar nas minhas trilhas
que meu avanço
se mede mais em palmos do que em milhas!

No entanto, mesmo assim,
esta fome divina por meu Deus,
sem voz nem fala,
esta tremenda fome diferente
adquire som em mim,
como um chicote que estala
e me impele para a frente!

Mas, espere, eu tinha-me esquecido
de tirar a sandália
que o pé ainda deixa protegido
e tão bem o agasalha
contra espinho
e contra pedras do caminho.

Minha sandália, amiga dos meus passos,
que me envolve estes pés como em abraços,
como deixar-te,
última proteção de um corpo despojado,
último baluarte,
o forte derradeiro
para defender-me do Arco do Flecheiro,
o grande Amante e grande Amado!

Aí, agora, hesito
e meço a altura...
Olho o infinito;
a marcha é dura!

Contemplo o cume,
olho os caminhos,
penso no gume
de pedra e espinho...

Mas esta fome que me queima
é uma chama interior
de amor que em mim crepita
e, em persistente teima,
me impele e agita
para frente, sempre mais para frente!

É preciso avançar, nesta jornada interna
pela estrada que leva
para longe da treva,
ao face-a-face da Luz eterna
da qual, há tanto tempo, ando faminta.
E então... sandálias minhas?...
Vocês também devem ficar,
por mais que eu sinta,
ó coitadinhas!

Foram-se hesitações e cálculos e medos!
Arqueando o peito,
estendo para baixo os meus dois braços:
rápidos dedos,
talvez meio sem jeito,
desfazem os dois laços,
os dois frágeis cadarços
dessas sandálias
que ainda me prendiam como malhas.

Atiro-as para longe: uma à direita
e a outra à esquerda, tanto faz.
O que conta é a doação total, perfeita
que deixa os laços todos para trás!

Eis-me livre, afinal, e uma ansiedade
trepidante, feliz, emula agora
com minha grande fome e, na verdade,
nada mais, no caminho, os meus passos remora.

Sinto-me, assim, qual gigantesca ave,
desimpedida e nua,
inteiramente livre, sem entrave,
que, com asas nos pés, corre, voa, flutua!

Asas imensas, asas em festa
que me levam, de leve, sobre a aresta
de todas as pedras do caminho.
E os espinhos daninhos, sem carinhos,
abrem-se ante meus pés e dão passagem
para esta minha viagem.

A minha vida,
ei-la, agora, sem amarras e sem freios,
nua e despida
de tudo que a segura
na marcha para a altura,
sem ânsias nem receios,
intensamente impulsionada
pela fome de Deus, pura e sagrada!

E quanto mais eu nesta fome me concentro,
impetuosamente avanço sempre mais para
dentro!
Eu não sabia
que as subidas celestes
iam ficar, um dia,
tão fáceis como agora,
depois que minhas vestes
foram jogadas fora.

Neste momento eu sei, neste momento... quando
a minha fome interna está se saciando
em plenitude;
agora, quando estou
correndo pelos trilhos da virtude,

sem temor de pecados,
neste meu grande vôo
de pés alados,
sempre mais alto,
pelos caminhos escarpados,
sem sobressalto!

Sacia-te, sim, ó fome sem pecados,
para que eu possa, depois que tu me encheres,
ir saciar também todos os seres
com o resto desses pães multiplicados
que sobrarão em mim.

Meu espírito
estava faminto
de Deus,
bem antes, muito antes
que se vestisse
de carne...

Deus nunca espera em casa
o espírito que bate asa,
asa do coração, asa da mente,
em busca do seu mundo interior!
Deus desce... e sempre o encontro se efetua
a meio caminho,
desde a hora em que a alma impelida
por esta fome que por ele sente,
bem corajosa e decidida,
consente
em desnudar-se totalmente.

Este é o segredo
que o seu amor e que o seu Reino encerram
e que começa já aqui na terra,
aqui neste degredo.

Mas, o preço, repito inda uma vez,
é a total nudez
que exige a nossa fé!
Nudez que, em toda parte,
pede ao homem que descarte
até mesmo a sandália do seu pé!

Livros por Catarina de Hueck Doherty
em português

Disponíveis somente no Internet:

Alma da Minha Vida
O Evangelho sem Restrições
O Silêncio de Deus
União na Fraternidade

Disponíveis no Internet e também impressos:

Deserto Vivo (Poustinia)
Em Parábolas

Para comprar livros impressos, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

português@madonnahouse.org

Biografia de Catarina de Hueck Doherty
por Héber Salvador de Lima, S.J.

Apresento-lhes a Baronesa

Para comprar, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá